



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Fernanda Albrecht

Faz Sina Tua Diferença:
Alteridade em Lacan e Derrida e Ressonâncias na Prática Clínica

Florianópolis
2020

Fernanda Albrecht

Faz Sina Tua Diferença:
Alteridade em Lacan e Derrida e Ressonâncias na Prática Clínica

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do título de mestre em Psicologia
Orientadora: Profa. Dra. Mériti de Souza.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Albrecht, Fernanda

Faz sina tua diferença : Alteridade em Lacan e Derrida e Ressonâncias na Prática Clínica / Fernanda Albrecht ; orientadora, Mériti de Souza, 2020.

104 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. alteridade. 3. desconstrução. 4. psicanálise. 5. prática clínica. I. de Souza, Mériti. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Psicologia. III. Título.

Fernanda Albrecht

Faz Sina Tua Diferença: Alteridade em Lacan e Derrida e Ressonâncias na Prática Clínica

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por
banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Ana Lúcia Mandelli de Marsillac
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFSC

Prof. Dr. Rodrigo Otávio Moretti-Pires
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Profa. Dra. Andrea Barbará da Silva Bousfield
Coordenadora do Programa

Profa. Dra. Mériti de Souza
Orientadora

Florianópolis, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o abraço com o mestrado. Agradeço aos meus pais, Maria Aparecida Albrecht e Osnilo Albrecht, e a minha irmã, Bruna Albrecht. Agradeço também a minha orientadora de pesquisa, professora Mériti de Souza; a você psicanalista e participante desta pesquisa que aceitou encontrar-se com alteridade; e aos que participaram da qualificação desta pesquisa professora Ana Lúcia Mandelli de Marsillac e professor Rodrigo Otávio Moretti-Pires. Agradeço ainda aos colegas de *mestradesia*: Ligia Schwarz, Rafaela Pereira, Guilherme Silva dos Passos, Ana Paula Pereira, Gabriela Piuco de Amorim, Marielli dos Santos de Oliveira Bitencourt, Orlando Afonso Camutue Gunlanda, Vinicius da Rocha Barros; à professora Marcela de Andrade Gomes e à colega Bruna Corrêa.

“A partir destas chegadas únicas surge o desejo. Ele surge antes mesmo da ipseidade de um eu-mim que antecipadamente o transportaria pela própria chegada; ele surge como desejo de reconstituir, mas na verdade deseja inventar uma ante-primeira língua destinada a traduzir esta memória”.

Jacques Derrida em *O Monolinguismo do Outro ou A Prótese de Origem* ([1996] 2001, p. 93).

Trecho afetuosamente modificado.

RESUMO

A alteridade envolve a relação constitutiva do sujeito com e a partir do Outro, entendendo que trabalhar com a alteridade demanda o reconhecimento e o trabalho com a diferença. Essa perspectiva possibilita questionar sobre as concepções de alteridade elaboradas por psicanalistas que atuam na prática clínica. Dentro dessa composição, nosso objetivo direcionou-se a investigar a concepção de alteridade para psicanalistas que atuam no Estado de Santa Catarina, relacionando essa concepção com sua prática clínica. Para atingi-lo, propusemo-nos a analisar as concepções de alteridade em obras selecionadas de Jacques Lacan e Jacques Derrida, relacionando alteridade com a constituição do sujeito; analisar as possíveis relações entre as concepções de alteridade de psicanalistas entrevistadas e seu referencial teórico-metodológico que sustenta sua prática clínica. Trata-se de uma pesquisa em que a entrevista foi a principal ferramenta na composição do *corpus* e na qual pesquisadora e entrevistadas constituíram o fenômeno a ser investigado no processo do pesquisar. Utilizou-se como base os pressupostos teóricos da Psicanálise, com Freud e Lacan, recorrendo a conceitos como: *inconsciente*, *transferência* e *livre associação*. A esta perspectiva, acrescentou-se a filosofia de Jacques Derrida e seu trabalho com a alteridade, utilizando conceitos como: *différance* e rastro. Para a análise da linguagem, utilizou-se da proposta estabelecida por Jacques Derrida, chamada *desconstrução*, que sugere a leitura de textos a partir da crítica aos pressupostos da tradução hegemônica do conhecimento ocidental. A leitura com base na proposta da *desconstrução* questiona os binarismos, a lógica formal, a linguagem, bem como os pressupostos ontológicos e epistemológicos enredados pela modernidade. Este estudo se propõe a oferecer mostras de como psicanalistas lidam e trabalham com a alteridade. O trabalho de psicanalistas que lidam com o sofrimento humano e com o que se mostra diferente e fugidio, entendendo que só é possível existir alteridade na relação do sujeito com o Outro que o constitui, ofereceu mostras do processo, por vezes doloroso, de lidar com o que não se sabe, com a percepção possivelmente ilusória que se tem de um Eu substantivado no aqui e agora, linear e causal. A alteridade interroga o desejo, provocando dúvida, por diferir; bem como encantamento, por insistir em permanecer mostrando que é outra coisa. Entendemos que o trabalho com o diferente pede uma leitura que possa lidar com o que é da ordem da imprevisibilidade.

Palavras-chave: Psicanálise, alteridade, desconstrução, prática clínica.

ABSTRACT

Alterity involves the constitutive relationship of the subject with and from the Other, understanding that working with alterity requires recognition and work with difference. This perspective makes it possible to question the conceptions of alterity elaborated by psychoanalysts who work in clinical practice. Within this composition, our objective was to investigate the conception of alterity for psychoanalysts working in the State of Santa Catarina, relating this conception with their clinical practice. To achieve it, we set out to analyze the conceptions of alterity in selected works by Jacques Lacan and Jacques Derrida, relating alterity to the constitution of the subject; to analyze the possible relations between the conceptions of otherness of psychoanalysts interviewed and their theoretical-methodological framework that supports their clinical practice. It is a research in which the interview was the main tool in the composition of the corpus and in which researcher and interviewees constituted the phenomenon to be investigated in the research process. The theoretical assumptions of psychoanalysis with Freud and Lacan were based on concepts such as unconscious, transference and free association. To this perspective, Jacques Derrida's philosophy and his work with alterity were added, using concepts such as: *différance* and trail. For language analysis, we used the proposal established by Jacques Derrida, called deconstruction, which suggests the reading of texts from the critique of the assumptions of the hegemonic translation of Western knowledge. The reading based on the deconstruction proposal questions the binary, formal logic, language, as well as the ontological and epistemological assumptions entangled by modernity. This study aims to offer evidence of how psychoanalysts deal and work with alterity. The work of psychoanalysts dealing with human suffering and what is different and elusive, understanding that it is only possible to have alterity in the relationship of the subject with the Other that constitutes it, has offered evidence of the sometimes painful process of dealing with human suffering. which is not known, with the possibly illusory perception one has of a substantive here and now linear and causal self. Alterity questions desire, provoking doubt by differing; as well as enchantment for insisting on showing that it is something else. We understand that working with the different requires a reading that can deal with what is of the order of unpredictability.

Keywords: Psychoanalysis, alterity, deconstruction, clinical practice.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO E DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO | 25 |
| 2.1 | PESQUISAS E PSICANÁLISE | 25 |
| 2.2 | ENTREVISTAS E REFERÊNCIAS: <i>INCONSCIENTE, DIFFÉRENCE, TRANSFERÊNCIA, LIVRE ASSOCIAÇÃO</i> | 30 |
| 2.3 | ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DA LINGUAGEM: A <i>DESCONSTRUÇÃO</i> E A ENTREVISTA COMO TEXTO | 38 |
| 3 | TRANSCRIÇÕES ENTRE-VISTAS E LEITURAS | 45 |
| 4 | ALTERIDADE, TRADUÇÃO E HABITAR OUTRA LÍNGUA | 53 |
| 5 | ALTERIDADES, ARQUIVO E PRINCÍPIO ARCÔNTICO | 60 |
| 6 | ALTERIDADES, MODALIDADES DO OUTRO E OS LAÇOS SOCIAIS | 66 |
| 7 | ENCONTROS COM ALTERIDADES | 84 |
| 8 | CONSIDERAÇÕES | 93 |
| | REFERÊNCIAS | 98 |
| | ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) | 102 |

1 INTRODUÇÃO

*Se tivesse de arriscar, Deus me valha,
uma única definição da desconstrução,
breve, elíptica, econômica como
uma palavra de ordem, diria sem frase:
mais de uma língua¹ (DERRIDA, 1988).*

Falar em alteridade, em diferença, na condição do que é distinto, vem sendo escopo da ciência desde que a mulher e o homem se autorizaram a se mostrar seres da cultura curiosos, audaciosos, desejosos por mais conhecer e investigar o mundo que os rodeia. Criaram categorias afins, taxonomias, limites, classificações de acordo com semelhanças ou especialidades a fim de reduzir e separar o isto do aquilo. Enfim, criações que se propuseram a colocar em evidência a própria diferença. A mínima diferença pode ser pretexto para a criação de uma nova categoria. A diferença, se comparados dois ou mais elementos, pode ser apresentada como um resíduo, ou ainda, um rastro de que há algo ali que não se faz comum ou que se deixa escapar.

Imagine uma fala, num tom nervoso, em que uma menina batendo os pezinhos no chão, olhando muito séria para você, leitora², um tanto irritadiça, como você pode perceber, assim como eu também percebi. Com olhar delongado direcionado a você, num silêncio que antecede o que a menina vai enunciar; esse olhar perdura além do esperado. E lhe fala: “Eu quero dizer que não gostei de saber que quando a gente morre, a gente não sobrevive”. Este enunciado curioso, de certo caráter antinômico, ouvi de uma menina no contexto clínico, que parece esboçar limites, fronteiras e parece perceber sua finitude, algo que até então a menina não havia percebido. E, além disso, parece me pedir que decifre esse “estranho” que ela talvez tenha sentido ao pensar que chegará o momento de ser outra coisa (se é que já não chegou); uma coisa diferente do que vinha sendo até o momento.

Meu interesse em pesquisar a questão da alteridade, em especial na obra de Derrida e Lacan, é motivado pelo que me inquieta no cotidiano da clínica, em minha prática, por entender que só é possível existir alteridade na relação do sujeito com o Outro que o constitui.

¹ *Si j'avais à risquer, Dieu m'en garde, une seule définition de la déconstruction, brève, elliptique, économique comme un mot d'ordre, je dirais sans phrase: plus d'une langue.* DERRIDA, Jacques. *Mémoires pour Paul de Man*, Galillé, 1988, p. 38.

² Optei por escrever o texto a partir da linguagem generificada no feminino para não precisar recorrer aos binarismos ele/ela.

Penso que não somente meus ouvidos presenciaram a cena de escutar uma analisanda ao expressar: “Você não vai dizer o que eu tenho? Vai ficar aí calada?”. Como se a analista dispusesse de tal poder e pudesse saber do desejo do outro.

A alteridade diz respeito ao Outro, dito simbólico, e ao outro, dito semelhante, e rompe com o discurso do *mesmo* e da identidade, ocorrendo aqui tanto a crítica ao binarismo que opõe como pares opostos a identidade e o outro, o dentro e o fora; quanto o apontamento necessário da questão da diferença e de como ela é pensada na Psicanálise.

A alteridade envolve, por um lado, a relação constitutiva do sujeito com e a partir do Outro e, por outro lado, o reconhecimento e o trabalho com a diferença. É como se, ao subirmos escadas, tropeçamos. Os degraus-Outros não são semelhantes e nos causam a sensação de estranhamento, fazendo com que nós nos deparemos com o fugidio que está em nós.

Em referência às mulheres e aos homens, Lacan (2012) propõe que a própria diferença sexual se faz irreduzível, portanto é função de inconsciente. Na referência ao rastro, Derrida (1991, p. 58) vai propor um apagamento da presença, que remete a pistas ou marcas de algo que escapa:

Uma vez que o rastro não é uma presença, mas o simulacro de uma presença que se desloca, se transfere, se reenvia, ele não tem propriamente lugar, o apagamento pertence a sua estrutura. Não apenas o apagamento que sempre deve poder surpreendê-la, sem o qual ela não seria rastro, mas indestrutível e monumental substância, mas o apagamento que desde o início o constitui como rastro, que o instala na mudança de lugar e o faz desaparecer na sua aparição, sair de si na sua posição. O apagamento do rastro precoce (*die Frühe Spur*) da diferença é, portanto, "o mesmo" que o seu sulcamento no texto metafísico. Este deve ter guardado a marca daquilo que perdeu ou reservou; pôs de lado.

A diferença ou o caráter da alteridade entre mulheres e homens, ao que se propõe a investigação conforme o título da pesquisa, poderia provocar um gesto duplo: ao passo que a diferença faz sina, ou seja, permanece a todo custo e mostra no seu traço um quê de inevitável; mas a diferença também fascina. Esse estranhamento que a diferença me causa ao olhar o sexo do outro, por exemplo, faz-me sentir deslumbrada, provoca-me encantamento. Esse estranhamento é visto como gesto duplo no sentido de ser aprisionada pela permanência da diferença e ser capturada pelos encantos que provoca. Insiste em permanecer, coloca-me em dúvida e me fascina.

O estranhamento, junto com o incômodo que o distinto provoca, parece estar vinculado à percepção do outro como um ser diferente. Assim, por parecer distante e diferir do que penso que sou, assusta-me, causa dúvida; o desejo é de ver o outro eliminado, desqualificado, excluído para, então, poder ter paz, conforto e senso de segurança.

Vamos encontrar, de forma mais explícita em Heidegger, a questão da alteridade, remetendo à crítica que o autor dirige à *metafísica da presença*, que definia a ontologia como exclusiva do “mesmo”, da identidade, da presença. Dessa forma, o autor enfatiza o valor da autenticidade na existência humana e quebra com essa concepção desse “mesmo” ao elaborar a concepção de diferença ontológica e abrir caminho para que a constituição do ser pudesse ser pensada em termos da alteridade, da relação com o outro e com o tempo. Na *metafísica da presença* a subjetividade é pensada em termos do tempo como exclusivamente linear e causal, temos: passado, presente e futuro. A ontologia é a ontologia da substância, da presença, com o sujeito substantivado instalado no aqui e agora.

A *metafísica da presença* consiste na tentativa ininterrupta de fatiar o sujeito, substantivando-o aos moldes do cálculo ou da representação, negando as ausências e prometendo um ser-sempre-mesmo estratificado, numa promessa de manutenção da substância e garantia de representação fidedigna entre o ser e a coisa. Certa vez abracei o teatro e me lembro de uma personagem que fiz. Ela e o cônjuge viviam num relacionamento que parecia findar num movimento morto pela rotina e pelos clichês, mas, paralelo a isso, os personagens buscavam cenas de um lugar não habitado ainda por eles, que pudesse ressignificar sua relação. Cito um trecho da peça do dramaturgo gaúcho Tarcísio Lara Puiati, *Cara a Tapa*:

[...] MULHER: Eu seria uma idiota se tentasse ser feliz outra vez.
 HOMEM: Seja idiota.
 MULHER: Eu estive fraca.
 HOMEM: Recolhendo do chão os pedaços de negativos que não foram utilizados na montagem final. Sempre há alguma cena excluída da memória que pode acalmar um coração cheio de probabilidades e de esperanças.
 MULHER: Fosse o que fosse, não havia mais como acreditar em quase nada.
 HOMEM: Políticos.
 MULHER: Eletrônicos do Paraguai.
 HOMEM: Alienígenas.
 MULHER: Mulher-gorila.
 HOMEM: Bulas de remédio.
 MULHER: Amor eterno.
 HOMEM: Um dia após o outro.
 MULHER: Viver um dia após o outro, que tolice! Os dias estão todos dentro do dia de hoje, é só o que nos interessa. E não há como fatiar uma existência. A vida é essa massa dura de engolir, esse tijolo em alta velocidade atingindo em cheio a cabeça da criatura.
 HOMEM: Eu vim aqui trazer essa parte de você (*com o saco vazio de papel na mão*). Tentar reconstruir um pedaço que seja do que você sentiu [...].

Nunca foi simples se relacionar. As personagens parecem buscar uma experiência outra que a substância não sustentou mais: ele traz um saco vazio de papel na mão, que deve conter uma parte dela, uma possibilidade de potência a partir de uma falta.

Figueiredo (2002, p. 19) diz: “É preciso garantir nesta história lugares para acasos e imprevisíveis, lugares para rupturas, lugares para saltos adiante, para retornos e ressignificações e também lugares para lacunas insuperáveis”. Dá impressão de pouco importar o factual. A realidade intrapsíquica faz-se intensa enquanto construção subjetiva e até mesmo no campo do que é possível ser percebido e apreendido pelo sujeito.

Em Freud (1896), encontramos, em alguma medida, uma quebra na concepção do tempo, no “só-depois”. Em Lacan (1945) e Derrida (1973), temos a quebra do tempo e da ontologia, na qual passa a se inscrever de forma explícita a alteridade, negando o esgotamento. A alteridade se insere nessa tradição de pensamento, segundo o qual a subjetividade pode ser entendida como constituída na relação com o outro, envolvendo necessariamente esse outro como elemento constitutivo. Não se trata de uma oposição eu e outro, como na tradição da *metafísica da presença*, mas da constituição de uma subjetividade que tanto “incorpora” quanto se constitui com esse outro e como esse outro.

*Então esse diferente e estranhar... eu não sei se eu tenho muito problema com o diferente, eu acho que eu sou mais de boa com isso e se eu tenho problema eu acho que eu tento de fato investigar, eu acho que essa é a ética, também, né, porra se isso me incomodou, que que deve ter aí, né? Mas eu acho que eu nunca vi algo gritante... [...] ...em mim?*³

Tecido de linguagem, a alteridade a que se refere Lacan em sua obra é apresentada como Outro e pode ser atribuído ao Outro do amor, por direcionar demandas e estar vinculado ao desejo. O Outro se assemelha a um lugar que não se identifica com esse semelhante, com este próximo, com este pequeno outro. Isso, porque o outro não estaria disposto a oferecer nada além do *mesmo*, seria como um duplo eu. O Outro, segundo Lacan, é o princípio de alteridade, escrito *Autre*, por isso referido com a letra A nos matemas (QUINET, 2012).

Lacan (2012), no *Seminário livro 19 ... ou pior*, capítulo *O que vem a ser o Outro*, apresenta essa grande figura do Outro: o próprio sexo, a diferença sexual, o outro sexo. Pode-se até imaginar o outro como eu, mas na realidade ele não o é. Mostra-se transitório, fugidio e contingente. Ele é irreduzível, portanto faz função de inconsciente. Perante o homem, a mulher faz função de Outro. O que Lacan fala sobre o outro sexo fazer função de inconsciente para o sujeito é pela estrutura fundamental de não-semelhante, de não-eu, não-mesmo:

³ No trabalho com a linguagem e a produção da pesquisa lidamos com a questão da alteridade em vários aspectos: formatação do texto; generificação da linguagem; cronologia da escrita; procedimentos do método; dentre outros aspectos, que podem operar aderindo ou criticando a metafísica da presença. Assim, como recurso crítico a *metafísica da presença*, optamos por inserir desde o início do texto recortes das falas produzidas pelas entrevistadas e pela pesquisadora, considerando que esse procedimento pode explicitar o trabalho com a alteridade, a partir do próprio corpo do texto e na relação com as leitoras.

O Outro, entendam bem, é um *entre*, portanto, o entre de que se trataria na relação sexual, porém deslocado, justamente por se posicionar alhures, por se *outropor* [*s'autreposer*]. É curioso que, ao posicionar esse Outro, o que tive para enunciar hoje diz respeito apenas à mulher. É justamente ela que nos dá, dessa figura do Outro, a ilustração ao nosso alcance, por estar, como escreveu um poeta, *entre o centro e a ausência* (LACAN, 2012, p. 117).

Ao se apresentar a diferença ou ao se fazer reconhecer a diferença, se é posto em dúvida: mulher e homem são interrogados sobre o seu desejo. No início, há o primeiro Outro e o bebê, sendo que o primeiro Outro oferece ao bebê cuidados e carinhos, além de um certo olhar de quem ama, acolhe e orienta. Uma relação dual que podemos pensar ser a completude ou o gozo total. O bebê, por sua vez, é objeto desses inúmeros e valiosos cuidados. Havendo em paralelo, precisamos considerar, cuidados “descuidados” e agressivos para com esse bebê. Um recorte que me marcou a escuta foi ouvir, por exemplo, no contexto da clínica, uma mãe relatar que a filha “era assim” porque “talvez” ela teria batido demais, principalmente quando bebê. Contou uma situação: “eu bati tanto nela, tanto... a minha mão ardia de tanto que eu bati nela. Acontece que aquilo me assustou porque ela não me olhava com cara de dor, ela olhava como se não tivesse entendendo o que tava acontecendo... essa reação dela foi como uma faca no meu coração”. Considerando que nesse relato possa conter cuidados e descuidados, o modo como o bebê vai perceber estes esforços não é linear. De outro modo, a qualidade dos cuidados não garantirá que o bebê lide dessa ou daquela forma com seus predicados.

É, eu lembrei agora, já que tu tá tratando dessa questão do.. do-da constituição do sujeito, né, eu pensei, tem uma autora argentina que já faleceu a Silvia Bleichmar e ela trabalhou muito com infância, então ela tem muito material escrito sobre a constituição do sujeito e ela tem também, depois os filhos dela tomaram conta de publicar, os seminários onde ela fala da construção do sujeito ético, ela tem um outro livro que chama Vergonha, Culpa e Pudor, e daí ela vai trabalhar toda essa questão assim de como esse lugar, né, que é oferecido ao sujeito, de objeto, onde aquilo, onde ele é culpado por aquilo, né, ele QUIS aquilo, é inserido isso nele e na verdade, não!, ele não quis!, alguém outro quis, então ele fica duplamente abusado nas mãos de um outro, né, porque o outro faz e ainda diz que ele quis! Ele é culpado daquilo, né, e isso é colocar o sujeito numa posição o Eu do sujeito fica... av’ avassalado de fato defasado e daí eu lembrei do comentário que a Silvia Bleichmar faz ela conta de um episódio que... tratando dessa temática, ela conta de um episódio em que... ela disse que ela tava num voo, né, e perto dela tinha uma mãe com uma criança e a criança chorava e a mãe começou a

bater naquela criança batia muito na criança e aí a mãe dizia pra criança: é isso que você queria? É isso que você queria? Que eu te batesse? Viu? É isso que você queria! E aí ela disse, a Silvia Bleichmar, que não conseguiu ficar quieta e disse pra mulher: não, ele não queria isso a criança não queria isso ela só tava ten' ela tava incomodada! Ela precisava de alguém, que quem sabe desse um sentido ou conseguisse segurar aquela angústia, mas ela não queria que alguém batesse nela Entende assim como isso... é um rompimento ético, né... porque tu fazes e tu pões a responsabilidade no outro tu diz que é o outro que quer né, e bom, isso gera pano pra manga pra gente pensar a atualidade do nosso país, as questões políticas.

Mais que oferecer um “útero externo”, este Outro, por vezes, oferece um deslize salutar, uma espécie de vazio. O bebê, na condição de objeto, será algo lançado à mercê dos caprichos e do gozo do Outro. Mas, para o bebê estar na condição de sujeito, é preciso estar em posição de faltoso, portanto a transmissão da falta possibilita a abertura de se ver como faltoso; condição para tornar-se sujeito. É por meio de ausências do primeiro Outro que pode haver uma separação do bebê de uma posição de objeto colado ao corpo deste primeiro Outro para o deslizamento de reconhecer-se como sujeito faltoso. (BRANCO, 2014).

A falta⁴ ou, como denominado por Lacan, objeto *a*, sendo irrepresentável e sem imagem, requer o uso de experiências corporais de perda (seio, fezes etc.) para representar psiquicamente a falta. Como o seio e o excremento são separados do corpo, eles podem servir para encarnar a ideia de uma perda e lhe dar consistência. Esses elementos vão ocupar o lugar do objeto *a* e terminar por organizar o campo dos desejos. Sendo assim, o desejo do bebê é barrado, havendo a Lei do Interdito do Incesto, que lhe mostra que o desejo de se manter colado à mãe, sendo satisfeito por ela, não é possível. É esta experiência de descolamento que dará origem ao Édipo.

eu acredito que ainda que o analista ocupe, ainda que paciente e analista ocupem lugares diferentes, eu acredito que os dois estão atravessados pelas mesmas questões. O analista também tem inconsciente, o analista também tem história pessoal, o analista tem

⁴ A falta compreendida não como algo que contrapõe a presença ou remete ao vazio, a nulidade, não é algo negativo ou indesejável ou, ainda, desprovido de potência. A noção de falta que abordamos indica um poderoso estopim de uma busca incessante, no sentido de nosso desejo. Em analogia, para ilustrar, relembremos a peça de Samuel Beckett (1977), *Esperando Godot*, no qual seus personagens aguardam a chegada de um importante convidado que nunca chega. A espera os tira da vida sem expectativas em que vivem e a sensação de falta move ilusões e esperanças, além do desejo de manterem-se vivos. Então, o quê/quem seria nosso Godot?

*tudo isso, né. E ele... claro... se preparou pra ocupar esse lugar, seja através de estudos, através de uma análise pessoal, mas ele não escapa dessas armadilhas, né, então assim, acho que a questão da diferença, ela pode aparecer... essa dificuldade com a diferença que a gente tava falando, ela pode aparecer dos dois lados, né. É esperado que a gente na condição de analista esteja mais atento a ver o paciente de fato, né, na sua condição de alteridade, na sua condição de um outro que está ali na tua frente... do que que a gente passe por um processo meio que projetivo, né, de querer ver no paciente aquilo que a gente quer ou de ficar criando expectativas no paciente a partir do que a gente acha que seria bom pra ele, né, a gente não tem a menor ideia do que seria bom pra ele... ele que vai construir isso, né, e muitas vezes também não sabe, ele vai construir isso, então eu acho que **as questões ligadas a diferença elas estão colocadas nos dois lugares, né, tanto como uma armadilha possível de algo que pode não ser visto... como um imperativo, algo que é necessário pra que um trabalho de análise possa acontecer.***

Mais além do reconhecimento da diferença e de ver seu desejo interrogado pelo Outro, a diferença pode vir a inaugurar para o sujeito, ainda, a ideia de não possuir algo, de que algo lhe escapa. “Ela deve ter o que falta em mim” ou “ela tem algo que eu não tenho”, desse modo, marca-se primeiro no corpo a noção de escapar a completude ou a substância total. Ao vivenciar essa experiência, a criança ver-se-á mergulhada numa dolorosa iniciação: a passagem de um desejo até então selvagem para um desejo socialmente aceito, com caráter igualmente doloroso de que seus desejos não encontrarão terreno profícuo a fim de se satisfazerem por completo.

O Édipo pode ser entendido como um trajeto do sujeito no qual ele tem de lidar com perdas, gratificações e com o Outro; sendo que esse trajeto é que possibilita sua entrada no social. O Outro seria, assim, um semblante de lugar, um não lugar, pois não está situado. É um lugar simbólico. O Outro faz escutar além de mim, além do eu — que está em nível do ideal — portanto pouco diz do eu. Faz escutar além da condição do eu. Um semblante de lugar, onde o sujeito escuta sua própria voz de sujeito. Por meio de sonhos, lapsos, sintomas e chistes, tudo aquilo que indicia o inconsciente: ali está o Outro. Como é produção própria, de ser singular, o sujeito se relaciona com essa produção; embora não esteja explícita, ela é tida como um enigma.

O Eu está para o outro da mesma forma que o sujeito está para o Outro. O sujeito, em Psicanálise, é sem identidade, constituído pelos significantes do Outro. A identidade que vem do outro é imaginária e o sujeito é sem identidade e, tão somente, representado por significantes, segundo a teoria lacaniana. O sujeito, assim, é indefinido. O que dá luz às

representações é a própria cadeia de significantes, numa espiral na qual não se consegue localizar o início, tampouco a origem; dessa forma, um significante representa o sujeito para outro significante.

Quinet (2012, p. 23) ilustra:

Quando o velho Salomon diz a Peter Pan que ele é um menino e não um pássaro e que, portanto, não pode voar, Peter Pan pergunta: ‘Vou ser o quê então?’. A resposta poderia ser a própria definição do sujeito do inconsciente: ‘Você será um nem-isso-nem-aquilo’.

O fato de não ser isto ou aquilo é um alívio, não estar vinculado à determinada faceta estrutural, não estar fadado a um único, rígido e inflexível fim: você não é sempre inteligente, sempre bela, sempre traidora, sempre garanhão, sempre covarde, sempre poderoso, sempre submisso, sempre dominador. Entretanto, não ser isto ou aquilo também abre um buraco imenso. (Se o que me sustentava era justamente o que eu achava ser, o que serei, então?) Lacan diz que esse buraco, objeto *a*, é o significante “pulado” na sequência de significantes do Outro (QUINET, 2012).

O que dá sustentação às fantasias inconscientes e imaginárias é o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais. Por ser estruturado como linguagem, segundo Lacan, o lugar do Outro equivale ao lugar do código pessoal dos significantes do sujeito. A verdade do sujeito será decifrada pelas formações do inconsciente: os sonhos, por exemplo. Pelo caráter enigmático que as figuras oníricas assumem, que escapam do controle do *eu*, o sujeito experimenta essa alteridade que nele se presentifica. Há um quê de estranhamento no momento em que o sujeito vivencia a alteridade. Essa produção minha que não consigo explicar como possa ter advindo de mim. Um ser estranho em mim próprio que desconheço, mas que faz parte de mim. (QUINET, 2012).

Quando Lacan fala que o inconsciente é estruturado como linguagem e que não há sujeito que não esteja inserido na linguagem, ele mostra que a relação do significante e do significado é inteiramente arbitrária, ou seja, está sujeita aos desejos do sujeito; não segue princípios lógicos nem tem sua lógica própria, não acompanha nem depende de regras e normas pré-estabelecidas. “A razão pela qual as coisas têm o nome que têm, não está na coisa nem no signo considerado isoladamente, mas nas definições, isto é, nas relações entre os signos”. (GARCIA-ROZA, 1990, p. 114).

Derrida (1991) trabalha com e a partir da Psicanálise, realizando um diálogo com diversos temas e autores, partindo da senda da hipótese do inconsciente. De forma privilegiada, ele dialoga com Freud e estende seu interesse para a questão da alteridade e da

linguagem. De forma específica, ele faz uma crítica ao conceito de significante em Lacan, pois entende que a mera inversão do significado em detrimento do significante manteria a lógica formal da *metafísica da presença* ou do referente, dando a ideia de uma origem. O inconsciente freudiano, assim como a escritura e a *différance*, falam de uma alteridade radical que não se localiza em lugar algum, que se insere em toda parte sem nunca se fazer presente como tal, provocando um movimento onde a significação não seria possível. “A *différance* não é uma distinção, uma essência ou uma oposição, mas um movimento de *e s p a ç a m e n t o*, um ‘devir espaço’ do tempo, um ‘devir tempo’ do espaço, uma referência à alteridade, a uma heterogeneidade que não é primordialmente oposicional”. (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p. 34).

Para Derrida (1991, p.45), o movimento da significação só seria possível se:

[...] cada elemento dito "presente", que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o rastro menos com aquilo a que se chama presente do que àquilo a que se chama passado e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio: absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presentes modificados.

Ao discutir esse movimento de significação, Derrida (1973) usa a expressão *aliquid stat pro aliquo*, do latim, que significa ser alguma coisa que está em lugar de outra ou uma coisa do lugar de outra, provocaria um movimento de diferir que proporcionaria este adiamento do ser.

Derrida (1991, pp. 53-54), em *Margens da Filosofia*, contrapõe o conceito de inconsciente, usado por Freud, ao conceito de alteridade. Assim, conforme o autor:

Uma certa alteridade — Freud dá-lhe o nome metafísico de inconsciente — é definitivamente subtraída a qualquer processo de apresentação pelo qual a chamaríamos a se apresentar em pessoa. Nesse contexto e com esse nome, o inconsciente não é, como se sabe, uma presença a si escondida, virtual, potencial. O inconsciente difere-se, o que significa sem dúvida que ele se tece de diferenças e também que envia, que delega representantes, mandatários; mas não há nenhuma hipótese de que o delegante ‘exista’, seja presente, seja ‘ele-mesmo’ em qualquer parte e menos ainda de que ele se torne consciente.

A arbitrariedade do signo é problematizada por Derrida, que propõe questionar o processo da lógica formal, ao apresentar que: por detrás de um dito, há um não dito. Por meio

da *desconstrução*⁵ existe uma operação que denuncia em um determinado texto aquilo que é priorizado e, ao mesmo tempo, de modo implícito, vem desvelar a falta que foi estruturalmente dissimulado pelo sujeito, reconhecendo-se constituído dessa falta na qual a própria ausência, ou o não dito, faz presença. Assim, palavra, essa coisa sem substância, esse signo que escamoteia sentimentos, estados, emoções, que faz função de um dizer precário, no qual não consegue fazer equivalência, aparece como um mecanismo linguístico de fluidez. A palavra proporciona lugares transitórios.

Heidegger, citado por Garcia-Roza (1990) em *Palavra e Verdade*, dá este exemplo: se coloco dois objetos próximos um do outro, uma moeda de dez centavos ao lado de outra moeda de igual valor, consigo dizer: as duas moedas são iguais. O mesmo não é possível com o enunciado e o objeto. Dizer: a moeda é redonda, o enunciado e o objeto são de naturezas distintas, portanto não se equivalem. Esse exemplo também vale para a relação entre o sujeito e a fotografias: eu não estou aqui. Embora a minha imagem esteja. Eu não sou a fotografia. Sou a imagem que capturaram de mim. A palavra é algo que escamoteia a tentativa de se fazer real ou, como insiste Derrida (1973), proporciona a ilusão da *metafísica da presença*.

Desse modo, essa perspectiva possibilita questionar sobre as concepções de alteridade elaboradas por psicanalistas que atuam na prática clínica. Interessa dialogar com psicanalistas por justamente a Psicanálise ser a abordagem que sustenta minha prática clínica. Isso justifica também minha escolha pelo referencial teórico dos autores Lacan e Derrida. Interessa ainda questionar se a prática clínica de psicanalistas implicaria relações entre suas concepções de alteridade e seu referencial teórico-metodológico. Caso existam implicações, importa investigar quais nuances se aproximam e se distanciam na obra de Lacan e Derrida acerca da alteridade na constituição do sujeito.

A Psicanálise considera a ambivalência da palavra, entende que não é o signo/objeto em si, mas o que está além desse signo/objeto, num movimento de deciframento. É um pretexto para olhar as palavras ora libertadoras, ora aprisionadoras, num caráter naturalmente ambivalente. Onde seja possível trabalhar com as contradições, ao invés de eliminá-las ou não as considerar. O escritor e poeta Bartolomeu Campos de Queirós (2007, p. 52-53), em seu livro *Para ler em silêncio*, escreve:

⁵ Proposta de produção de conhecimento estabelecida por Jacques Derrida, a *desconstrução* sugere a leitura de textos a partir da crítica aos pressupostos da tradução hegemônica do conhecimento ocidental. A leitura com base na proposta da *desconstrução* questiona os binarismos, a lógica formal, a linguagem, bem como os pressupostos ontológicos e epistemológicos enredados pela modernidade.

Nenhuma palavra vive sozinha. Toda palavra é composta. Se escrevo mar, nessa palavra rolam ondas, viajam barcos, cantam sereias, brilham estrelas, algas, conchas e outras praias. Se digo pai, é aquele que me ama ou aquele que não conheci ou aquele, ainda, que me abandonou. Toda palavra brinca de esconder outras palavras. Quando se lê uma palavra o coração escreve mais outras. Escrever é escutar a palavra e registrar o que ela nos pede. É a palavra que nos inscreve. Ao passear os olhos sobre a palavra passei a escutá-la em seus segredos. Desdobrá-la, reordenar seus fragmentos, me parecia acentuar seu sabor. Por ser assim, cada palavra exigia um novo exercício. Sua desmedida intensidade me conduzia a outras direções, me solicitava adicionar, em sua leitura, minha liberdade de pensar.

Derrida (2004, p.33), no livro *De quê Amanhã*, no capítulo *Políticas da Diferença*, em diálogo com a historiadora Elisabeth Roudinesco, debate a questão da *différance*. Roudinesco entende que a “*différance* seria a ‘anarquia improvisadora’. Ela seria portadora de negatividade e de uma alteridade que escaparia incessantemente ao mesmo e ao idêntico”. (DERRIDA, 2004, p.33).

Ao fazer referência à ideia de que signos e palavras jamais poderiam dizer exatamente o que significam, ficando um apelo a ser definido provisoriamente com palavras adicionais que justamente diferem das anteriores, Derrida faz uma crítica aos movimentos identitários e ao *etnocentrismo*⁶, em que haveria uma supremacia de termos sobre outros, bem como se denominaria uma origem purista e justificaria o motivo da *différance*:

O que o motivo da *différance* tem de universalizável em vista das diferenças é que ele permite pensar o processo de diferenciação para além de qualquer espécie de limites: que se trate de limites culturais, nacionais linguísticos ou mesmo humanos. Existe a *différance* desde que exista traço vivo, uma relação vida/morte ou presença/ausência (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p. 33).

Derrida utilizou a *différance* para mostrar um deslocamento da diferença para um pensamento que não se refere a uma origem, estando sempre adiada, por meio de um entrelaçamento sem fim de significados e de possibilidades plurais. Propondo, como dito anteriormente, um movimento de *e s p a ç a m e n t o* e uma crítica à linearidade da linguística saussuriana do significado-significante, abrindo margem para um espaçamento ou um adiamento dos sentidos.

O movimento do poeta Queirós em “mar-ondas-barcos-sereias-algas-conchas-praias” difere um elemento que se relaciona com outro, que é diferente do primeiro, porém que convoca o anterior; e oferece, assim, mostras do movimento da alteridade, do *inconsciente* e

⁶ O etnocentrismo considera superiores os hábitos, as crenças e a cultura de um grupo ou indivíduo em detrimento de outros, fazendo julgamento ou agindo com discriminação, tendo uma visão de mundo onde o seu próprio grupo é tomado como centro e os demais seriam desqualificados, havendo a crença de que o seu próprio grupo é que possuiria as referências aceitas e negaria as que não fossem ditas iguais.

da *différance*. Desse jeito, um exercício pode ser feito, como Queirós o fez, trocando-se o signo *palavra* por *inconsciente* e vê-se o que acontece: “nenhum *inconsciente* vive sozinho. Todo *inconsciente* é composto”.

Consideramos os rastros, as ambivalências, as desordens, os contextos, as interações, o jogo, a dialética, a instabilidade, a imprevisibilidade; o modo de funcionar do *inconsciente* e da *différance* agregam contradições às relações humanas, e recuperam o valor da palavra ambígua, da palavra cujo sentido, ao mesmo tempo que revela, oculta um não dito.

Dentro dessa composição, o objetivo geral de nossa pesquisa direcionou-se a investigar a concepção de alteridade para psicanalistas que atuam no Estado de Santa Catarina relacionando essa concepção com sua prática clínica. Como objetivos específicos, nos propusemos a analisar as concepções de alteridade em obras selecionadas de Jacques Lacan e Jacques Derrida, relacionando alteridade com a constituição do sujeito; analisar as possíveis relações entre as concepções de alteridade de psicanalistas entrevistadas e o referencial teórico-metodológico que sustenta sua prática clínica. Para compor o *corpus* da pesquisa, a entrevista foi a principal ferramenta.

As obras de Jacques Derrida e Jacques Lacan são vastas, por isso selecionamos algumas delas, em especial as que relacionam a alteridade com a constituição de sujeito, para analisar e subsidiar esta pesquisa. Apesar de não encontrarmos em Freud⁷ uma discussão específica sobre o conceito de alteridade, foi possível localizarmos no texto *O Inquietante* ([1919], 2010) — que também foi traduzido como *O Estranho* — essa discussão sobre a relação com o outro em termos de abandonar a posição filosófico-ocidental que privilegia o mesmo, a *mesmidade*. Ou seja, Freud apresenta a dimensão do outro que nos constitui, esse inquietante seria apenas a entrada do antigo lar, local outrora já habitado por nós e por isso manifesta algo que nos inquieta concomitante ao mesmo tempo que nos ressoa familiar.

A discussão da alteridade é localizada de forma mais específica nas obras de Lacan, quando trabalha a questão do pequeno outro, grande Outro, o objeto *a*, o Outro do laço social articulado por meio da produção dos quatro discursos e o Outro gozo ou também sob o nome *Heteros*, o gozo feminino. Entendemos que esses conceitos podem ser encontrados de forma mais direta nos textos: *O estágio do espelho como formador da função do Eu*, em *Escritos*

⁷ Utilizaremos quando possível as edições das obras completas de Sigmund Freud da editora Companhia das Letras, as quais pretenderam serem as primeiras, em língua portuguesa, traduzidas do original alemão e organizadas na sequência cronológica em que apareceram originalmente os textos. As obras foram traduzidas pelo psicanalista Paulo César de Souza.

([1966] 1998, pp. 96-103), *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, em *Outros Escritos* ([1973] 2003, pp. 29-90), *O aturdido*, em *Outros Escritos* ([1973] 2003, pp. 448-497), *O Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise* ([1969-1970] 1992), *Na base da Diferença dos sexos*, em *O Seminário, Livro 19, ...ou pior* (2012, pp. 173-184), *O Seminário, Livro 20, Mais, Ainda* ([1972-1973] 1992).

Em Derrida selecionamos textos que pensamos dialogar com a temática da alteridade: *Gramatologia* (1973), *O Monolinguismo do Outro ou A Prótese de Origem* ([1996] 2001), *Torres de Babel* ([1998] 2006), *Mal de Arquivo: uma Impressão Freudiana* ([1995] 2001).

Outros textos dos autores Lacan e Derrida possivelmente fazem diálogo com a questão da alteridade ao qual trabalhamos, entretanto, para esta pesquisa estabelecemos limites dentro da proposta do mestrado acadêmico.

No item que segue esta Introdução, *Estratégias de investigação e de produção de conhecimento*, indicamos as bases que foram utilizadas para fundamentar nossa pesquisa, trazendo a concepção de sujeito e de conhecimento com as quais nos orientamos. Falamos do pesquisar em Psicanálise, das entrevistas e dos conceitos que sustentaram este trabalho. Em *Transcrições entre-vistas e leituras* (terceiro item) apresentamos como se deram os contatos com profissionais psicanalistas, discutimos sobre o processo de leitura das obras de Lacan e Derrida e acerca das transcrições das entrevistas. No quarto item, *Alteridade, tradução e habitar outra língua* problematizamos o estatuto da língua ser sempre uma língua outra, pela impossibilidade de ser uma única língua, com base em Derrida. Em *Alteridades, arquivo e princípio arcôntico* (item de número cinco), trabalhamos com o conceito de arquivo unido à discussão apresentada por Derrida sobre a impossibilidade de acesso à origem, trazendo a noção de arquivo atrelada ao esquecimento, contrapondo o ideal de memória e comando. No item *Alteridades, modalidades do Outro e os laços sociais* (número seis), trazemos conceitos de Lacan que acreditamos estabelecer relação com alteridade: pequeno outro, grande Outro, o objeto *a*, o Outro do laço social articulado por meio da produção dos quatro discursos e o Outro gozo ou também sob o nome *Heteros*, o gozo feminino. No último item da discussão teórica, de número sete, *Encontros com alteridades*, tecemos um diálogo com o que foi produzido por meio dos encontros e das entrevistas, dando mostras do movimento do rastro que ressoaram com elas.

Na perspectiva que trazemos dos autores Derrida e Lacan e suas problematizações acerca da alteridade, entendemos que o trabalho com o fenômeno da alteridade se faz presente na obra desses autores, bem como entendemos que eles se debruçaram com intensidade sobre essa questão, procurando elaborar conceitos necessários à compreensão da relação na

constituição do sujeito. Assim, conceitos como *différance*, rastro, inconsciente, Outro; que estão presentes nos trabalhos de Lacan e de Derrida, nos fazem afirmar a importância para esses autores da alteridade tanto na constituição do sujeito quanto na prática de profissionais psicanalistas que fazem da sua prática a escuta do Outro.

2 ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO E DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

2.1 PESQUISAS E PSICANÁLISE

*quando eu percebi que essa história de escuta
psicanalítica tinha a ver com não antecipar
o que o outro os teus valores, assim, colocar em
cima do outro esses padrões, poder questionar as
lógicas das coisas eu fiquei muito encantada
com aquilo ali. Nossa, mas é isso que eu quero
fazer! Eu acho que é isso que eu já faço aqui na minha
cabeça! Mas eu não sabia que tinha nome!*

Em dias de chuva, felizmente, costumo calçar galochas e isso possibilita me movimentar facilmente pelo percurso ao qual me disponho caminhar. Propomos algo dentro desta metáfora, indicando as bases em que nossa pesquisa se fundamenta, ou seja, sobre as concepções de sujeito e de conhecimento pelas quais nos orientamos.

Outrora, o sujeito da modernidade fora compreendido como dono de si e de seus atos, era o famoso sujeito da razão. *Cogito, ergo sum*⁸ é uma expressão que indica que seria por meio da racionalidade que se daria o caminho da verdade: bastaria usar a faculdade da consciência para ter acesso ao conhecimento e a inteligibilidade. Em o *Discurso do Método*, Descartes apresenta o método cartesiano, que fora o auge de sua filosofia, mostrava um caminho a ser seguido para construir o conhecimento científico: evidência, análise, síntese e enumeração. Por meio, ainda, do estabelecimento do nexos causal, da relação causa e efeito, lógica binária, ter-se-ia acesso a certa substância que revelaria a verdade. (CHAUI, 1996).

É propenso que a compreensão de sujeito moderno lance ainda seus respingos sobre o sujeito contemporâneo, pois o sujeito-subjetividade carrega os pressupostos da modernidade. O Eu estaria restrito à consciência, em que haveria uma ideologia predominante no movimento intenção-volição-transparência-ação; havendo uma linearidade entre a intenção e a ação, certa transparência e um acesso causal direto entre o que se diz, por exemplo, e o que se faz. Bastaria a intenção: evitarei essa dor (intenção e volição), pois sei

⁸ “*Cogito, ergo sum*” é uma frase de autoria do filósofo e matemático francês René Descartes (1596 - 1650). Pode ser traduzida para o português como “penso, logo existo”; ou “penso, portanto sou”.

que me traz prejuízos (transparência), estarei alerta (transparência, consciência e possibilidade de ação)! Nessa lógica linear, o sujeito cognoscente faria contato direto e transparente entre o que se diz e o que se faz.

Desse modo, a modernidade considera o sujeito guiado pela consciência, com uma concepção de realidade linear, tal qual o dizer “sim” diante do padre numa situação de casamento, em que o sujeito marcado por esse contrato da palavra, no ritual, pudesse manter ao longo dos anos toda uma trajetória de “sim” e não lhe escapasse ou lhe furtasse possibilidade outra. A dinâmica do inconsciente e da *différance* faz ecoar os não ditos que, erroneamente por conta da ideia de estarem escondidos, escapariam à consciência.

De modo explícito, é possível observar como o próprio capitalismo se desenrola magistralmente sob a *metafísica da presença*. Incessante, ele busca por uma substância que forneça respostas com cunho de verdades duras e estanques, ao ponto de serem inquestionáveis e vinculadas a uma específica temporalidade e concepção de subjetividade. É conhecido o questionamento que Freud traz ao sujeito da modernidade marcado pela crença na exclusividade da razão e da consciência quando anuncia que o homem “não é o senhor na sua própria casa”, pois se encontra atravessado pelo inconsciente (FREUD, [1917] 2010, p. 186). Esse corte radical implica em modos diferenciados de entender o sujeito e, principalmente, de entender o conhecimento.

Inúmeros são os modos como se pode desenvolver, dentro dos fundamentos éticos e teóricos da psicanálise, uma investigação dos fenômenos sociais, contribuindo para a elucidação de sua eficácia no processo de alienação do sujeito e apontando os laços que possibilitem a sua inclusão como sujeitos do desejo. (ROSA, 2004, p. 340).

A maneira como a modernidade produz e legitima o conhecimento é problematizada por meio do pensamento derridiano. A *metafísica da presença* é um conceito retomado por Derrida (1973) e importante dentro da estratégia de argumentação do autor. A *metafísica da presença* incide sobre a substância, temporalidade e a identidade, conhecidos pressupostos associados a garantias. Os sujeitos seriam constituídos e, assim, permaneceriam congelados, subjetivados. Poder-se-ia pensar num caráter nosológico, ou seja, o mesmo se repete pelo mesmo e, nesta empreitada de procurar o que se repete, como se a frequência ou repetição fosse um indício da verdade, seria privilegiado o significado. Derrida (1973) critica a leitura da modernidade e daqueles que acreditam que a cientificidade do trabalho começa onde termina a metafísica.

Para Derrida, a Psicanálise abre espaço para a hipótese do inconsciente, sendo uma disciplina que não adota exclusivamente os pressupostos modernos da *metafísica da*

presença, como a lógica formal e a consciência transparente, a linguagem marcada pela volição e pela razão. O autor não trabalha diretamente com a metapsicologia freudiana ou lacaniana, ele trabalha a partir dessa metapsicologia; bem como aponta a importância crítica que a psicanálise oferece à *metafísica da presença*. Ele valoriza a concepção de singular, de tempo não linear — do só-depois — da linguagem e do inconsciente, com os quais a Psicanálise trabalha.

Derrida entende que a predominância exclusiva do universal, no modelo de pensamento moderno, fixa o tempo de tal modo como linearidade e substância, constituindo-o uma pedra dura, difícil de esculpir, de possibilitar novas formas. Essa predominância permite pouco espaço para o devir, não é o que parece?

[...] o tempo como trânsito, passagem e diferenciação introduziria um elemento nocivo a ser evitado por quem deseja manter-se no ser: se “ser” é “ser-agora”, a plenitude máxima seria alcançada pelo que, fora do tempo, “é sempre agora”, pelo que é eterno. Chame-se este “eterno” por qualquer nome, o certo é de que se trata sempre de alguma figura da divindade ou a ela assemelhada e que representa o ente supremo [...] (FIGUEIREDO, 2002, p. 18).

Derrida critica o *logocentrismo* entendido como o movimento que comanda a *metafísica da presença* marcada tanto pela ascensão da razão como supremacia e verdade, quanto pelo domínio de uma única concepção de tempo e espaço dissociados; ou seja, pelo tempo e espaço lineares e presentificados, com o tempo congelado para tornar-se um perfeito agora, na fé de que o que já foi um dia pleno retornará a sua completude. Nessa ótica, o fazer ciência, conforme os pressupostos modernos, parece atrelado a legitimidade do discurso dominante sobre o que é produzir conhecimento. Em outras palavras, alguns discursos são mais autorizados em detrimento do discurso psicanalítico. Ainda que a pesquisa em Psicanálise tenha iniciado na prática clínica, seria um engano reduzi-la ao indivíduo desgarrado do contexto sociocultural, conforme versa a psicanalista Rosa (2010, p. 183):

[...] os fundamentos teóricos, metodológicos e éticos da psicanálise pretendem ultrapassar a dicotomia indivíduo-sociedade e as hipóteses de influência mútua. Essa preocupação encontra-se presente em Freud (1921/1973) quando afirma que toda psicologia é social. A dicotomia indivíduo e sociedade cria uma falsa ilusão de autonomia. O sujeito do inconsciente não é intrapsíquico, nem adjetivado por características x ou y, nem é do bem ou do mal. É constituído a partir do desejo do outro, recriado a cada relação com o outro, e depende da modalidade de laço social. Esse laço, discursivo, pode fazer surgir o melhor ou o pior, e o pior pode estar travestido de saber o bem do outro.

Figueiredo (2003) nos fala da condição “esquisita” da Psicanálise e introduz, no seu artigo *Para além das matrizes: a psicanálise como enclave da modernidade*, a própria questão do “enclave” no qual a Psicanálise estaria. Estaria num território moderno, porém

dentro desse território a Psicanálise é tida como estrangeira, A Esquisitona. O autor discute que a Psicanálise não estaria adequadamente acomodada em nenhuma matriz do pensamento psicológico, citando: 1) matrizes científicas, que concebem o modelo das ciências naturais e reconhecem a objetividade e a positividade dos seus objetos; 2) matrizes românticas, que seguem uma tradição do pensamento moderno, no qual seus objetos são considerados formas expressivas, considerando o pressuposto da existência de sujeitos e seus sonhos, falas, textos, comportamentos, ou seja, um sujeito criativo, espontâneo e que tem algo de singular; 3) matrizes pós-românticas, que consideram que essa produção simbólica e singular dos sujeitos tenha também sua lógica e possa produzir conhecimento dentro dos domínios da razão. Em qual delas se adequaria a Psicanálise?

A discussão que Figueiredo (2003) aborda é que nas três matrizes encontramos algo que remete à Psicanálise, mas que fundamentalmente seria interpelada pelo caráter *sui generis*, única, ou ainda, está em todo o canto sem estar bem em nenhum deles. As matrizes valorizam o binarismo e a Psicanálise responderia criticamente a essa divisão, dedicando-se ao inconcebível, à união entre aspectos categoricamente separados, por exemplo, o dentro e o fora. O autor fala, ainda, que a Psicanálise investe justamente contra esse processo binário, trazendo marcas em alguma forma de cegueira e de impossibilidade, ao que outras psicologias acabariam cedendo e reproduzindo. É aí que a Psicanálise seria o enclave do pensamento ocidental, tendo como característica principal a função do desconhecimento, mostrando-se avessa às outras ciências por emergir, como o território da ignorância, um corpo estranho impondo um descentramento, existindo *esquisitona*. Não para prever e controlar, mas para valorizar o acaso, o inesperado, aquilo que Figueiredo (2003) chama de oferecer uma *experiência de enclave*. Não raro, deparo-me no contexto clínico com pais preocupados com queixas escolares referentes a suas filhas, como se as próprias filhas tivessem que corresponder a esse território normativo, com pouca ou nenhuma possibilidade de experienciar o acaso ou serem uma espécie de enclave.

O sociólogo Enriquez (2005, p. 158) reitera que "a psicanálise não é apenas uma ciência da psique isolada, ela é concernida (pelo) e ela concerne diretamente ao social". Desse modo, um sujeito está para a sociedade, assim como a temperatura baixa está para o arrepio, que faz meus pelos eriçarem e me faz tremer um tantinho. Ou seja, sujeito e sociedade encontram-se intimamente afetados. Falar de pesquisa em Psicanálise é considerar que o extraclínico (MEZAN, 2006) ou extramuros (LAPLANCHE, 1992) ou extensão (LACAN, [1967] 2003) pode ser visualizado, desconsiderando esta separação ou binarismo do dentro e fora, como se houvesse um intramuros.

A Psicanálise é uma teoria que tem seus conceitos e sua concepção de sujeito a partir da prática clínica. No início, Freud, como médico neurologista que era, esteve agarrado à concretude do modelo de conhecimento dominante na época, denominado ciência, e pensou a possibilidade de as questões sobre o psiquismo envolverem neurônios e todo o sistema neurofisiológico. Tentou a hipnose e outras técnicas, porém desconfiou que essa estratégia da sugestão talvez não fosse um caminho profícuo. Inicialmente atendeu, em grande parte, mulheres denominadas na época históricas: perguntando, sugerindo, interpretando. Junto disso, fazia sua própria análise, escrevendo (penso eu) e procurando respostas a todo o custo. Quando era pego de surpresa por uma, no mínimo, audaciosa mulher que lhe propunha ser ouvida sem os ditames da sugestão, Freud, como exímio pesquisador e cientista, topava o desafio da *livre associação*, na qual tudo o que se diz é importante.

Falamos de uma pesquisa que considera impróprias, para a compreensão do sujeito, as categorias analíticas fundadas exclusivamente na racionalidade e na objetividade; uma vez que mulheres e homens vivem atravessados, quando ainda mergulhados, num mundo simbólico de linguagem. Como sujeitos cindidos, brincamos de esconder. A figura do *flâneur*, um observador despreocupado ou, ainda, ocupado com observar o todo, à revelia de fixar-se neste ou naquele ponto, comportaria a dimensão da *livre associação*. Assim, para um perfeito *flâneur*, observador apaixonado:

[...] é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente (BAUDELAIRE [1863], 2010, p. 170).

Assim, foi inaugurada outra forma de compreensão de sujeito, considerando que a pessoa que fala a analista também tem um saber de si. Desde então, a Psicanálise, também na figura da analista, faz semblante de um suposto-saber, o que supõe considerar a dimensão inconsciente. “A investigação psicanalítica não busca provar que certo sentido é verdadeiro e sim que outra coisa está sendo veiculada pelo manifesto” (OLIVEIRA, 2009, p. 174). O sujeito, em sua constituição, é um sujeito cindido: marcado por um quê de estranhamento que lhe escapa a compreensão. Algo que Freud ([1919], 2010, p. 248) trabalhava como o *estranho* ou o *inquietante*, como uma produção própria, porém, quando se depara com isto, é comum que se espante: não era eu! Eu não sou assim!

2.2 ENTREVISTAS E REFERÊNCIAS: *INCONSCIENTE, DIFFÉRENCE, TRANSFERÊNCIA, LIVRE ASSOCIAÇÃO*

o quê?...

entrevista?

Nossa! Que difícil!

Achei difícil, pensei assim: não, não vou aceitar!

É bem difícil falar sobre isso. Ai depois eu pensei

assim: mas... eu tenho que falar sobre isso!

Conforme apontado anteriormente, afirma-se que a concepção de sujeito utilizada nesta pesquisa diz respeito ao sujeito cindido, marcado pelo inconsciente, o que pede uma estratégia de produção de conhecimento apoiada nos pressupostos psicanalíticos que consideram o real, porém entende o real na relação que o sujeito constrói com o Outro, bem como, pede uma concepção da linguagem atravessada pelo inconsciente. Isto posto, nesta pesquisa optou-se por realizar entrevistas com psicanalistas, sendo que as entrevistas que a pesquisadora realizou foram pautadas no pressuposto da *transferência* e da *livre associação*, dentro do campo relacional do inconsciente.

Lembramos aqui a origem deste termo, “inconsciente”: *Unbewusst* foi a palavra utilizada por Freud. Literalmente: “insabido”. Operar com o inconsciente implica, pois, a suposição de um saber que “não se sabe”, mas que é suposto. As condições de produção de conhecimento sobre este “insabido” são internas ao campo relacional que o constitui. A isso denominamos em psicanálise “transferência”. Não é, pois, um saber prévio que já estava ali, no “entrevistado”, como um dado a ser colhido pelo “entrevistador”. É algo que se situa num espaço transferencial em que o “insabido” se expressa como formações do inconsciente. Logo, ele inclui o pesquisador na própria formação (COSTA & POLI, 2006, p. 17).

A entrevista em Psicanálise considerou a concepção de sujeito cindido, a concepção de realidade pautada em aspectos do inconsciente e a concepção de tempo pautada no conceito freudiano de só-depois, *Nachträglichkeit* ou *après-coup* (FREUD, 1896). Conforme já mencionado, trabalhou-se com a linguagem atravessada pelo inconsciente e pela consciência e não se assumiu o discurso apresentado pelas entrevistadas como relacionado diretamente com a verdade, mas antes entendeu-se como relacionado com a verdade do sujeito, ou seja, com aquilo que o sujeito construiu sobre ele e sobre o mundo que o cerca.

Nas entrevistas, foi considerado que não se tratou de trabalhar com a quantidade das perguntas construídas em um roteiro prévio nem com a suposta relação entre discurso da

entrevistada e verdade. Em outras palavras, não se fez um grande número de perguntas ou questionou a entrevistada visando respostas que supostamente ofereceriam o acesso à verdade. Trabalhou-se com a *transfêrencia* e com a *livre associação*, interessando muito mais a qualidade do que é dito e do que fica na lacuna considerando mais as livres associações que o sujeito vai fazer, pois “o sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (ROSA, 2004, p. 342). Tendo em vista a dimensão *inconsciente* e a *différance*, as entrevistas foram norteadas por questões ditas disparadoras.

No contexto desta pesquisa, as questões formuladas pela pesquisadora foram amplas para possibilitar às entrevistadas formularem sua própria questão e poderem, ao seu modo, respondê-la. Foram feitas questões como por exemplo: "o que você entende por alteridade? Como você trabalha com a alteridade? Apresente exemplos de como a alteridade emerge em sua prática clínica. Fale-me sobre os autores que você utiliza que sustentam sua prática clínica e que trabalham com a alteridade".

Para as entrevistas, havia inicialmente pensado em procurar profissionais que atuassem na cidade na qual trabalho, porém, após vários contatos, pude verificar que muitas profissionais não se dispunham a participar. Algumas marcavam horário e depois diziam não poder mais; e outras já de início afirmavam que não poderiam. Assim, ampliei meus contatos e procurei profissionais em outras cidades do Estado de Santa Catarina. Por fim, acabei por entrevistar seis profissionais originárias de diversas cidades do Estado de Santa Catarina. O critério para a entrevista foi, além do aceite em participar, o fato de elas se reconhecerem como psicanalistas e exercerem a profissão há alguns anos. Algumas exercem a prática clínica por mais de trinta anos, outras exercem por cinco anos ou dez anos. Procurei não identificar essas profissionais, não mencionar sua cidade de origem e nem detalhes que possam vir a identificá-las.

As entrevistas foram realizadas em local e dia marcados de acordo com a disponibilidade das participantes, foram gravadas em áudio e transcritas com o consentimento de todas. As pessoas entrevistadas foram abordadas por meio da minha rede de contatos profissionais, por indicação e por meio do site de uma escola de psicanálise. A cada uma das participantes foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A) que foi assinado em seguida. O projeto de pesquisa⁹ foi submetido à apreciação

⁹ Validação digital em <<http://plataformabrasil.saude.gov.br/>>, links: “Buscar Pesquisas Aprovadas” e/ou “Confirmar Aprovação pelo CAAE ou Parecer”

do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Catarina sob o parecer nº. 3.168.695 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº. 02474218.8.0000.0121, tendo sido aprovado em 25 de fevereiro de 2019.

O material proveniente das entrevistas foi submetido à análise, considerando as contribuições da Psicanálise freudiana e lacaniana, como os conceitos de *transferência*, *livre associação*, *inconsciente*, bem como os conceitos de Derrida, como *texto*, *indecidível*, *différance*, *logocentrismo*, *rastro*, *arquivo*. Ao levar em consideração o sujeito cindido, não-senhor-em-sua-própria-morada, propomos a organização do material das entrevistas em uma só construção ficcional de sujeito, um sujeito constituído pelo material de todas as entrevistas, que incluía a fala da pesquisadora, entendendo que este sujeito é uma construção ficcional e está atravessado pelo que é a ordem inconsciente, que se manifesta nas relações. A proposta é considerar o conhecimento produzido entre pesquisadora e entrevistadas, como derivado do material transcrito das entrevistas, como um grande texto entrelaçado. A partir daí, a investigação não tem interesse em identificar estes sujeitos e suas falas isoladamente, pois o texto foi construído a partir dessas entrevistas e desses encontros.

Aqui falamos em transferência, pois entendemos que, no campo transferencial, não há a separação sujeito e objeto, pois temos, na produção do conhecimento, a relação estabelecida entre as participantes da pesquisa. Também recorremos à estratégia de trabalhar com o material produzido na relação construída entre psicanalistas e pesquisadora, considerando esse material como um texto do qual recortamos trechos para ilustrar nossas análises no decorrer da escrita da pesquisa. Ou seja, desde a introdução apresentamos no corpo do texto da pesquisa recortes dos materiais que foram produzidos no decorrer das entrevistas, entre pesquisadora e pesquisadas. As epígrafes dos capítulos também seguem essa estratégia.

Em Psicanálise, a *transferência* é uma das artérias principais na relação analítica. *Transferência* foi um termo utilizado primariamente por Freud e Ferenzi, em meados de 1900 e 1909. Esse termo designava um processo essencial do tratamento psicanalítico, no qual desejos inconscientes do analisando, relativos a objetos externos, passavam a se repetir, na relação analítica; sendo que figura da analista era colocada na posição desses diversos objetos. Não é somente na Psicanálise que o termo *transferência* é utilizado, mas em inúmeros campos, implicando sempre uma ideia de deslocamento. Anterior a Freud, utilizavam-se as terminologias: afinidade, influência sonambúlica, transposição afetiva. *Transferência* indica deslocamento, transporte, substituição de um lugar por outro, de modo a não afetar a integridade do objeto. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

O conceito *transferência* é considerado essencial em todas as correntes freudianas. Na análise de Dora, em 1905, Freud teve sua primeira experiência, a título de negativa, com a materialidade da *transferência*. Freud recusou ser a panaceia amorosa de Dora e essa recusa desencadeou uma *transferência* negativa por parte dela. Nessa ocasião, Freud atribuiu o fenômeno de contratransferência. Anos mais tarde, em 1923, Freud passou a considerar o amor transferencial “o mais poderoso adjuvante do tratamento”, no qual, em geral, a mulher declara estar apaixonada pelo seu analista. Havendo observado o processo transferencial, Freud fez advertência da absoluta necessidade de o analista respeitar a regra da abstinência, sobretudo por este sentimento ser o motor da própria análise. O trabalho analítico, então, consistiria em reconhecer o aspecto inconsciente dessa manifestação que invade a *transferência*. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Outros autores também se apropriaram do conceito de *transferência* como, por exemplo, Melanie Klein e Jacques Lacan. Uma nova perspectiva foi introduzida no seminário de Lacan nos anos de 1961-1962, dedicado à identificação. *Transferência* apareceu ali como “a materialização de uma operação que se relaciona com o engano e que consiste em o analisando instalar o analista no lugar do ‘sujeito suposto saber’, isto é, em lhe atribuir o saber absoluto.” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 783).

Então, em 1964, Lacan fez da *transferência* um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, ao lado do inconsciente, da repetição e da pulsão. Definiu-a como a encenação, por meio da experiência analítica, da realidade do inconsciente. Essa perspectiva o levou a ligar a *transferência* à pulsão. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

A *transferência* designa, em Psicanálise, o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. A *transferência* é classicamente reconhecida como o terreno em que se dá a problemática de um tratamento psicanalítico, pois sua instalação, modalidade, interpretação e resolução, caracterizam o tratamento. Por um lado, o que é essencialmente transferido é a realidade psíquica do analisando, desejos inconscientes e fantasias conexas; por outro lado, as manifestações transferenciais não são literalmente repetições, mas equivalentes simbólicos do que é transferido. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998).

Lacan, em *A Transferência*, hesita ao conceituar ou fechar um conceito sobre o que é *transferência*, sobretudo pelo aspecto desse fenômeno não estar encerrado na analista ou na analisanda, mas na relação analítica. “Se ele parte em busca do que tem e não conhece, o que

vai encontrar é o que lhe falta” (LACAN, 1992, p. 71); “O fenômeno de transferência é ele próprio colocado em questão de sustentáculo da ação da fala (*Idem*, p. 175); “[...] a transferência aparece como, falando propriamente, uma fonte de ficção. Na *transferência*, o sujeito fabrica, constrói alguma coisa” (*Ibidem*, p. 177). O fenômeno da *transferência* se manifesta na relação com alguém a quem se fala. O que o sujeito fabrica pode se assemelhar a um mito individual, que dá forma ao discurso do analisando, algo que não pode ser expresso pela via da verdade, propriamente dita.

Para Lacan (1979, p. 130), “[...] cada vez que um homem fala a outro de maneira autêntica e plena, há, no sentido próprio, transferência, transferência simbólica — alguma coisa se passa que muda a natureza dos dois seres em presença”. A analisanda vai à análise não somente por sofrer ou almejar ter seu discurso validado e atualizado, mas comunicar algo a alguém. A analisanda pode comunicar, sobretudo, sua falta e/ou seu desejo.

Conforme Lacan (1992, p. 180):

O desejo, em sua raiz e sua essência, é o desejo do Outro, e é aqui, falando propriamente, que está a mola do nascimento do amor, se o amor é aquilo que se passa nesse objeto em direção ao qual estendemos a mão pelo nosso próprio desejo e que, no momento em que nosso desejo faz eclodir seu incêndio, nos deixa aparecer, por um instante, essa resposta, essa outra mão que se estende para nós, bem como seu desejo.

Comunicar sobre seu desejo a alguém, muito improvavelmente, dar-se-á pela via simples e direta, sobretudo por considerar a dimensão inconsciente; sendo necessária outra via de acesso. A *livre associação* foi o nome que Freud deu a essa outra via de acesso aos conteúdos inconscientes, um conceito que também foi utilizado durante as entrevistas com psicanalistas, junto com a *transferência*, como mencionamos anteriormente.

No início do texto, falamos de uma mulher audaciosa que propôs a Freud ser ouvida sem os entraves da sugestão, sendo que esse pedido foi bem acolhido pelo então pesquisador, que já tinha sido esclarecido empiricamente sobre os inconvenientes da hipnose, método de sugestão, que não amenizava as resistências da paciente e levava a conquistas parciais. A *livre associação*, embora o próprio conceito já traga notícias ao que se referencia, compreende que tudo o que o sujeito enuncia é passível de relevância, não precisando que a analista diga sobre o que é preciso que ele fale.

eu acho que alteridade ela se faz... ela emerge... ela emerge o tempo todo...acho que já na linguagem. E a gente constrói uma alteridade... e como poder lidar com ela... E nunca acaba essa construção. A gente tá sempre construindo, é uma sensação que eu tenho. Que... é... isso se dá eticamente, tem uma questão ética envolvida... eu penso na

hospitalidade. A alteridade me vem muito essa coisa da hospitalidade de poder pensar o outro, de receber o outro como outro, assim. Esse lugar que convoca uma ética [...] E eu acho que na clínica, bom, quem se propõe a trabalhar com isso tá em contato com a alteridade o tempo todo, assim. No ofício mesmo do dia a dia. Eu acho que estar ouvindo um outro é muito a partir desse... desse... dessa convocação que é receber o outro sem colocar algo teu na frente. Poder receber esse outro, acolher esse que É OUTRO. Eu acho que esse trabalho tem muito a ver com isso, é difícil por isso e é muito belo por isso é uma convocação que acho que tem a ver com a ética e com a hospitalidade. Eu penso muito nisso, é uma coisa bem presente, assim. E esse livro da hospitalidade quando eu li eu fiquei tão... tocada por ele volta e meia eu dou uma olhada de novo, eu acho muito bonito pensar nisso tudo: tu acolher o outro, receber, né.

O que a *livre associação* pressupõe e podemos encontrar no trecho lido acima é a possibilidade de acolher o que vem do outro sem de antemão direcionar com questões que supostamente dariam acesso rápido, fácil e imediato ao que faz sofrer a paciente. Freud começou a recorrer ao método da *livre associação* por volta de 1894, abandonou a hipnose e passou a escutar os sonhos de suas pacientes. A *livre associação* dava, segundo Freud, condições mais favoráveis para o relato das lembranças, representações, bem como liberava os afetos da paciente. Esse conceito, que Freud tornou a regra fundamental da Psicanálise, propõe que a analisanda fale o que lhe ocorrer, sem preocupar-se em seguir uma coerência cronológica ou de fatos e acontecimentos; por outro lado, “exige” que a paciente não omita conteúdos por sentir vergonha, culpa ou achar que lhe é doloroso. Em outras palavras, a paciente deve falar de tudo: o que sente, pensa, o que lhe incomoda, o que lhe dói, suas alegrias, angústias, desejos, anseios... Anos mais tarde, em 1923, Freud enfatizou que, como regra fundamental, a *livre associação* era indispensável à realização do trabalho psicanalítico. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

O conceito da *livre associação*, assim como o de *transferência*, vem sendo atualizado ao longo dos anos por autores interessados em problematizar a Psicanálise. Jacques Lacan foi um desses autores. Ele destacou que a regra fundamental tinha também um caráter impositivo e sugestivo, levando a exigência “fale livremente” em paralelo com o desejo da analista de curar a analisanda. Entretanto haveria outros modos de dizer à paciente que falasse de tudo, sem o ônus que a exigência ou a obrigatoriedade poderiam provocar na analisanda. Por meio do silêncio, também, a analista poderia proporcionar um ambiente que deixaria transparecer que além da demanda por curar-se, a analisanda teria outra demanda, com caráter intransmissível. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

O conceito *livre associação*, durante as entrevistas com psicanalistas, teve outro uso. É apropriado dizer que o uso desse conceito difere do contexto clínico. Costa e Poli (2006, p. 18) sugerem que a posição da pesquisadora em Psicanálise “pode muito bem ocupar o lugar das entrevistas preliminares, como um sítio de passagem, até sua derivação para outro endereçamento”. É um marco importante para o processo transferencial.

Tendo em pauta os elementos do *inconsciente*, da *différance*, da *transferência* e da *livre associação*, como presentes na relação construída com as entrevistadas, propus oferecer escuta às entrevistadas, trabalhar com a interpretação de uma dada realidade produzida nessa situação. Porém essa escuta não tinha o intuito de desvelar o que estava encoberto, localizando a verdade; pretendia antes mostrar um caminho possível. Para isso foram observadas algumas estratégias para produção de conhecimento:

[...] interpretar qualquer fenômeno que faça parte do universo simbólico do homem: sessões de psicoterapia, entrevistas, qualquer tipo de material apresentativo-expressivo (projetivo), fenômenos sociais ou institucionais, material clínico colhido de grupos de pacientes (FIGUEIREDO & MINERBO, 2006, p. 274).

Mezan¹⁰(2006), orientador de teses e dissertações há mais de vinte anos, mostra que é possível fazer pesquisa em Psicanálise em assuntos variados: a) pesquisas predominantemente teóricas, focalizando em especial questões metapsicológicas; b) pesquisas sobre questões de psicopatologia; c) pesquisas sobre fatores operantes no processo psicanalítico; d) pesquisas sobre a atividade terapêutica em âmbito institucional; e) pesquisas sobre as interfaces psique/sociedade; f) pesquisas sobre as interfaces arte/cultura/psique; g) pesquisas sobre autores ou momentos importantes na história da psicanálise, etc.

Ao tratar da validade do que é produzido em Psicanálise, Mezan (2012) lembra que ela, a Psicanálise, é um empreendimento coletivo, no qual outras pessoas lerão o que se está sendo produzido e se perguntarão pela pertinência do que afirmam em relação ao que produziram. O processo de produção do conhecimento organiza-se num crescendo que envolve o próprio indivíduo, um grupo de indivíduos e toda a sociedade. Isso se refere a como o indivíduo se apropria do que ocorre com ele — singular —, da realidade vivida por

¹⁰ Renato Mezan é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professor titular da PUC/SP. Publicou vários trabalhos na área da filosofia da psicanálise, recolhidos em coletâneas como *A sombra de Don Juan* (Casa do psicólogo), *Tempo de muda* e *Interfaces da psicanálise* (Companhia das Letras).

aquele grupo — particular — e dos processos que todos humanos tendem a vivenciar — universal.

Mezan (2012, p. 21) enfatiza ainda que: “[...] nada na Psicanálise é antagônico à possibilidade de que com ela se realizem pesquisas bem estruturadas e capazes de contribuir para o avanço dos conhecimentos sobre o ser humano. Tais pesquisas já existem [...]”.

Havendo possibilidades plurais para se fazer pesquisa em Psicanálise, algumas autoras apontam controvérsias no que se refere à pesquisa psicanalítica em extensão e atentam à necessidade de localizar determinantes históricos e sociais do fenômeno em estudo, além de delimitar o campo de análise:

No caso da contribuição da psicanálise ao estudo do campo social e político, não lhe cabe a pretensão de esgotar, por si só, o fenômeno: cabe-lhe esclarecer uma parcela dos seus aspectos, ainda que uma parcela fundamental. Sem pretensão de substituir a análise sociológica, cabe à psicanálise incidir sobre o que escapa a essa análise, isto é, sobre a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais (ROSA & DOMINGUES 2010, p. 187).

Assim convém que eu, como pesquisadora, não tenha pretensões além do que minha investigação permite. “Quando investiga na clínica, suas conclusões valem para a clínica. Quando investiga um fragmento da realidade, suas conclusões valem para o fragmento estudado. E isto já é o bastante para tornar a atividade de pesquisa em Psicanálise perfeitamente respeitável”. (FIGUEIREDO & MINERBO, 2006, p. 276).

É o que ocorreu na relação entre mim e a pessoa entrevistada, desde o processo que fez com que eu escolhesse os sujeitos da pesquisa, o contato inicial, até a situação da entrevista e o *a posteriori*, que só foi possível dentro dessa configuração singular. Reitero que nas entrevistas foram considerados os conceitos de *transferência* e de *livre associação*, de modo que não foi trabalhado com um grande número de perguntas, mas com questões disparadoras.

Freud ([1915], 2010) já propunha que o sujeito tem mais pistas sobre a realidade intrapsíquica do que sobre o mundo externo. Mostrando que o fenômeno percebido não é e nem precisa ser idêntico à coisa em si. Esse fenômeno em muito se assemelha às vicissitudes das fantasias, por exemplo, tornando-as reais de acordo com a realidade intrapsíquica e estando descoladas da realidade exterior, ou seja, o vasto mundo intrapsíquico não é o que nos parece ser.

2.3 ESTRATÉGIAS PARA ANÁLISE DA LINGUAGEM: A *DESCONSTRUÇÃO* E A ENTREVISTA COMO TEXTO

Propusemo-nos a fazer a análise de linguagem, considerando o jogo desconstrutivo proposto por Derrida, chamado *desconstrução*. A desconstrução não é um método, no sentido de estabelecer etapas a priori que garantiriam o resultado final. Trata-se de uma estratégia de produção de conhecimento, que estabelece procedimentos e suporte de conceitos, e propõe a produção do conhecimento ocorrendo no próprio caminho no fazer-se da pesquisa, sem estabelecer certezas ou verdades finais. A desconstrução envolve pressupostos psicanalíticos como a hipótese do inconsciente e uma teoria específica sobre a linguagem, ou seja, sobre o signo; que foram apresentadas e utilizadas na análise dos textos produzidos nas entrevistas.

A elaboração de nossa subjetividade, entre tantos aspectos, envolve a imersão num mundo linguístico que não é só nosso. É um mundo partilhado pelo coletivo, no qual temos a impressão de que falamos a mesma língua ou uma língua comum a todos daquele território. Lembrando que a palavra proporciona lugares transitórios, que a palavra estaria ali no lugar de outra coisa, como um *aliquid stat pro aliquo*; sendo, portanto, metafórica. Considerando a arbitrariedade do signo, tudo isso parece querer mostrar o que é dito como uma espécie de prótese, ou seja, faz parecer. Em *O Monolinguismo do Outro ou A Prótese de Origem*, Derrida ([1996] 2001) discute a questão da identidade linguística, tomando a língua como que lhe habita, na impossibilidade de tomar como própria, estando tomada por outro. “[...] eu não tenho senão uma língua e ela não é minha, a minha ‘própria’ língua é-me uma língua inassimilável. A minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro” (DERRIDA, 2001, p. 39).

No contexto de meu trabalho clínico, costumo atender muitas famílias e há uma queixa recorrente de pais, mães, filhos e filhas de que não se entendem. Se recortarmos dado território, cultura e língua comuns, pensaríamos que eles não se entendem não pelo motivo de não falarem a mesma língua, pois o fazem. Derrida propõe existir uma “alienação” originária que seria constitutiva, assim como a falta e parece nunca haver uma apropriação absoluta da língua. “Uma vez que não existe propriedade natural da língua, esta não dá lugar senão à raiva apropriada, ao ciúme sem apropriação. A língua fala este ciúme, a língua não é senão ciúme à solta.” (DERRIDA, 2001, p. 38).

O nascimento, marcando a origem de um corpo no mundo, dá-nos uma língua que é nossa, no entanto não é nossa. Na metonímia da *Prótese de Origem* é-nos dado uma língua para suprir a falta de outra língua, que é a nossa própria. Ficamos mancos, pois unimos ao

nosso corpo uma língua-semblante. Recordo-me, no contexto da clínica, de uma adolescente se queixar, e com muita raiva ela dizia, que a irmã e a mãe podiam chorar sem motivo, ainda que não fosse o período que antecede a menstruação. Entretanto, quando ela chorava sem motivo aparente, irmã e mãe atribuíam ao choro a “depressão que estava voltando”. Ela se queixava, dizia que não ficava inventando nomes para as duas, irmã e mãe, e achava injusto que elas atribuissem ao seu choro imotivado a depressão-que-está-voltando. A inquietação sentida pela paciente pode se assemelhar ao trabalho de tradução. Como é que você pode querer traduzir o meu texto (o que sinto)?

A própria tradutora de *O Monolingüismo do Outro ou A Prótese de Origem* escreve, no início da obra, uma longa nota de rodapé para *demeure*, como um foco de absoluta resistência a tradução, por *demeure* articular com uma questão de lugar (sítio, residência), de tempo (demora, atraso) e de relação com o lugar (permanecer, habitar). Derrida ([1996] 2001) inicia a obra:

Sou monolíngue. O meu monolingüismo demora-se (*demeure*) e eu chamo-lhe a minha morada (*demeure*), e sinto-o como tal, nele me demoro e nele habito. Ele habita-me. [...] Mas fora dele eu não seria eu-mesmo. Ele constitui-me, dita-me mesmo a ipseidade de tudo, prescreve-me, também, uma solidão monarcal, como se quaisquer votos me tivessem ligado a ele antes mesmo de ter aprendido a falar. Este solipsismo inexaurível, sou eu antes de mim. Para sempre (*demeure*) (pp. 13-14).

Numa sequência de séries de proposições antinômicas, Derrida evoca haver uma interdição na língua, que, embora falemos uma língua única, “não se fala uma única língua”, pois a questão estaria na impossibilidade de uma essência da língua ou uma língua pura. Parece haver um debate também com a noção de identidade e do próprio pertencimento a uma nação.

Recordo-me de, ao fazer uma viagem para Santiago, no Chile, ter tirado os sapatos depois de muito caminhar ao sol para que, embora sem narizes, meus pés pudessem respirar. O guia do grupo ao qual eu estava me olhou sorrindo, perguntou: “chulé? Curioso que vocês têm uma palavra pra dizer cheiro-ruim-nos-pés... chulé!”. Chulé é próprio da nossa língua e está num encadeamento de tantas outras gerações de pessoas que criaram um nome para isso com a nossa língua, ao menos no Brasil, e que eu aprendi assim. Ora, se eu precisasse traduzir em espanhol, precisaria de outras palavras que poderiam equivaler em sentido, porém não poderiam equivaler em singularidade.

A análise de linguagem que propus nesta pesquisa, utilizando a estratégia da desconstrução de Derrida, pode parecer excêntrica num primeiro contato, ao menos para mim assim o senti. Essa *excentricidade* que senti logo no primeiro semestre do mestrado, tendo o

primeiro contato com as obras de Derrida, num misto de *paradoxia* e aporia, pode ser facilmente compreendida quando nos voltamos para nosso contexto ocidental e o que se espera que um adulto produza ou pense sobre: magistralmente utilizando valores de presença e ausência. Mais: uma exigência em produzir sentidos fechados, conceitos duros, definições, estabilidade e segurança, fragmentação.

Foi um desafio intenso pra mim no processo da dissertação, pois ao colocar ideias em palavras ou tornar parágrafos ideias de autores, persistiu o conflito constante de que isso que é produzido aqui, não fazia equivalência com o que eu citava. Conflito semelhante possa a ser vivido pela tradutora. Derrida ([1987-1998] 2006, p. 20), no início de *Torres de Babel*, parece questionar sobre a existência da melhor tradução de um texto e nos atenta a um dos limites das teorias de tradução:

[...] eles tratam bem frequentemente das passagens de uma língua a outra e não consideram suficientemente a possibilidade para as línguas, a mais de duas, de estarem implicadas em um texto. Como traduzir um texto escrito em diversas línguas ao mesmo tempo? Como ‘devolver’ o efeito de pluralidade? E se se traduz para diversas línguas ao mesmo tempo, chamar-se-á a isso traduzir?

A tradução deriva do original, não podendo fazer equivalência a ele e estando intimamente ligada a ele, o original. O sujeito da tradução estaria, na situação de herdeiro, “endividado” (DERRIDA, 2006, p. 33), como que obrigado a um dever de agir na sobrevivência das obras que traduz, não de suas autoras, sim da atemporalidade da obra sobre o próprio limite que é a vida da autora. A obra sobrevive ao tempo, algo que a autora não sustenta por sua natureza ser efêmera.

A proposta de análise de linguagem dos textos, suscitados por meio das entrevistas com psicanalistas, competiu a uma tarefa de tradução que se furtou a encontrar um conteúdo que fizesse referência direta ao original. E que a pesquisadora tradutora comunicasse o que o original quis dizer ou, ainda, que representasse o que foi dito. Estas seriam três precauções a serem tomadas pela tradutora em sua tarefa. “Graças à tradução, dito de outra forma, a essa suplementaridade linguística pela qual uma língua dá a outra o que lhe falta, e lho dá harmoniosamente, esse cruzamento das línguas assegura o crescimento das línguas [...]”. (DERRIDA[1987-1998] 2006, pp. 35 e 68).

Se a tradutora não busca restituir o conteúdo da obra, comunicar o que a autora quis dizer ou se não vai representar o original, sabendo a tradutora da incapacidade de restituir uma boa imagem do original ou o representar fielmente, o que a tradutora faria, então? Uma proposta, segundo a leitura de Derrida ([1987-1998] 2006), está na sobrevivência do texto derivado do original, na expressão desse original que se dá ao modificá-lo, que só assumiria

estar vivo em fazer-se mutável. Em outras palavras, na impossibilidade estrutural de restituição da tradução pelo original, a sobrevida do texto marca a voz da tradutora, expressa nessa posição de “falar *da* tradução” (p. 40). O original também estaria ele próprio endividado, ele estaria demandando que alguém o traduzisse. A expressão por parte da tradutora, distinguindo o original da tradução, é o movimento que permite segundo Derrida reconhecer alguma originalidade à tradução. Dentre infinitas possibilidades de tradução de um texto, essa foi a expressão criada pela tradutora e que parece suportar o distanciamento que reporta a tradução, ainda sim, estar engajado nesse esforço, nessa experiência de tradução.

*há um tempo atrás eu tive que fazer uma cirurgia, né, e eu tava antes dessa cirurgia relativamente fragilizada com esse assunto... e acabou que numa sessão um paciente trouxe uma situação de doença, que envolvia uma questão de morte e que me pegou muito profundamente naquele momento... foi bastante difícil eu conseguir me manejar ali na hora pra talvez... não me identificar demasiadamente com o paciente [...] é um momento que **você percebe a tua fragilidade no lugar que você tá ocupando então naquele momento. Foi bastante difícil, né, é... é aquela situação, falando no senso comum, dá vontade de chegar, sentar chorar e falar: ai, eu também tô muito mal! [risos] Eu tô muito mal, realmente é isso mesmo! Lidar com essa questão da doença dã nã nã nã... e na verdade não dá pra fazer isso né, mas aí na verdade você vai falar: sim, é, essa questão da finitude, nossa, a gente fica num lugar, né, de fragilidade e... e é aquilo... e o paciente sai e... de alguma forma e queira ou não queira você deseja que a sessão acabe logo. Você quer que aquela sessão acabe logo... você entra num grau de sofrimento que tem um lado positivo que é um lado de talvez poder se sintonizar muito profundamente com o sofrimento do paciente, com a forma como ele tá sendo afetado e como você também tá sendo afetado, embora de alguma forma diferente pra cada um, eu acho que tem uma RIQUEZA no sentido de você poder não vou dizer que você capta, não sei se é assim que ele sente, mas parece existir ali uma ligação bastante profunda mas que não pode ultrapassar um determinado limite de pegar e chorar junto então... e também não dá pra... eu não trabalho com o tempo lógico mas vamos supor que nessa hora eu decidisse que ali seria o tempo lógico, tá bom: então hoje a sessão está finalizada, né é... talvez eu tivesse finalizando por mim, porque eu tava sofrendo muito naquele momento, **porque eu tava tendo que fazer um esforço de buscar palavras que não fossem sentar e chorar do lado do meu paciente.*****

Por este prisma, a psicanalista vai buscar uma afinidade entre as línguas, sabendo da premissa de impossibilidade de apreensão do Real e de captação e representação do original,

conforme o trecho apresentado. Um crescimento entre as línguas será possível à medida em que se reconhece o distanciamento do texto da paciente para o que é possível traduzir, pois pode-se estar afetada por uma língua que não é a mesma, e dessa forma habitar sempre a língua do outro; e o original estando endividado e demandando que alguém o traduza. Há algo que as aproxima, paciente e analista, e que as distancia: fragilidade, doença repentina, choro, luto, uma vontade de que essa dor vá embora logo, que acabe logo! A experiência de tradução posta do trecho apresentado dá mostras da necessidade de aproximação da linguagem do outro, unida da manutenção do endividamento original, introduzido pela “lei divina”.

Na história bíblica da Torre de Babel, Deus, furioso, faz uma lei confundindo os homens e as mulheres, dizendo que eles serão forçados a falar línguas não semelhantes, cujas particularidades e culturas diferentes lhes negará o acesso a Ele. A tarefa da tradutora consistiria numa promessa de anunciação de um sagrado, um crescimento das línguas que originalmente teriam partido de uma língua única e pela lei foram apartadas. Assim, a tradutora prometeria um crescimento das línguas, mesmo sabendo do distanciamento que isso reportaria, e que não seria capaz de vencer esse distanciamento:

É o que se nomeia aqui doravante Babel: a lei imposta pelo nome de Deus que pela mesma ação vos prescreve e vos interdita traduzir, mostrando-vos e despojando-vos do limite. Mas não somente a situação babélica, não somente uma cena ou uma estrutura. É também o status e acontecimento do texto babélico, do texto da Gênese (texto único a esse respeito) como texto sagrado. Ele resulta da lei que ele narra e que traduz exemplarmente. Ele faz a lei da qual ele fala, e de abismo em abismo ele desconstrói a torre, e a cada torre, as torres de todos os gêneros, segundo um ritmo (DERRIDA [1987-1998] 2006, p. 70).

É aí que se pode expressar algo original da tradutora, por saber desse abismo que teria desconstruído a torre originária: “essa lei não seria uma coação exterior, ela concede uma liberdade à literalidade” (DERRIDA, 2006, p. 71). A pesquisadora, na tarefa de tradução, trabalhou nessa relação com o texto das entrevistas e o que disso pôde ser expresso de original, furtando-se a construir uma relação linear, literal, ainda, reveladora do que foi produzido na entrevista. Foi uma proposta que, pensamos, exigiu esforço e tentativa de evitar cair na empreitada pretenciosa a-entrevistada-quis-dizer-isso, o esforço esteve mais em se-expressa-isso-assim-na-relação-com.

Nas palavras de Derrida ([1987-1998] 2006, p. 44), “A tradução não buscaria dizer isto ou aquilo, a transportar tal ou tal conteúdo, a comunicar tal carga de sentido, mas a remarcar a afinidade entre as línguas, a exhibir sua própria possibilidade”. A tradução, de fato, será um momento para crescimento do próprio texto original. Um gesto de tradução que

Derrida propõe que é possível ser acompanhado de amor, no qual essa amante-tradutora “não reproduz, não restitui, não representa; no essencial ela não *devolve* o sentido do original, a não ser nesse ponto de contato ou de carícia, o infinitamente pequeno do sentido. [...] Não é talvez um todo, mas é um conjunto cuja abertura não deve contradizer a unidade” (p. 49).

A imagem da torre de Babel, esse nome próprio que Derrida trabalha como sendo possível ser traduzido por confusão e sendo intraduzível justamente por ser nome próprio, deixa à margem o conteúdo, associando Babel com o que se vive no terreno das próprias relações humanas, constituídas de notória com-fusão.

O termo com-fusão denota um esforço para alterar estados visando a nos aproximar e distanciar da linguagem do outro, unindo todo um legado de endividamento marcado pela “lei divina”. Se Deus falou com os homens, talvez tenha dito que nunca poderão se aproximar o suficiente para que falem a mesma língua e, se aproximação o suficiente, para que vivam essa confusão da criação. “A tradução torna-se lei, o dever e a dívida, mas dívida que não se pode mais quitar” (DERRIDA [1987-1998] 2006, p. 25).

Existe um reino que jamais será tocado pela tradução, e permanecerá uma promessa de reconciliação. A tradução marcaria um acontecimento que engaja a então amante tradutora, a faz desejar atingir o inatingível. Se não o fosse desse modo, quaisquer traduções mecânicas seriam facilmente aceitas como dignas de tradução. Não é o que parece? O próprio esforço de transcrever as entrevistas, por exemplo, precisou fazer valer minha tentativa em traduzir áudios em palavras, em traçar equivalências não diretas, podendo nesse processo “escapar” algo, subverter o que ouvi, enfim, um processo semelhante ao da tradução, pois “[...] ela é o significante de uma linguagem superior a ela mesma e permanece assim, em relação ao seu próprio teor, inadequada, forçada, estrangeira” (DERRIDA [1987-1998] 2006, p. 54).

Unir a possibilidade de tradução com a impossibilidade de tradução, abordados nas obras de Derrida, foi o esforço feito por mim, pesquisadora, ao tratar os textos das entrevistas com psicanalistas.

Nessa perspectiva, procuro trabalhar com as entrevistas como textos produzidos no trabalho conjunto meu e das entrevistadas, bem como, procuro lidar com a tradução como um trabalho incessante de dívida e dúvida com a interpretação desses textos. Assim, procurei construir uma estratégia de ir entremeando trechos das falas das psicanalistas entrevistadas com trechos da minha escrita, considerando a possibilidade de que elas podem falar entre si e com a leitora, abrindo vias e sulcos nos quais emergem possibilidades de leitura. Penso que o corpo da dissertação talvez seja afetado nas passagens às quais vou inserindo trechos das

entrevistas das psicanalistas, num trabalho de construção conjunta do conhecimento produzido nessas entrevistas, no encontro meu com essas profissionais e no encontro com as leituras que realizei para construir a pesquisa e o texto.

3 TRANSCRIÇÕES ENTRE-VISTAS E LEITURAS

Posso te contar uma coisa?

E: Claro!

*...sobre o teu e-mail? Porque já produziu muito pensamento, naquela hora que eu abri o e-mail... o quê?... entrevista? nossa! que difícil! achei difícil, pensei assim: não, não vou aceitar! É bem difícil falar sobre isso. Aí depois eu pensei assim: **mas... eu tenho que falar sobre isso! Justamente é um desafio pensar, eu acho que não teria nada mais desafiador do que pensar sobre a alteridade, sobre o sujeito...** é bem... são conceitos muitos difíceis de se falar sobre e ao mesmo tempo não poderia me furtar a me colocar neste desafio! Porque é necessário, quem trabalha com clínica não pode fugir desse compromisso... aí vamo lá, né! aí ao mesmo tempo eu pensei assim: ai, eu não mexo com Derrida faz seis anos... eu não abro um livro! Eu trabalhei bastante teoricamente, assim, fiquei muito perto e de repente muito longe, mas eu pensei, isso que é interessante, vou ver que marcas que ficaram, que **rastros** que ficaram porque eu mexia bastante com esses termos e agora... tá em algum lugar da memória, por isso eu achei bem desafiador... e aí eu pensei assim: eu precisava te contar uma coisa que eu acho que tem a ver com a pesquisa: esse consultório existe por causa de Derrida! Nesse lugar no [bairro]. Porque, foi assim, eu tive consultório no Centro por catorze anos. Eu morava no Centro e depois eu vim morar pro lado de cá e fiquei indo e vindo e daí um belo dia na análise eu tava me perguntando: e se eu tivesse consultório mais perto? Porque eu tava com tanta dificuldade eu ficava um dia INTEIRO longe e pegava um super trânsito e aí eu me perguntei: mas e se eu tivesse um consultório no [bairro]? E aquilo me pareceu muito estranho, um consultório no [bairro]? Consultório é no Centro! Parecia que tinha uma coisa do centro! E daí eu me vi assim pensando assim e falei: mas que espécie de derridiana eu sou se eu ficar acreditando em centro? [risos] isso é contraditório com o que eu tô... com... sei lá, com a maneira com que eu me coloco na vida eu pensei: o centro! São muitos os centros! Eu posso fazer um outro centro! Por que que só aqui é o centro? E aí eu vim pra cá. Já tem.. não tem um ano ainda, nesse endereço. Mas foi quando eu, foi por causa do Derrida. Isso é interessante de eu dizer. Se a gente tá aqui agora...E foi essa coisa da mudança, eu resisti achando que não ia dar certo, porque que coisa é essa de fazer consultório no [bairro]? E daí foi assim, foi um momento na análise que eu... não... mas... como é que eu não tô fazendo isso na prática? Aí eu vim! E é por isso que a gente tá aqui nesse momento sentadas aqui!*

A experiência de trabalhar com a *desconstrução*, ou seja, de considerar um conhecimento construído no próprio caminho no fazer-se da pesquisa, sem estabelecer certezas ou verdades finais, evidenciou para mim a possibilidade de criar muitos centros onde antes havia apenas um único bairro central. Acreditar em um único centro é colocar em supremacia o pensamento da *metafísica da presença*, do *logocentrismo*, definindo o tempo e espaço em níveis idealmente construídos visando a manutenção da razão como modalidade de resposta às questões singulares.

A *desconstrução* derridiana envolve uma estratégia de produção de conhecimento perante um texto, que, por exemplo, não se trata de destruí-lo ou desconstruí-lo, como equivocadamente pode ser entendido, mas trata-se de reinterrogar os seus pressupostos para abrir novamente outras significações, outras possibilidades. Para Derrida, texto é tudo o que pode ser lido e que faz parte do (con)texto, ou seja, tudo sobre o que pode ser feito uma leitura, não estando restrito ao que está escrito ou publicado em livros. Por exemplo: haveria de se desconstruir princípios ou pressupostos dos textos que compõem a norma. Tudo é texto, entendendo que tudo pode ser lido:

Aquilo que chamo de texto é também aquilo que inscreve e desborda "praticamente" os limites de um tal discurso. Há um texto geral em todo lugar em que esse discurso e sua ordem (essência, sentido, verdade, querer-dizer, consciência, idealidade etc) são desbordados, isto é, em que sua insistente demanda é colocada em posição de marca em uma cadeia que ela tem, estruturalmente, a ilusão de querer acreditar comandar (DERRIDA, 2001, p.67).

Derrida colocou em crise alguns dos conceitos mais seguros da modernidade e suas categorias para relançar os sentidos e problematizar a precariedade da verdade. Derrida introduz o seu conceito de *différance* para abalar e substituir as oposições binárias do sistema logocêntrico, que versam sobre a necessidade intrínseca que temos de recorrer à substância da coisa. A *différance* considera o intervalo de tempo entre o sujeito como autor do discurso e o mesmo sujeito considerado enquanto assunto do discurso.

Tudo no traçado da *différance* é estratégico e aventureiro. Estratégico porque nenhuma verdade transcendente e presente fora do campo da escrita pode comandar teologicamente a totalidade do campo. Aventureiro porque essa estratégia não é uma simples estratégia no sentido em que se diz que a estratégia orienta a tática a partir de um desígnio final, um *telos* ou um tema de uma dominação, de um controle ou de uma reapropriação última do movimento ou do campo. [...] Se há uma certa errância no traçado da *différance*, ela não segue mais a linha do discurso filosófico-lógico [...] (DERRIDA, 1991, p. 38).

Derrida (1973) em *Gramatologia* evidencia que existe uma valorização da presença frente à ausência, o que faria do *logocentrismo* ou da *metafísica da presença* uma busca constante pela verdade, na qual as ideias veiculadas seriam sempre tomadas como definitivas

e irrefutáveis, a partir do pressuposto do *logos*. Isso envolve a concepção de que a origem, a substância, a lógica formal, a razão são únicas, universais e descrevem verdadeiramente o sujeito e o real. *Por que que só aqui é o centro?* O trecho da entrevista citado pode indicar um dos modos de saída da clausura, pois encontra-se atrelado a desconstrução do *logocentrismo*, de modo que a escrita passa a ser vista não mais como uma representação de algo, mas como a infinitude de seu próprio jogo.

*

Sobre os modos de como fui lidando com as leituras das obras selecionadas para esta pesquisa, como lidei com o que dizer sobre estas obras e como me posicionei perante os textos das transcrições, passo a descrever nos parágrafos seguintes.

Minha organização deu-se, primeiramente, com a leitura das obras, selecionadas para esta pesquisa, do início ao final; e, posteriormente, com a escrita ou não do que me suscitava a partir dessas leituras. Fazia anotações, marcava as páginas, dentre outras atividades. No início, fui tomada por muito desespero. Talvez tenha escolhido muitas obras, pensei. Muito a falar, muito para escrever, superego crítico. Num período, organizei uma sequência de leituras, as quais me propunha ler durante quatro horas ou mais por dia. Obtive os textos em sites disponíveis na Internet, ou seja, não adquiri monetariamente nenhum deles. Com os textos digitais, imprimi-os e preferi lê-los em papel, podendo assim ter contato com o texto físico, fazer anotações, tocar o papel, saber do volume físico da obra etc. Isso me pareceu importante, pois o tempo também é o do relógio, aquele pragmático, o que faz lateral com o superego e impõe prazos. No tempo do inconsciente, quem sabe, eu faria algo parecido com o que Lacan (1972-73) disse no início de seu *Seminário, livro 20, Mais Ainda*, capítulo *Gozo*: “[...] não quero saber de nada disso”, algo que indicaria para uma quimera de princípio do prazer, um adiamento, algo que constituía seu caminhar e que lhe aconteceu, por exemplo, de pensar em não publicar *A Ética da Psicanálise*, todavia, “[...] faz com que eu *ainda* esteja aqui, e que vocês também aí. Sempre me espanto com isso... *ainda*”. Muito pode ou não ser dito sobre as obras lidas, o que é bastante evidente, porém penso que seja válido ratificar.

As tantas centenas de páginas, num tempo consideravelmente intenso de leitura, foram me fisingando e me movimentando para o trabalho da escrita. Trago uma imagem no conto de Clarice Lispector (1988, p. 63), sob o título *A Pesca Milagrosa*:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é ler “distraidamente”.

Escrever e ler *distrainda-mente* é pedir muito quando há imperativo para a produção ou para o resultado, porém é um esforço que se faz, penso eu, semelhante ao trabalho da clínica, ao qual não se está voltado para a cura como um fim, como meta a ser atingida ou outras intenções mercadológicas. Tudo o que se diz na clínica importa, de modo que a leitura não é restrita muito menos focal, a leitura é feita em contexto.

A experiência do riso pode nos dar mostras do improvável na relação de supostos iguais. Quando assistimos a alguém imitando outro, seja por seus trejeitos ou predicados, rimos. Se olharmos para o irmão e ao seu lado o gêmeo, rimos. Se alguém caminha em direção a algum lugar e, ao dar mais um passo, tropeça, rimos. O que há nisso que produz o riso? Desconfio fortemente que o riso ocorre porque sabemos que existe um furo e que rimos por saber que também ele nos habita. Rimos, ainda, porque aceitamos a brincadeira: tentaram me enganar, mas eu vi, não são iguais! O objeto *a*, se pudéssemos dar risada dele, causaria-nos menos desconforto e não seria sentido como angústia; ao contrário, poderia provocar o mesmo riso daquele que ao saber que está sendo enganado, ainda sim, sorri.

Ao escrever a fórmula lacaniana: “objeto *a* causa de desejo” tropecei no “s” e escrevi “d” em seu lugar: Objeto *a* cauda de desejo. Se tivéssemos fome e o desejo fosse um peixe-fantasia, poderíamos comer talvez somente sua cauda. O que dá uma imagem dessa hesitação que também inquieta o sujeito e o mobiliza.

*

A posição que me esforcei em sustentar, equilibrando-me na corda do *slackline*, não tentando ficar parada, pois dessa forma eu cairia, mas mantendo o balanço num movimento que me sustentava o caminhar, para me equilibrar não num ponto fixo e estanque, mas nesse balanço semelhante à respiração que num abre-fecha possibilita-me estar viva. A posição, a qual me esforcei sustentar durante a transcrição das entrevistas (preciso dizer), foi a de dialogar com o que estava posto na gravação. Ouvir os timbres agradáveis, macios, os agudos, a respiração, as vozes apressadas, os gaguejos, hesitações, silêncios conectados entre olhares ou desvios, um incômodo necessário. Ouvir minha própria voz de outro lugar, ouvir de novo e me sentir forasteira de mim: eu disse isso? Eu disse. Eu silencieei. Ali nesse momento teve um gesto. Ali, olhamo-nos em silêncio. Eu-ideal, ao escrever, também quis omitir, mudar as frases, assim ficaria melhor, retirar as hesitações, os tropeços.

O esforço em sustentar um texto que não é aquele que passa por revisões a fim de um aprimoramento. Este que se faz prótese de imagens e sons intransponíveis, sem equivalência com signos, portanto necessário para aceitar o que foi vivido naqueles encontros. Para mim,

isso faz equivalência com a entrega, a qual me dispus com aquelas pessoas que convidei, que combinei horário, dia e local, que me fiz ansiosa e animada a cada encontro. Encontros nos quais me deparei com elas e também comigo; sobretudo no exercício de transcrever os áudios, redigir os textos em signos inauditos.

Para as entrevistadas, a gravação em áudio penso que provocou também uma movimentação, algumas se sentiram mais desconfortáveis (toda cena muda quando sabemos que estamos sendo gravadas).

Há um registro do que seria espontâneo e efêmero, que se propôs a reunir num arquivo mudo de áudio e que se faz ouvir quando tocado. Pode existir um ideal nessa gravação da imagem acústica que precisa ser considerado: *aqui [lia o TCLE] diz desconforto, né e de fato dá mesmo, gravar sempre dá um certo desconforto... dificilmente eu falo assim pra alguém e ainda mais gravando alguma coisa porque no meu trabalho isso não é uma prática em absoluto.*

Procuro não citar as cidades nas quais as profissionais psicanalistas que foram convidadas a participar desta pesquisa moram e atuam; tampouco usar alguma informação que possa identificá-las. Porém é importante dizer que, no início dos contatos, busquei por profissionais atuantes na cidade na qual resido e trabalho. Dessa forma, fiz o primeiro contato por telefone com uma psicanalista; eu estava na dúvida se ela trabalhava com a abordagem em psicanálise, então a questioneei e ela confirmou, trabalha com a psicanálise. Expus a proposta da pesquisa, falei das entrevistas; ela me respondeu que estava muito corrido, tudo muito corrido, estava sem tempo, que pensou até em fazer no final de semana. Eu concordei. Na verdade, eu não tinha falado em prazo, não pedira que fosse naquele dia, meu interesse era, primeiro, em saber se ela tinha interesse em participar. Ela reiterou que estava muito corrido, trabalhando durante o dia e com consultório à noite, mas pediu que eu enviasse a ela uma mensagem via WhatsApp e ela tentaria me encaixar. Sugeri que nos encontrássemos pessoalmente para falar da proposta, expliquei que meu contato inicial era para verificar se havia interesse em participar. Ela me perguntou se eu poderia lhe enviar as questões por e-mail, se era um questionário ou algo que pudesse dar conta sem que precisássemos nos encontrar. Esclareci que a ideia era semelhante às entrevistas iniciais em psicanálise e que a *livre associação* vai ser considerada. Em seguida, enviei, de modo a ratificar o que havíamos falado ao telefone, por mensagem de celular, junto com o arquivo do TCLE e recebi um OK em retorno.

Entretanto, depois de ter se passado umas duas semanas, liguei novamente perguntando do interesse em participar da entrevista. Ela me respondeu que no momento não

poderia responder, estava muito atarefada e que precisaria desligar; e desligou. Pressuponho que ela tenha desistido da entrevista e não insisto mais no contato, não realizando, portanto, a entrevista.

Para outra psicanalista que convidei, fiz-lhe o convite pessoalmente. Ao falar que envolveria uma entrevista sobre o tema da alteridade e constituição de sujeito, aceitou sem fazer espanto. Expliquei que se tratava de uma entrevista, e ela me perguntou se seria semiestruturada ou de outro modo. Respondi que seguiria a lógica da *livre associação*, embora eu tivesse questões também disparadoras. Combinamos dia, local e horário, mas ainda com pendências. Quando me despedi, ela me perguntou se precisaria se preparar. Ela aceitou participar, porém ao chegar o dia combinado, disse que surgiram pacientes para atender. Reagendamos, mas fiquei sem resposta. Por conta disso, não entrevistei essa profissional.

Visando ampliar as possibilidades de realização de entrevistas com psicanalistas, emergiu a necessidade de estender os convites também a profissionais de outras cidades, para além da que eu resido e trabalho. Assim, entrei em contato com pessoas de outras cidades. Procurei profissionais que já conhecia, ou que eram conhecidos de colegas meus, os quais, por sua vez, me indicavam outros profissionais. Dessa maneira formamos uma rede e contatei mais duas pessoas por e-mail e telefone. Liguei em dias e horários diferentes. Uma dessas pessoas me retornou via telefone e disse ter interesse na entrevista.

Escrevendo agora e tomando distância daquele momento, vejo como eu estava angustiada com relação a não “dar conta” do que me havia proposto, em termos de organização do trabalho de pesquisa. A ideia no início do semestre, conforme o cronograma, era de realizar uma entrevista por mês, transcrever e fazer as possíveis relações com os autores utilizados como referência teórica na pesquisa. E isso não estava acontecendo.

Como recurso estratégico, também fiz pesquisas em sites de Escolas de Formação em Psicanálise no Estado de Santa Catarina, escolhi mais três nomes e fiz contato por e-mail, falando da proposta de pesquisa e da entrevista e recebi o aceite de dois profissionais. Além disso, fiz contato também por e-mail e telefone com outra psicanalista a qual eu tinha conhecido no curso do mestrado. Ela me retornou via telefone e aceitou participar, e acordamos uma possível data para o encontro. Ainda consegui agendar entrevista com uma psicanalista da cidade em que resido, com a qual não tinha feito contato, que aceitou participar. Por fim, para quem estava sem participantes, eu consegui marcar quatro entrevistas e pude experimentar o sentimento de que as coisas estavam acontecendo! Ou isso também é dizer que o acontecimento é possível.

É preciso dizer que muito do que eu havia planejado na fase da organização de cronograma ou de produção escrita ou mesmo de encontros com entrevistadas, mostrou-se ser outra realidade. Conforme minha leitura, as entrevistadas falaram de alteridade quando não havia esse imperativo em falar sobre. Envolvendo aspectos conscientes e aspectos que escaparam, da ordem do inconsciente, da *différance*, do rastro, emergiram situações espontâneas, que me colocaram em descompasso e (penso que também) fizeram desestabilizar as pessoas entrevistadas, como acompanharemos mais adiante nos textos.

O momento de pré-entrevista suscitou-me fantasias em torno das entrevistadas, sonhos, tentativas de agarrar o Real, preocupações, desafios e uma promessa de que eu estaria ali e disposta a estar naquele momento, vivenciando aqueles encontros. Como sabemos, a psicanálise questiona sobre a coincidência perfeita que existiria entre consciência e verdade, entendendo por sujeito aquele que se apresenta dividido. Num dos convites que fiz a uma das participantes para entrevista, falei sobre a entrevista e o tema norteador, que poderíamos nos encontrar num momento oportuno, que combinaríamos local e pormenores. Então ouvi da participante a pergunta a respeito de se as respostas poderiam ser enviadas por e-mail ou por escrito. Eu havia lhe falado da pesquisa em psicanálise e que gostaria de analisar as concepções sobre alteridade, sobre o que psicanalistas atuantes na clínica pensam a respeito. Entendendo que a relação entre palavra e verdade não se dá num processo literal e transparente, o que mais poderia haver naquele pedido? Percebo que é muito desconfortável ser questionada acerca do seu lugar, do que faz e do que produz; também do meu lado é desconfortável, pois eu deveria conduzir a entrevista e participar da relação com a entrevistada. Por outro lado, poderia ser um pedido de reserva; eu me reservo se te respondo por e-mail, assim me escapa menos, me garanto mais, me furo pequeno, me guardo em minhas certezas, me mantenho preservada. Aí, me ocorreu que por e-mail seria bacana demais, lindo demais, limpo demais, sem o ônus de quê?

Ficar sem jeito, em descompasso, a vergonha pode aparecer. Por e-mail não seria humano, por e-mail seria fácil, branco, de plástico. Por e-mail se faria sem contato, sem ninguém se machucar, pronto, está resolvido, assim. Por que escolhi fazer entrevistas com pessoas que se mexem-transpiram-comem-falam-e-mais e não escolhi trabalhar com algo estritamente livresco? Reconheço que o contato com o livro não se resume a um contato unilinear e simples, ou seja, o contato com o livro envolve as experiências daquela que lê e se envolve com a leitura; temos aí uma afecção, uma relação. Porém, eu queria contato em um plano mais amplo, para além do que a relação construída com os livros podia oferecer.

É e não é por escrito! De poder apostar nisso que sai na hora. E compromete, também. É um lugar bem estranho! Alguém aparecer e querer saber sobre isso, não é uma coisa esperada! E acho que é poder também se colocar nesse lugar enfim e viver essa experiência. Isso eu nunca fiz na vida! Tá na hora de ver como é que é, é diferente!

Quando decidi, ou usei a disposição e o acaso a meu favor me deparei também com isso que desconheço e que é o trabalho no contato com o outro. Uma entrevista vai falar tanto da outra quanto da sujeita, isso se fosse por e-mail não iria acontecer. Eu preciso de corpos que se olhem, se constringam no embaraço que é estar com outro corpo, que conversem! Quando ouvi o pedido de ser por e-mail, falei algumas frases dizendo do porque não poderia e quis oferecer cerca-viva de garantia, prometi no próximo encontro trazer tudo-direitinho-explicando melhor do que se tratava. Trazer o que mais? Era meio isso: entrevista, encontro, tema norteador, o acaso nos abraçando apertadamente. Estava prevendo o acaso, buscando segurança!

Isso já deu mostras de que, para mim, foi desconfortável ir às entrevistas, ser a pesquisadora que busca respostas, devendo antever que não as encontraria. Para a pessoa entrevistada foi parecido: ela deve querer respostas minhas e do que penso sobre alteridade. Já parei para pensar no que se trata alteridade? E se eu responder algo bobo, se for uma resposta besta? Lacan (1972-73[1992]) em seu *Seminário, livro 20, Mais, Ainda* falou que justamente das coisas bestas deveríamos nos ocupar. Acontece que pouca gente quer ser besta, a gente quer ser alguma coisa além de besta. Encontrar o que se espera é seguramente trabalhar com os pressupostos modernos, nos quais o mesmo é repetido pelo mesmo, fomentando a manutenção do igual com possibilidade de captura e previsão. Já um outro modo, quando se decide apostar em algo, sem saber ao certo o que vai emergir de lá, *viver essa experiência*, assume uma posição de reconhecimento da diferença e abertura para o devir.

4 ALTERIDADE, TRADUÇÃO E HABITAR OUTRA LÍNGUA

*uma violência, eu ficava pensando: era como ela podia dizer, se for escutar essa filha não sei como ela vai entender, né, porque às vezes me parecia que, às vezes, né, muito cuidado, muito zelo, não era interpretado, não era entendido pelo, por esse outro como zelo ou cuidado, por mais carinhoso, né que supostamente podia ser... podia ser muito agressivo! [...] quando eu escutava uma história de abuso, nesse sentido eu pensava: mas... **é como tu pode dizer e eu não sei o quanto dói porque não é o meu parâmetro**, eu me lembro de alguns casos em relação a violência doméstica, né, **de fato de, a mulher machucada, mas ao mesmo tempo ela não tomava aquilo como um machucado, né, às vezes prova de amor, né, desse marido que queria ela bem, né, claro que era uma violência, mas eu não me tomava nesse lugar de: ah, é uma violência! olha que absurdo, e esse cara! Eu acho que eu ficava mais numa situação de... de tentar... **acompanhar o rastro aí das trilhas, das interpretações e como ela entendia aquele ato,*****

Mais que fazer a leitura daquilo que é trazido pela paciente, as psicanalistas lidam com a tarefa incessante de traduzir um dito por uma língua que não é a sua, por um parâmetro que não é o seu, ao passo que também estão habitadas por essa língua. Pôr-se a trabalhar pelas vias do *inconsciente* e da *différance* e agregar contradições às relações humanas, recuperando o valor da palavra ambígua, da palavra cujo sentido, ao mesmo tempo que revela, oculta um não dito. Um termo entendido e puramente fixado na lógica identitária impossibilita o trabalho de *desbordamento* (DERRIDA, 2001), por isso o reconhecimento da alteridade, conforme o trecho citado acima, insiste em considerar a leitura de um texto inserido estruturalmente numa ordem na qual há ilusão de comandar; porém demanda desbordar os limites do discurso e acompanhar seus rastros.

Num colóquio realizado na Universidade de Estatal de Luisiana em Baton Rouge, Estados Unidos, sob o título de *Reenvios de Algueres*, Derrida interroga: “Como é que se pode ter uma língua que não seja sua?” ([1996] 2001, p. 15). Esse tema já havia sido comunicado sob a forma de esboço em outro colóquio organizado na França. Essa comunicação deveria abordar, além de temáticas como linguística, literatura, política ou cultura, deveria abordar os problemas da francofonia, que envolve pessoas que possuem em comum a língua francesa, porém com aspectos culturais distintos, e que têm morada fora da França. Derrida, nascido na Argélia, se considerava um falante franco-magrebino.

Por ser um falante franco-magrebino, isso não parecia dar ao filósofo um estatuto de possuidor de uma rica identidade, mas sim uma questão problemática. Derrida problematiza a pureza de uma língua, questiona a língua como unidade original, com um início pontual e localizado, como uma essência da língua. Ao problematizar a pureza de identidade, apresenta três conjuntos a fim de identificar qual o representaria e se dá conta de que não pertence a nenhum destes conjuntos bem definidos, ou seja, sua identidade não é revelada por meio de nenhuma dessas três categorias:

- A. Existem, entre nós, franceses francófonos que não são magrebinos: franceses de França, numa palavra, cidadãos franceses vindos da França;
- B. Existem também, entre nós, francófonos que não são nem franceses nem magrebinos: suíços, canadenses, belgas ou africanos de diversos países de África central;
- C. Existe finalmente, entre nós, magrebinos francófonos que não são nem nunca foram franceses, entenda-se cidadãos franceses: tu, por exemplo, e outros marroquinos, ou tunisinos ([1996] 2001, p. 25).

Afinal, como indicar nossas origens: pelo nascimento no solo, pelo nascimento do sangue, pelo nascimento da língua dita materna? O que é colocado em questão é a identidade com esse referente (que parece ser) comum aos que pertencem a um mesmo conjunto. “Se confiei o sentimento de ser aqui, ou lá, o único franco-magrebino, isso não me autorizava a falar em nome de ninguém, muito menos em nome de uma qualquer entidade franco-magrebina cuja identidade permanece [*demeure*] justamente em questão” (DERRIDA, [1996] 2001, p. 27).

faz uma mobilização você pertencer a uma instituição. No caso eu sou associada da [escola] e ter esse laço institucional também mobiliza de várias formas, porque você representa por aí um grupo de pessoas quando você fala você fala também representando... mas tem tanta diferença! Como é que você vai representar? No começo, assim, eu não quero representar grupo nenhum! Eu não sei nem de mim, como é que eu vou saber...? como é que é isso, né? de poder circular por aí com uma insígnia mas hoje eu acho tão interessante, porque a vivência institucional quando ela é assim que permite a diferença... diversidade... dissonância ela é tão rica, por isso! Porque não precisar ter um centro. Não precisar ter UM dizer que represente assim. E essa pluralidade ela acaba acontecendo. Mesmo com esse referente do nome. [...] ao mesmo tempo não apaga a diferença porque seria uma proposta antipsicanalítica,

No período da Segunda Guerra Mundial, Derrida, assim como milhares de comunidades judaicas, se viram aterrorizadas pelo anti-semitismo. Como Derrida se sentiu, aos dez anos de idade, ao ter de responder a uma demanda que lhe negou o estatuto de

pertencimento a uma língua dita materna? Havia sido concedida cidadania francesa aos judeus da Argélia em 1870 e, menos de um século mais tarde, Derrida se vê então “[...] na memória traumática de uma degradação, de uma perda da cidadania francesa” (DERRIDA, [1996] 2001, p. 29). Três anos mais tarde, aos treze, o Estado lhe restitui a cidadania francesa. “[eu] nunca tinha ido à França, nunca nela tinha estado ainda” (Idem, p. 29). Tal como se percebe, quando diz “perturbação da identidade”, e por a cidadania não aludir aos aspectos naturais, de apropriações históricas, políticas, coloniais. Por isso, para Derrida, “[...] uma identidade nunca é dada, recebida ou alcançada, não, apenas existe o processo interminável, indefinidamente fantasmático, da identificação.” ([1996] 2001, p. 43).

Em seguida, o autor se abre para a questão de como a interdição das línguas minoritárias pela substituição das línguas dominantes, suprimindo seus idiomas para sobreviverem a supremacia dos senhores, do capital e das máquinas, está estreitamente relacionada com o interditar também o acesso a um dizer. Na situação vivida por Derrida, deu-se com o interdito escolar pedagógico das línguas árabe e berbere. Além das censuras coloniais, divisões sociais, xenofobia, racismos, havia o estudo facultativo do árabe, que era tida como uma língua estrangeira, mas era a língua que o povo falava! E aqui se abre para outra asserção: “Toda a cultura se institui pela imposição unilateral de alguma política da língua.” (DERRIDA, [1996] 2001, p. 55).

Um das primeiras pulsões coloniais no monolinguismo do outro seria a própria língua como Lei e soberania perante o outro. Como se dá a relação com o outro ou a abertura ao outro nessa condição? O seu dizer foi um dia um dito, que já não era seu, era de outro e que agora passa a ser a dita minha língua a soberana, a Lei, você passará a se apropriar dela como se fosse a sua própria língua, “de qualquer modo não falamos senão uma língua – e que não a temos. Não falamos nunca senão uma língua – e ela é dissimetricamente, a ele regressando, sempre, do outro, do outro, guardada pelo outro. Vinda do outro, permanecendo no outro, ao outro reconduzida” (DERRIDA, [1996] 2001, p. 57).

Bom, eu acho que a alteridade ela, antes de tudo, tem a ver com a questão da diferença, mesmo, né, então às vezes a gente costuma dizer que a alteridade tem a ver com o outro, né, mas o outro não é simplesmente alguma pessoa que não sou eu né, é mais complexo do que isso, no senso comum se diz o eu sou eu e o outro é o outro, mas na verdade, o outro, pra pensar na questão da alteridade você tem que incluir essa noção bastante profunda de que eu desconheço totalmente o que é o outro porque o outro é a diferença. Se a gente já não tem muita clareza de tudo o que é esse Eu, né, [risos] que é tudo aquilo que a gente afirma: eu isso, eu aquilo, ainda sim é-é uma afirmação provisória, né, com

relação ao outro, muito mais! Pra mim a questão da diferença ela tá completamente entrelaçada com a concepção de alteridade. Vem um não-saber aí no meio, né...

A língua subtraída pela colonização do outro torna-se a mais estrangeira, aliada a uma outra pulsão colonial que é o interdito na forma que coloca o que era sua língua, uma língua posta à margem ou até mesmo em pequenos conjuntos que se dividem aos montes e só unem os algures, os remetimentos ao que supôs anteriormente traduzir-se por origem essencial. Dito de outro modo, a supressão de um dito antes autorizado e materno violenta o dizer do outro sob forma de supremacia da língua colonizadora.

Teve uma [aluna] que me escreveu assim, eu nunca esqueço, tenho esse e-mail dela até hoje, acabou a disciplina ela me mandou um e-mail assim: ah professora, bem interessante, você tem um saber INUSITADO! [risos] essa palavra que ela escolheu, nunca vou esquecer! Um saber inusitado... bom acho que isso é bom, eu gostei de ouvir isso! E dar aula é algo bem desafiador, porque você fala, não é nada da escrita. Eu acho que esse exercício de sair do consultório também é um pouco de circular na cidade... e eu me coloco esse desafio essas coisas diferentes porque me agradam... poder me tirar do centro, assim! [risos] quando eu vejo que eu tô construindo uma coisa muito centralizadora pra poder brincar tem que desmontar o joguinho, né, tem um pouco disso e aí essas coisas de fazer, elas coisas que tão lá no currículo, acho que têm muito a ver com isso: de topar umas coisas diferentes, como uma provocação... e por isso que eu topei essa entrevista [risos] [...].

*E esses lugares quebram muito o tradicional da clínica... e eu sou muito atravessada por esse desejo de apostar em coisas um pouco fora do setting... **fora? Do quê? Do centro? Do que alguém definiu? Aí que tá! Eu não acho que é fora, eu acho que é possível, são construções e são exercícios de alteridade também, por que não?***

Por exemplo, quando eu penso num sujeito ético... eu penso que a gente se constrói nesses contatos com o outros... nessas trocas e que isso nos obriga a tomar uma responsabilidade diante do que a gente faz e a gente fala... das escolhas... uma experiência de humanização e de poder ter uma abertura pro outro... se lançar nas experiências [risos]

Desmontar os lugares de *setting* analítico e de escuta, ser desafiada pelo inusitado da docência, questionar as definições de centro, do que está no conjunto, pensar nos plurais lugares possíveis de se exercer a clínica são aproximações com a alteridade. A promessa ou o desejo de habitar uma língua traz consigo a prerrogativa primordial de sobretudo habitar a diferença ou, em outras palavras, a alteridade.

A língua habita em nós, apropria-se de nós, “nos demora”. Derrida problematiza que sempre é uma língua outra, pela impossibilidade de ser uma única língua. Uma das possibilidades de se orientar a inscrição de si junto dessa língua, que é sempre a do outro, não perpassam unicamente um espaço ou um tempo, *locus-chronos*, “[...] todas as línguas da dita metafísica ocidental, porque existe mais de uma, incluindo os léxicos proliferantes da desconstrução, todas e todos pertencem, por quase toda a tatuagem do seu corpo, a esta dádiva com o qual temos por isso de nos explicar” (DERRIDA, [1996] 2001, p. 104). A língua faz-se renovar a medida que traz consigo remetimentos:

[...] uma espera sem horizonte de espera informa toda a palavra. A partir do momento em que falo, antes mesmo de formular uma promessa, uma esperança ou um desejo como tais, e aí onde ainda não sei o que me vai acontecer ou o que me espera no fim de uma frase, nem quem nem o que espera quem ou o que, já estou nessa promessa ou nesta ameaça [...] reunida na sua própria disseminação (DERRIDA, [1996] 2001, pp. 35-36).

É tu tá com o paciente, e tu fala alguma coisa... por exemplo eu lembrei de um paciente que-eu-eu-to aqui-no-divã-e-ele-ele-tá-aqui-no-divã-e-eu tô-aqui, e eu falo alguma coisa e daí ele fica quieto daqui um pouco ele faz assim na parede, ele dá um soquinho na parede e aí tu vai ter que dizer: o que que foi? O que aconteceu? Hoje em dia ele mesmo, porque é uma coisa meio automática dele, como se fosse uma descarga, daí ele diz assim: ah, me veio um pensamento horrível! Né, então o soquinho é como se dissesse 'vai emb' é quase uma coisa assim: sai pensamento! E aí hoje em dia ele já dá o soquinho, e diz: me veio um pensamento horrível, e aí ele fala né, então assim, é-e, não é que tu vai ficar: ai, o soquinho na parede significa isso, não! É poder trabalhar com o paciente, né, ou uma outra paciente que ela fala e ela começa a enterrar o salto assim no divã. Tu não vai dizer: o que que é esse salto no divã? Tu vai perguntar: tá acontecendo alguma coisa? Talvez ela nem se dê conta, mas tu tá vendo! E aí tu vai dizer: tá acontecendo alguma coisa! É disruptivo, então...

Soquinho, pensamento horrível, enterrar o salto assim no divã, alguma coisa tá acontecendo! A metáfora da prótese de origem traz essa imagem de algo estrangeiro que passa a incorporar também o que entendemos ser nossa linguagem e há um esforço constante de negociação com esse outro que habita minha prótese, pois me aproprio dela seduzido pela promessa de reconciliação ou suplência com a falta constituinte. Promessa essa que não restauraria a segurança ou qualquer conteúdo messiânico ou libertador, a promessa que vem dessa língua que nos habita é, senão, a vinda do outro, o outro que invade e ameaça, sendo sempre reconduzido a um outro.

As questões da impossibilidade de uma única língua, de uma pureza na língua ou de uma essência da língua, abordados nos textos derridianos, trazem consigo a impossibilidade de um centro, um ponto de salvação ou de ancoragem que permitam um acesso a significações, sentidos ou apaziguamento pela segurança de um estado só, imutável, permanente e constante. Isso faz emergir o jogo dos remetimentos que, como já trouxemos, rompe a ideia de equivalência da coisa, ocupando lugar para uma prótese ou também para fazer suplência. Pela ausência de centro ou de origem, o que movimenta é a suplementariedade:

[...] o signo que substitui o centro, que o supre, que ocupa o seu lugar na sua ausência, esse signo acrescenta-se, vem a mais, como suplemento. O movimento da significação acrescenta alguma coisa, o que faz que sempre haja mais, mas esta adição é flutuante porque vem substituir, suprir uma falta do lado do significado (DERRIDA, 2009, p. 245).

se a gente aposta que ali tem um sujeito, a gente aposta que ele pode fazer algo com aquela situação, né, ou... enfim! que ele pode se responsabilizar ou que ele pode tomar, enfim, acho que quando a gente pensa que a gente vai cuidar desse sujeito e esse cuidado a gente vai decidir por ele, a gente vai fazer por ele, a gente vai arrumar por ele, vai encontrar uma solução, acho que a gente não tá escutando o sujeito, acho que eu não tô escutando o sujeito quando eu CRIO uma solução pra ele, [...] e eu me lembro de uma menina, ela tinha quinze anos, ela disse que ela foi abusada pelo padrasto durante muito tempo assim, durante.. dos oito aos treze, foi um período muito longo de abuso desse padrasto e ela engravidou ela engravidou, ela tava abrigada, porque a mãe fica com esse padrasto que era abusador e o abrigo retira, obviamente, né, pela denúncia da violência e pela questão, enfim, de ela não ter um lugar seguro, pela violação dos direitos ela tava abrigada, ela tinha uma criança de um ano e ela vem me dizer: olha, eu sinto muito ódio dessa criança porque é fruto, né e eu lembro muito desses abusos mas ao mesmo tempo eu amo muito porque se eu não tivesse engravidado eu não taria aqui, né, eu não teria saído de um ciclo de violência. E daí eu acho que isso me tomou com... sabe? [...] acho que me remete um pouco disso assim de que, ah, ela era uma criança, né, e agora ela tem outra criança. E acho que tinha um pouco essa pressão em relação a falta de um lugar e isso remeteu muito as minhas histórias, né, em relação a criança que eu fui, em relação ao lugar e acho que quando ela vai embora eu fico um pouco... não sei se eu tinha escutado ela, né, ou se foi... com essa avalanche de violência, mas um dia que eu lembro de ter me marcado com a ideia de ela sair e de eu pensar... quase que não tem jeito, né?! tu tem uma filha,

***tu foi abusada, né, de-de me sentir impotente, né, quando o meu lugar que nunca
foi de potência pra decidir pelo outro!***

[...] foi uma história que.... que eu me deparo com um vazio, mas com um VAZIO, assim, né, e acho que daí o que começou a se tornar um atendimento uma referência. Naquela semana, naquele horário, ela vinha ao atendimento e acho que a gente começou a construir referências onde não tinham!

Uma única situação dentro de uma história de vivências não pode tornar-se centralizadora, nem fixar o sujeito ao ponto de impossibilitar outros movimentos. Entendendo um sujeito que não está substantivado no presente e que se constitui nas relações e a partir das relações, existe uma estratégia em lidar eticamente com a demanda do outro, que pode ser intensamente mobilizada por um evento marcante; porém é preciso apostar em outros centros, na suplementariedade dos signos.

Isentando planejamentos prévios, a figura da analista é colocada à prova do imprevisível, da impotência, de vazio, do descontínuo e do espontâneo, ao reconhecer também a tradução como uma saída para lidar com o desconhecido. A aproximação com a alteridade posta no trecho recém citado se dá na concepção de responsabilização do sujeito, habitando sua língua sem colonizá-la com os valores da analista, reconhecendo que numa história assolada por uma avalanche de violência também existe uma promessa futura de outras marcas de referências, e a análise vai possibilitar ser uma delas. Tratar com hospitalidade o acaso e a surpresa, topar um encontro em que não se sabe o que vai acontecer, inusitado e fora de lugar, apostar que na clínica a tradução acontece, sempre que possível e tendo como horizonte, de modo a não sobrepor a sua-dita-língua a do outro, evitando a colonização e imposição unilateral, são algumas marcas referenciais possibilitadas pela análise.

5 ALTERIDADES, ARQUIVO E PRINCÍPIO ARCÔNTICO

A alteridade me vem muito essa coisa da hospitalidade de poder pensar o outro, de receber o outro como outro.

Derrida no livro *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana* propõe reelaborar o conceito de arquivo em sua definição dita clássica no curso da história. Nesse movimento também faz tremer o conceito de arquivo, ampliando-o. Derrida entra em contato corpo a corpo com *Moisés e o Monoteísmo* de Freud ([1939] 1996) e *Moisés de Freud: Judaísmo Terminável e Interminável* de Yosef Hayim Yerushalmi (1992), professor e historiador americano do judaísmo. Não pretendemos discutir a crítica ou a interpretação desconstrutiva realizada por Derrida dos textos supracitados; vamos nos ater às questões que norteiam o *arquivo* e o *mal de arquivo* e o que nisso pode ou não ter alguma relação com a alteridade.

Qual seria a definição dita clássica do conceito de arquivo? Algo a guardar? Guardar para quê e para quem? Já que existem tantos suportes e possibilidades de registro (sejam virtuais ou formas duras), em algum momento, esse arquivo pode falar por ele próprio? Pensemos em nossos arquivos: vídeos, áudios, conversas imensas via redes sociais, e-mails, fotos impressas, fotos digitais, fotos nas nuvens, cartas (ainda existem as ridículas¹¹ neste mundo!, quem as escreve, por favor!), documentos, livros, *ebooks*, prontuários, registros, recibos, processos, dossiês, manuais... bem, todos são arquivos? A memória também é um arquivo? O arquivo parece querer capturar um instante e lhe criar uma marca. Porém essa impressão poderá ser o que vemos apenas *a priori*.

E: Essa diferença que não basta a gente considerar que existe um outro, porque aqui a gente entende que você desconhece esse outro, né, isso onde que tu percebes que emerge na tua prática clínica?

Uhum... eu acho que justamente pelo desconforto da diferença. O primeiro lugar é aí, né. [risos] eu acho que a diferença é algo que aparece no discurso, eu digo no discurso do cotidiano, no discurso da clínica, quando a pessoa tá contando uma situação e diz: bom ele é ele, eu sou eu, cada um tem a sua vida... quer dizer, num discurso, num nível mais superficial parece que existe essa diferença. No entanto.. o... o... o-o esforço acaba sendo de negar essa diferença, de transformar o outro naquilo que eu quero que ele seja. Ou seja, ele

¹¹ Nos referimos ao poema de Fernando Pessoa, intitulado “Todas as cartas de amor são ridículas”.

deixa de ser outro, ele deixa de ter a diferença. Então eu acho que a diferença ela aparece na clínica antes de tudo pelo INCÔMODO que ela traz, pelo desconforto que ela traz, porque ela justamente convoca essa questão daquilo que eu não sei, do desconhecido, daquilo que não é o que eu espero, então ela aparece muito pelo desconforto. Quando ela pode ser vista, né!

Podemos reconhecer de antemão que existe uma outra pessoa que não sou eu, *cada um tem a sua vida* e que esta pessoa nos parece ser de acesso imediato e capturável, assim como pensamos poder acessar um *arquivo* com facilidade. Com muita frequência, diz Derrida ([1930] 2001, p. 8), reduzimos o *arquivo* a experiência da memória e o retorno à origem. Retemos ou guardamos, retornarmos mais tarde para o que foi o início. Pode ser também uma compilação ou reunião de signos, uma operação topográfica de consignação, conjunto reunido de signos. “Não há arquivo sem o espaço instituído de um lugar de impressão”. Estando atrelado a memória, um arquivo se inscreve também no próprio corpo? Cicatriz, tatuagem, amputação, infecção, corte, incisão, plástica, *botox* e tudo o mais que um corpo pode imprimir. E como fala Derrida: uma circuncisão?

Mais que o retorno a origem, o *arquivo*, para Derrida ([1930] 2001, p. 11), coordena dois princípios em um: “[...] o princípio da natureza ou da história, *ali onde* as coisas *começam* – princípio físico, histórico ou ontológico -, mas também o princípio da lei *ali onde* os homens e os deus *comandam*, *ali onde* se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a ordem é dada – princípio nomológico”. Um *arquivo* também suportaria esse lugar de controle e comando, num determinado lugar, ainda que um lugar de suporte virtual.

Os arquivos nascem, para Derrida ([1930] 2001), nessa domiciliação (p. 13), marcando um lugar de guarda e fazendo a passagem do público para o não-público; não necessariamente do secreto e do não-secreto; convocando assim, além do cruzamento topológico (lugar) e do nomológico (lei), a função arcôntica do poder de consignação. A consignação visa a coordenar a unidade numa sistemática e sincronização ao qual seus elementos articulam um modo ideal de configuração. É preciso unificar os arquivos, identificá-los, classificá-los, para reuni-los, formando esta reunião dos signos no ato de consignar. Portanto, o princípio arcôntico do arquivo é um princípio de consignação, de reunião.

Arquivo remete ao *Arkhe* e abriga em si *começo* e *comando*, a lei. Derrida escreve que *arquivo* remete ainda ao *arkheion* (do grego), que significa um domicílio de onde os arcontes, esses magistrados superiores, comandavam. Aos arcontes detinham o poder político, era-lhes reconhecido o direito de representar e fazer a lei; por isso seus domicílios

era, naturalmente, o lugar onde todos os documentos oficiais ficavam arquivados, guardados sob a tutela desses arcontes. Além de serem responsáveis pela segurança física dos *arquivos*, cabia-lhes o direito e competência de interpretação; em outras palavras, detinham o poder de hermenêutica desses *arquivos*. Naqueles tempos, eram necessários guardiões e locais físicos para a guarda e o arquivamento de todos os documentos.

O que o princípio arcôntico parece se esquivar é da experiência espontânea do *arquivo*. Se já se sistematizou um modo de configuração, de ordenamento, de classificação do arquivo, o que se nega nesse processo? O *arquivo* ditaria a lei do que guardar, igualmente diz o que deixar no esquecimento. “Pois o arquivo [...] não será jamais a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Bem ao contrário: o *arquivo* tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória”. (DERRIDA, [1930] 2001, p. 22).

Nesse cenário, o *arquivo* trabalha para o esquecimento? O *arquivo* trabalha tamponando o incômodo e o desconforto do desconhecido?

Derrida ([1930] 2001, pp. 21-22), seguido das palavras de Freud, lembra que assim como a pulsão de morte, que trabalha para destruir o *arquivo*; a condição do *arquivo* é essa que apaga com vistas a apagar seus traços que seriam ditos próprios. A pulsão de morte é, para Derrida, “*arquiviolítica*”. Eu faço aparecer o que é para ser arquivado. “Ela destrói seu arquivo antecipadamente, como se ali estivesse, na verdade, a motivação mesma de seu movimento mais característico”. Essa potência *arquiviolítica*, para Derrida leva ao esquecimento, a amnésia, a aniquilação da memória e comanda o apagamento radical, a erradicação daquilo que não se reduz a um suplemento ou representante mnemotécnico. “Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior”.

Um *arquivo*, uma função arcôntica visa reter, ordenar, domiciliar para algum tempo (qual?). Parece haver uma promessa que se estende para outro tempo. Se não está registrado, não aconteceu? Pensemos nas várias manifestações as quais nos preservamos visando registrar em e-mails ou mensagens de texto. Parece ser difícil se permitir a confiança apenas na palavra dita verbalizada, solta ao vento. Eu envio um e-mail para que fique registrado. Vamos fotografar para guardar que estivemos aqui um dia. Se não há filmagem, não há como provar que você está certo. “O arquivo sempre foi um penhor e, como todo penhor, um penhor para o futuro. Mais trivialmente: não se vive mais da mesma maneira aquilo que não se arquivava da mesma maneira”. Nessa cena, vemos pais e mães desesperados penhorando imagens, vídeos de suas filhas. Os equipamentos de registro abundantemente disponíveis,

ao nosso alcance, proporcionam uma infinidade de registro e de informações que podemos ficar disponíveis no formato *cloud* (nuvem), formato virtual que nos faz esquecer que nesse processo há um servidor físico — um arconte a servir — que tem o poder de hermenêutica do que produzimos, inclusive podendo ou não disponibilizar *links* de acesso ou de negação de acesso ao que, bem provável, ingenuamente, dizemos serem os “nossos arquivos”. O modo que Derrida aborda sobre os domicílios dos arcontes e do poder que detinham de consignação e hermenêutica parece muito se assemelhar com o que vivemos com plataformas de redes sociais ou empresas de serviços *online*, dentre elas a Google. Derrida ([1930] 2001, p. 30), escreve:

Não é somente uma técnica no sentido corrente e limitado do termo: em um ritmo inédito, de maneira quase instantânea, esta possibilidade instrumental de produção, de impressão, de conservação e de destruição do arquivo não pode deixar de se acompanhar de transformações jurídicas e, portanto, políticas. Elas afetam nada menos que o direito de propriedade, o direito de publicar e de reproduzir.

Lembremos que o período de publicação da obra *Mal de Arquivo* data de 1995 e que Derrida falou de plataformas como fax e e-mail: “Transformações em curso, turbulências radicais” (*idem*). Essas transformações resultaram em possibilidade de acesso às informações de forma livre e democrática. Por exemplo, para esta pesquisa, eu pude ter acesso a todas as obras que selecionei de Derrida e Lacan disponíveis *online*, traduzidas para o português, sem ônus; isso é, não foi preciso pagar por essas informações e as tive com acesso no que dizemos ser nossa língua. O modo como fácil se propaga um *arquivo online* porém, na contramão, também sem esforço se pode eliminá-lo, excluir ou invalidar um *link*. Derrida ([1930] 2001, p. 32) problematiza esse movimento de arquivamento, conservação, comando e destruição a um *mal de arquivo*. “Não haveria certamente desejo de arquivo sem a finitude radical, sem a possibilidade de um esquecimento que não se limita ao recalçamento”.

Sem o *arquivo*, acreditaríamos que aquilo não aconteceu, não terá função arcôntica para ditar a lei sobre um acontecimento. “[...] a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro” (p. 29).

Derrida ([1930] 2001, p. 39-40) parece brincar com o jogo de palavras ao falar de seu computador pequeno e portátil “[...] este não foi unicamente o primeiro suporte a suportar todas estas palavras”. Em meu processo de registro, eu logo me identifico, pois faço parecido agora:

[...] as letras suspensas e flutuando ainda na superfície de um elemento líquido, eu apertava uma certa tecla para registrar, para ‘salvar’ (*save*) um texto indene, de

maneira dura e durável, para proteger as marcas do apagamento a fim de assegurar salvação e *indenidade*, de estocar, de acumular, o que é a um só tempo a mesma coisa e outra coisa, de tornar a frase disponível à impressão e à reimpressão, à reprodução?

O desejo pela manutenção, por manter são e a salvo, deixar ileso, intocável; isso da *indenidade* que escreve Derrida ([1930] 2001, p. 44), ele o faz condensar em três sentidos da palavra impressão: a escritura, o rastro e a inscrição. A primeira impressão seria escritural: deixando uma marca na superfície ou na espessura de um suporte e que se transforma num lugar ao qual ali se reúnem os signos, consignação. A segunda impressão é a de que temos apenas uma noção de arquivo, uma impressão de um conceito de arquivo: [...] considero que o pensamento do arquivo depende da possibilidade deste conceito, do futuro mesmo do conceito [...]", ficando um conceito em formação dividido e inadequado ao que deveria evocar. Aqui, se leva em conta as figuras do recalque e da repressão, ao qual a psicanálise freudiana propõe uma nova teoria de *arquivo*. Dito de outro modo, o conceito de *arquivo*, além da pragmática, leva o peso de um impensado ou ainda, de um não-dito, que é o que Derrida trabalha na noção de rastro. A terceira impressão da inscrição trata do que é da impressão que é deixado no suporte.

Derrida ([1930] 2001, p. 45) escreve da impressão deixada em Freud e inscrita nele ao nascer, seja a partir da circuncisão ou por meio de sua história. A impressão deixada por Sigmund Freud, naqueles que vieram depois dele, que falam dele e se deixam assim marcar: “[...] em sua cultura, em sua disciplina, seja ela qual for, em particular a filosofia, a medicina, a psiquiatria [...] em particular a história deste projeto institucional que se chama psicanálise”. Estamos marcados por essa impressão freudiana.

Então ele nasce carne, né, e essa carne vai ficar atravessada por inscrições, pelo pulsional, e a gente vai dizer: bom, aquela carne, né, aquele corpo, nunca mais vai ser só um corpo, né, é um corpo psíquico, né, que o Freud vai falar da pulsão, que a pulsão é o limite entre o somático e o psíquico. Então a gente vai sempre pensar que esse... quando a gente pensa em si próprio, assim, EU, eu sou, a gente pensa na gente psíquico, mas é o corpo que tá ali, como o arcabouço desse Eu, a gente não separa mais, o psiquismo nunca mais fica separado do corpo, né, então quando um sujeito sofre uma violência como a tortura, a tortura tem essa capacidade de inci... incidir e de novo fazer uma fratura entre o psíquico e o corpo, o sujeito fica muito reduzido a uma condição de objeto e isso é fraturante pro psiquismo, né, tu não ser nada no olho de alguém, né, porque o sujeito que é capaz de torturar um outro ele tá olhando aquele outro como objeto!, assim, ele não tá se colocando no lugar do outro assim. Tanto que nos arrepiam, né, nós mais neuróticos, a gente pensa:

como que alguém é capaz, né, de fazer o que a gente ouviu? Das coisas absurdas da tortura e que ainda acontecem a todo o tempo, nos mais diversos lugares, tu fica: como que alguém é capaz? Bom, é capaz porque ele não tá vendo aquele sujeito como um sujeito humano, ele tá vendo como um objeto. E pra nós humanos que só existimos a partir de um outro, não ser nada no olho de um outro é fraturante!

Sabemos que os nomes próprios, sobrenomes (sobre o nome) e assinaturas têm um cálculo importante. Dá-se um nome a um corpo também para fugir do espontâneo e se coloca a questão do futuro, segundo Derrida ([1930] 2001), a questão de uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para a posteridade. Cada um com sua história do nome, seus meandros irreduzíveis e o que o nome movimentava de escritura, rastro e inscrição. E se a psicanalista também tivesse uma função arcôntica de hermenêutica do arquivo de memória das analisandas? Lidar também com as impressões consignadas nos *arquivos* de analisandas considerando movimentos de recalque e repressão, conforme o trecho acima citado, inventando outras produções de *arquivo*, outros olhares para aquele corpo psíquico além da insígnia fraturante. “O arquivista produz arquivo, e é por isso que o arquivo não se fecha jamais. Abre-se a partir do futuro” (DERRIDA, [1930] 2001, p. 88).

Quando é preciso registrar as sessões com uma analisanda, por exemplo, me incomoda imensamente reduzir em algumas palavras todo um contexto de sessão, algo que não vai representar ou fazer equivalência. Ainda sim, faz-se o registro pensando num futuro, numa promessa de reaver alguns instantes, inscrições, impressões que fiz da sessão, bem como por regulamentação da profissão, o que não necessariamente precisa acontecer nas sessões ditas psicanalíticas. A questão de “arquivo” está para mais do que uma questão de passado ou de retorno a um acontecimento: o *arquivo* parece querer poupar o que é da ordem do espontâneo.

6 ALTERIDADES, MODALIDADES DO OUTRO E OS LAÇOS SOCIAIS

*mas o outro não é simplesmente alguma
pessoa que não sou eu.*

O trabalho com a diferença demanda uma compreensão pautada num sujeito cindido, é isso que estamos reiterando ao longo do texto, sustentando a crítica a uma ontologia baseada na *metafísica da presença*, numa identidade passível de apreensão, controle e domínio. A alteridade, para Lacan, insere-se nessa tradição de pensamento, segundo a qual a subjetividade pode ser entendida como constituída na relação com o outro e envolve, necessariamente, esse outro como elemento constitutivo. Em Lacan, podemos encontrar a discussão sobre alteridade nas modalidades do Outro, as quais vamos apresentar: pequeno outro, grande Outro, o objeto *a*, o Outro do laço social articulado por meio da produção dos quatro discursos e o Outro gozo (ou sob o nome *Heteros*, o gozo feminino).

Com a notação \$, Lacan nomeia um sujeito barrado, um sujeito dividido. Se bem que, se o autor articula algo da psicanálise, poderia se intitular “História de uma metade de Sujeito” ([1969-1970] 1992, p. 53). A verdade do sujeito será nessa medida parcial, ela também nos é estranha e nós não somos sem ela. Isso, segundo Lacan, exige que saibamos nos contentar com o deslocar-se num mundo que se mostra estritamente o da cogitação, isentando-nos da busca final pelo fruto: “Vocês se ligam muito em colher maçãs debaixo da macieira, e mesmo a pegá-las do chão. Seria melhor que não pegassem as maçãs” (*idem*, p. 56). Essa imagem pode muito bem fazer referência ao movimento que vai de encontro a substância ou a *metafísica da presença* enquanto sujeito substantivado e presente, pedindo uma compreensão que incorpora a noção e necessidade de sentido, mas valoriza o não-saber, o meio-dito e a alteridade.

Nas modalidades do Outro, desenvolvidas por Lacan, o pequeno outro é visto pelo sujeito como semelhante e adversário; aquele que numa instância paranoica faria o sujeito perder o lugar conquistado, por acreditar que seu rival roubaria o lugar que foi conquistado no seu desejo. São sentimentos que mesclam admiração e desejo de ver o outro eliminado. Nesse momento, o pequeno outro ainda é visto como igual, por isso passível de ser conhecido, ele tem contornos precisos, e eu posso nomeá-lo e predizê-lo. Essa instância do pequeno outro é o que vai oferecer ao sujeito sua base constitutiva, havendo no início um processo de alienação que é matriz da existência psíquica. Essa matriz se dá, em Lacan, a partir do processo do Estádio do Espelho: um processo construído com as identificações do

sujeito e com imagens ideais que são projetadas num pequeno outro, que é tido como semelhante.

No texto *Os complexos Familiares na Formação do Indivíduo*, Lacan ([1973] 2003) desenvolve que a família e seus complexos demonstram desempenhar um papel significativo no desenvolvimento psíquico do sujeito: “o peso da família como objeto e circunstância psíquica viu-se aumentado” (p. 35), sobretudo como organizadores nesse processo de constituição psíquica. No mesmo texto, Lacan apresenta o *Complexo do Desmame*, marcando o psiquismo a relação da amamentação, sob a dita “forma parasitária” (p. 36) exigida pelas condições mais tenras do sujeito. Este processo funda os sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que unem a pessoa à sua família. O desmamar é regulado pela cultura que impõe ao sujeito a interrupção de um processo vital. Esse mal-estar, que o desmame oferece ao sujeito, e o modo como ele vai dar saída ao mal-estar mostram-se constituintes do psiquismo.

Lacan apresenta também o *Complexo da Intrusão*, tido como uma experiência, em que o sujeito inserido num contexto doméstico ou de ordem coletiva, reconhece-se entre irmãos ou, dito de outro modo, entre pares. O ciúme, nesse complexo, além de representar uma adversariedade, vai indicar também uma identificação mental e um interesse pela imagem do rival, sendo esse interesse de intensas paixões. Como dito antes, a instância do pequeno outro se articula com o semelhante-adversário e dá base constitutiva para o sujeito.

No *Complexo de Édipo*, o sujeito passa por um processo de ter que se a ver com as perdas, as gratificações e com o Outro; é esse trajeto que possibilita a entrada do sujeito no social. O trajeto do sujeito, que vai considerar o reconhecimento da diferença no dito semelhante ao passo que tem seu desejo interrogado pelo Outro, são intensas experiências de perdas que marcam no corpo a noção de escapar uma substância totalizante. Assim, ao vivenciar esse processo, o sujeito se verá inserido numa dolorosa iniciação: a passagem de um desejo, até então selvagem, para um desejo socialmente aceito; mas de caráter doloroso, pois seus desejos não encontrarão terreno estável a fim de se satisfazerem por completo. Essa abertura possibilitará, em paralelo, que o movimento do desejo circule; que o terreno do grande Outro e o discurso do inconsciente, enquanto facetas simbólicas, organizem, posicionem um lugar singular desse sujeito.

No *Seminário, Livro 20, Mais, Ainda*, Lacan pontua que “o sujeito não é jamais senão pontual e evanescente, pois ele só é sujeito por um significante, e para outro significante”. A verdade do sujeito está habitada pelos significantes que o constituem. (LACAN, [1972-1973] 1992, p. 195).

nós trabalhamos cinco vezes, todos os dias da semana, né, e até que num determinado momento... ele vai, vai, vai, vai se acalmando um pouco e ele traz um sonho, ele diz que ele sonha com uma cadela, que ele transava com uma cadela. E aí eu uso esse significante: cadela e digo: cadê ela? E aí se abre toda uma questão que era o desespero dele diante da minha saída, da dor que ele tava sentindo. Então, entende, assim? É apostar de que a gente vai poder decifrar o que que é aquela dor, porque naquela primeira sessão era só dor né, a partir das sessões que eu vou dizendo: mas o que que é, né, eu digo olha tem as minhas férias, 'não, eu não tô nem aí, papapi, né' tem todo um berreiro.

Na lógica lacaniana, o *significante* tem primazia em relação ao significado, portanto se o primeiro estiver no campo do Outro, o campo simbólico ou o campo do inconsciente, terá primazia em relação ao segundo que se refere à posição desejante do sujeito. O que outrora operou na lógica dos significados, passa a operar na lógica da metonímia e da metáfora. Dito de outro modo, os significantes operam dentro da lógica simbólica e são habitados pelas inscrições dos desejos advindos no campo simbólico; os significantes também são mediados pelas relações as quais o sujeito vivencia, porém somente as relações que dizem respeito ou que fazem sentido para aquele sujeito, pois são seus códigos pessoais. O trecho de entrevista recém citado faz operar na lógica da metonímia utilizando um termo, entendido pela analista como código pessoal de seu analisando, portanto como um significante. Esse termo fê-lo deslizar na cadeia significante e se aproximar de um algo que fale mais desse sujeito, que não estava atrelado ao significado ou a representação, mas mobilizando-o em sua própria língua. Desse modo, o termo recuperou uma articulação significante que estava interrompida com o recalçamento (quem sabe?) do vazio sentido pela iminência próxima das férias da analista.

No texto *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, Lacan aborda a experiência do *Estádio do espelho*. Esse estádio vai dar forma para uma instância e permanência mental do eu, ou seja, dará a ilusão de uma totalidade do eu pautada, sobretudo, nas identificações do sujeito com este pequeno outro tido semelhante e adversário. Há uma marca no *Estádio do Espelho* que faz o eu-outro ser indissociável e que, para Lacan, corresponde ao narcisismo e a constituição do eu por meio da imagem do outro. Assim, o sujeito se vê despedaçado, sem uma unidade imagética e para fazer suplência a essa falta, escamoteia-a, produzindo uma imagem totalizante do eu.

[...] o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, [1966] 1998, p. 100).

Numa instância de engano, a imagem desse eu totalizante vê, no outro, o reflexo de si mesmo, experimentando se ver como um intruso, e assim o invade e luta com ele por esse lugar imaginário que supostamente teria conquistado no desejo de um outro. O outro é esse que está tão próximo do sujeito que é visto como semelhante. Nós sentimos paixões de amor/ódio que vemos surgir nas relações sociais nas quais se busca uma imagem totalizante do eu a partir do outro e com o outro. *O outro, este que está tão próximo de mim, o vejo como o meu duplo, sinto paixões, sinto surgir nas minhas relações. Ao caminhar pela cidade, busco uma imagem totalizante de mim a partir do outro e com o outro.*

O sujeito reconhece a falta originária e sua busca se dá no encontro de um outro que amenize essas brechas. Uma imagem dessa relação dual, em que há identificação com o outro que abre para um movimento de reconhecimento da diferença, pode ser lida numa situação que ocorreu com o próprio Lacan, conforme ele nos conta em seu *Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise* ([1969-1970] 1992, p. 10):

Um dia, uma pessoa [...] abordou-me na rua bem no momento em que eu entrava num táxi. Deteve sua pequena motoneta e me disse:

— *O senhor não é o doutor Lacan?*

— *Sou, respondi, por quê?*

— *O senhor vai retomar seu seminário?*

— *Claro que sim, e logo.*

— *Onde?*

E aí — sem dúvida tinha para isto minhas razões, ela haverá de acreditar em mim — respondi — *Aguarde e verá.* Depois disso, ela partiu em sua motoneta, arrancando com tal presteza que fiquei desconcertado e cheio de remorsos. [...] é certamente uma ocasião para observar que jamais é pelo excesso do outro que alguém se mostra, pelo menos aparentemente, excedido. É sempre porque esse excesso vem coincidir com um excesso de vocês.

Passando pelas identificações e imagens especulares do outro, reconhecendo sua própria diferença em paralelo com a diferença do outro, acompanhado pelo outro-ideal, o outro registro que vai marcar o sujeito está no campo do grande Outro. A alteridade a que se refere Lacan em sua obra é apresentada também sob a instância do Outro que é manifesto pelo discurso do inconsciente e pode ser atribuído ao Outro do amor, por direcionar demandas e estar vinculado ao desejo. O Outro se assemelha a um lugar que não se identifica com esse semelhante, com esse próximo, com esse pequeno outro. Isso, pois o outro não estaria

disposto a oferecer nada além do *mesmo*. Esse lugar do Outro vai posicionar o sujeito a partir de determinações simbólicas que já estavam aí, antes mesmo de o sujeito estar no mundo por meio dos significantes que o constituem, indicando a irredutível diferença.

Para Lacan, nO *Seminário Livro 20 – Mais Ainda*, p. 194:

Minha hipótese é a de que o indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo de sujeito de um significante. O que anuncio nesta fórmula mínima de que um significante representa um sujeito para um outro significante. O significante, em si mesmo, não é nada de definível senão como uma diferença para com um outro significante. É a introdução da diferença enquanto tal, no campo, que permite extrair da língua o que é do significante.

No campo do Outro, a verdade lhe habita em forma de meio-dito, pois inclui o equívoco, o engano, a impossibilidade de apreensão da verdade plena. O texto *Aturdito* parte, conforme o que enuncia Lacan (1973, p. 136), da distância que há entre o dizer e o dito. “Só podemos tratar do inconsciente a partir do dito, e do dito pelo analisando. Isto é, um dizer. Como dizer? Essa é a questão. Não se pode dizer de qualquer maneira, e este é o problema de quem habita a linguagem, quer dizer, todos nós”. Isso vai dar mostras dos limites da apreensão de um dito, bem como a inclusão de um não-saber que tanto habita o campo do Outro como habita a constituição do sujeito. “Que se diga fica esquecido detrás do que se diz no que se ouve” ([1972-1973] 1992, p. 26).

justamente é o que a pessoa não sabe então dizer assim: o inconsciente, ah o inconsciente! como se fôssemos fazer um caminho e esse caminho ela dá... brechas, ele não tá pronto! Então por isso que a gente diz que as manifestações são formações do inconsciente, um sintoma, um ato falho, um ato falho, por exemplo, um dia eu escutei uma paciente dizendo: ah, eu ia pro supermercado, ela disse, não, eu ia pro pronto socorro. É uma brecha maravilhosa! Um pulsar do inconsciente... dá onde que saiu ‘pro pronto socorro’? na medida que você escuta isso e possibilita que o paciente que disse, porque isso o deixa estatelado isso TEM uma verdade mas uma verdade que veio a ser posta e que ele se dá conta então vamos aí dar uma pista prum começo de uma investigação então, o trabalho de escuta ele é fundamental justamente pra porque pra alguns isso pode ser que: ah, foi só um engano, ele trocou mas não, isso é um dito, e um dito importante!

Podemos olhar a Psicanálise pelo discurso em que ela se enuncia, pelo que foi feito da escuta de um dizer, de algo que se falava, de um sofrimento, de um dito possível mediado pela linguagem. Sabemos que é por meio do engano ou onde a linguagem tropeça, que se pode enunciar algo que se aproxime de uma verdade para um sujeito, possivelmente, dada

aos avessos. Lacan ([1969-1970] 1992) propõe o título *O avesso da Psicanálise* ao seu seminário, sugerindo uma retomada pelo avesso. Que avesso seria esse? Algo da ordem do que talvez tenha sentido, além de remorso, um tom de desconforto na atitude de arrancada em presteza da pessoa que estava na motoneta e que se dirigia a Lacan. Sem necessidade de palavras para que nossos atos e nossa conduta se inscrevam na esfera de certos enunciados primitivos que podem, sem palavras, subsistirem. Nesse seminário, Lacan vai abordar e articular a produção dos quatro discursos enquanto modos de operar no laço social.

Lacan ([1969-1970] 1992) no *Seminário, livro 17, O Averso da Psicanálise* quando discute sobre a produção dos quatro discursos: “O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras” (Idem, p. 11). Estamos falando de um não-dito? Lacan discute, no âmbito das enunciações efetivas, que aí está algo que pode inscrever-se de modo mais amplo, não havendo necessidade das palavras para que nossas ações se inscrevam em certos enunciados primordiais. É um discurso para além do campo da fala. Paralelo a isso, “[...] temos necessidade de sentido” (Ibidem, p. 13). Lacan fala sobre a confusão de extrair uma reflexão e sair dos limites, assim sair do próprio sistema.

A palavra *Trieb*, por exemplo, que se traduziu por *instinto* nas primeiras traduções feitas da obra de Freud, e que, como diz Lacan ([1969-1970] 1992), não foi traduzida desse modo sem razão, pois *instinto* popularmente marca a ideia de um saber “[...] do qual não se é capaz de dizer o que quer dizer, mas que se presume, e não sem razão, que tenha como resultado que a vida subsista”. A *Trieb* de Freud pode ser habitada, ainda que “no caráter aberrante desta tradução”. (Idem, p. 14). Segundo Lacan, *Trieb* foi apressadamente traduzida por *instinto*, mas que esse deslizamento se produziu num direito de tirar proveito dela, de modo a estar mais próximo dessa necessidade de sentido ao qual nós “seres de fragilidade” (Ibidem, p. 13), temos sede.

Inserido no campo do Outro, Lacan (2012, p. 117), no *Seminário, Livro 19 ... ou pior*, capítulo *O que vem a ser o Outro*, apresenta essa grande figura do Outro: o próprio sexo, a diferença sexual, o outro sexo. Pode-se até imaginar o outro como eu, mas na realidade ele não o é. Mostra-se transitório, fugidio e contingente. Ele é irredutível, portanto faz função de inconsciente. Perante o homem, a mulher faz função de Outro. O que Lacan fala a respeito de o outro sexo fazer função de inconsciente para o sujeito é pela estrutura fundamental de não-semelhante, de não-eu, não-mesmo.

A discussão de a diferença sexual fazer função de inconsciente pode ser encontrada num texto específico de Lacan, no *Seminário, Livro 19 ... ou pior*, capítulo *Na Base da Diferença dos Sexos*, no qual o autor desenvolve a noção de que o objeto *a* deve ocupar a

posição de semblante e que, nessa posição, ele advém a angústia. O que dificulta a posição do analista é que a função do objeto *a* é de deslocamento. Nessa posição de semblante, é difícil se manter, porque algo escapole: “a todo instante está em outro lugar.” (LACAN, 2012, p. 175).

*essa relação de alteridade, do eu com o outro, é, basicamente, prato do dia: essa questão de até onde isso pode ser um negócio meu e até onde é um negócio do mundo real e eu acho que isso impacta também muitos analistas. Por exemplo se tu fica muito forte nessas questões clínicas tentando falar só: não, mas isso é tu né, tá, não, mas isso é tu, mas o que que tem de ti nisso? Tã ã ã ã, **mas existe uma maneira tapada, com um olhar muito focado que também prejudica um pouco ao meu ver o tratamento** porque é justamente ter a escuta sábia sobre as possibilidades né, e a gente tem que lembrar que **na ética do analista a gente nunca trabalha com certeza**, tipo: não sou eu o analista que vai dizer se isso é tu ou se é o outro, é a partir do que é trazido, né, que a gente, por a mais be pode constatar, às vezes a pessoa traz uma coisa, depois traz outra, traz uma primeira cena que ela conta uma história, depois traz uma segunda cena que ela conta outra história mas que conflita com a primeira, e que na cabeça dela tá meio que ela esqueceu da primeira, a gente ouvindo de fora consegue resgatar essa e contrastar pra pessoa e é aí que o trabalho ocorre,*

A aproximação da função de deslocamento, conforme o excerto da entrevista acima reproduzido, dá-se nas proposições de uma ética que considera a incerteza perante um dito, fazendo a dúvida, quando não da ordem paranoica, convidar a abalar certezas muito acomodadas. Nisso, a função do objeto *a*, associado a angústia, envolve uma relação muito próxima com cenas plurais que se desenrolam na clínica e a partir dela. Esse excerto também problematiza os desencontros entre as histórias trazidas pelas pacientes e mostra como essa problematização e o foco em questões unilaterais podem ser prejudiciais ao processo analítico. A posição de semblante mobiliza a psicanalista num esforço de se esquivar, a todo instante, de oferecer um objeto único ou vir ser uma espécie de panaceia para a analisanda.

O sujeito se reconhece faltoso, furado; percebe e reconhece no outro, dito semelhante, uma falta e sente que não há possibilidade de uma exterioridade aplacar este furo, ainda que suas tentativas sejam intensas, persistentes, constantes. Com o que o sujeito se depara é a impossibilidade de representação e apreensão dessa falta. Havendo impossibilidade de representação e encontrando um modo de avançar a discussão, Lacan trabalha esse furo que habita o sujeito como objeto *a*, motor do seu desejo, havendo uma tentativa no sujeito em apreender o objeto, mas ele está sempre perdido, não é o objeto, não é o, não é.

No *Seminário, Livro 20, Mais, Ainda* ([1972-1973] 1992), Lacan utilizou uma letra *a* para designar uma perda. Com a expressão Objeto *a*, em letra minúscula, o autor situa em sua obra algo que remete a função de objeto perdido. Enquanto substitutos do Outro, esses objetos *a* são reclamados e se fazem causa de desejo, porém são da ordem do imaginário e se baseiam no reflexo do semelhante ao semelhante. Como se o sujeito andasse muito completo de vazios¹², a fórmula “objeto *a* causa de desejo” é discutida por Lacan.

O objeto *a* não é nenhum ser. O objeto *a* é aquilo que supõe de vazio um pedido, o qual, só situando-o pela metonímia, quer dizer, pela pura continuidade garantida do começo ao fim da frase, podemos imaginar o que pode ser de um desejo que nenhum ser suporta. Um desejo sem outra substância que não a que se garante pelos próprios nós (pp. 170-171).

A produção dos quatro discursos é transmitida de uma geração para outra pelos laços sociais, envolvendo dois sujeitos. Sendo um agente de outro, o primeiro domina e o segundo está dominado. Dessa forma, é preciso que um esteja submetido a dominação para que o outro mantenha a posição de dominador. Para Lacan, essa formação de laços na produção dos quatro discursos promove um esvaziamento de gozo, por onde circula e permite modos de convivência a partir desses laços sociais que, como foi dito, não necessitam de palavras para tomarem forma de discurso.

Muito do que se ocupam as investigações, em torno da Psicanálise, levam a faltas, barras, rupturas: a dimensão do objeto *a*, do Outro, do desejo, do significante, do real, ou o a do inconsciente. Nisso, as psicanalistas estão sempre dando voltas, articulando uma confusão que trata do esforço de sair dos limites de um sistema. Que sistema é esse e o que ele articula? Talvez uma sede de verdade e de sentido, como se esse sistema necessitasse de algo. Entretanto, não há necessidade do sistema, a necessidade é nossa. “Nós, seres de fragilidade, que como tais voltaremos a nos encontrar em cada curva [...] nós temos necessidade de sentido.” (LACAN, 1969-70, p. 13).

É o que também torna nosso discurso habitável.

E: Aliado a esta ideia do contraste, você trouxe também o rompimento... em que situações existe esse algo que rompe, na clínica, no teu trabalho?

Na verdade o trabalho é de contraste, se a gente pensar a análise, é contrastar, é quebrar, é trocar, o trabalho de síntese a gente tá a todo momento tentando fazer porque o Eu é uma máquina de fazer sentido, então a gente tá sempre tentando fazer sínteses, né,

¹² Frase faz referência ao texto de Manoel de Barros, intitulado *O Livro das Ignorâncias*, Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 55: “Ando muito completo de vazios”.

*síntese de ah, eu gosto daquela pessoa, eu me identifico com aquela pessoa, eu começo a imitar ela. Identificação, a gente pode parar pra pensar com essa questão da alteridade, eu admiro aquilo e eu me torno aquilo, né, eu tento ser tal e qual aquilo. Tem duas formas... agora lembrando que o Lacan fala: é o ter e o ser, essa questão né de ou tu imita, porque tu quer ser, se tornar, ou tu quer possuir, duas formas da relação do eu com o outro que a gente pode ter com essa relação da alteridade quando tu admira, quem sabe, né, porque também **tem a questão da hostilidade, aquilo que eu não gosto, que é diferente de mim, eu rechaço, né, então esse contraste também aparece aí esse rechaço** daquilo que é diferente, Psicologia das Massas, mostra um pouco isso também essas questões políticas também, meu deus, parece que de um lado é santo e o outro é terrível e na verdade se tu parar pra pensar oitenta por cento da população são pessoas normais, banais, de boa intenção, em que acreditam que um lado é santo e o outro é o inimigo e vira um grande FLA-FLU por exemplo, né, então o quanto de libido numas coisas tá melhor no meu, o amor, por exemplo, coisas abomináveis do meu grupo, por ser do meu grupo eu relevo, e a quantidade que eu relevo do meu grupo na mesma intensidade eu coloco como ruim nas coisas más do outro grupo, né, quase que como uma compensação e aumenta esse dicotomia hmm **o que o Lacan vai falar aí da alteridade também o grande A o grande Outro é a clássica de falar da alteridade em Lacan** é que há um grande Outro, né, e meio que a gente nasce nessa condição NUTRIZ, motora, aí que a gente pode considerar como pulsão materna protetora né, enfim, não só e-e-e... essa questão de pulsão de vida e pulsão de morte tem várias... várias implicações complexas, mas o **grande Outro aí que Lacan** vai trabalhar aí tanto esse amor carnal, esse prazer ótimo, da máxima da relação com o outro que é necessária, orgástica, orgânica também, sem o tabu de ah, isso é feio, isso é higiênico, né, quanto também essa noção de a gente tá conversando aqui e tu tá entre aspas está entendendo o que eu quero dizer, parece que tem algo aqui no meio que eu tô soltando esses sonszinhos aqui e que tu tá aham, aham, tô entendendo, mas na verdade assim oh, **a tua construção da linguagem é igual a minha no final.** Quando a gente fala água, ah tá, tu sabe do que a gente quer dizer, mas o caminho que tu fez pra entender todas essas coisas no teu cérebro, neurônios e o que eu fiz pode ser completamente... diferente! Mas é meio que o nosso ajuste tá na ponta, a gente segue no genérico e ir pro particular, né, todo mundo tem histórias de vida bem similares, e a gente vai refazendo esse particular da pessoa... mas enfim, **eu me perdi...** ah, mas o grande Outro, então o Lacan também trabalha o grande Outro tanto com essa questão do amor a uma pessoa ou o amor a pessoa maior, mais forte, que me protege, né, o que eu admiro, primeiro são os grandes em contraste com a criança pequena, [ruído do interfone] os*

grandes fortes e poderosos em contraste com a criança pequena... alô, oi, tu pedes pra ela aguardar uns dez minutinhos por favor, 'brigado, viu. Mas em Lacan, esse grande Outro muitas vezes é trabalhado como isso, como código, né, é o campo do código, que é o campo que a gente [faz aspas com as mãos] entende o que o outro quer dizer, mas na verdade tu acha que entende, eu acho que entendo, a construção veio de mim pro mundo e eu creio sentidos dentre... a gente troca sons, significantes, que tu recodifica da tua forma e tu solta de novo na realidade sons e eu recodifico da minha forma. Tá dentro de mim essas minhas loucuras de interpretar?

Quando questionei a entrevistada, nesse trecho acima, possivelmente direcionando para localizar situações de rompimento; o que aparece são remetimentos tantos, descentrados da máxima questionada: *situações onde algo rompe*, o trecho de elaboração da entrevistada a partir de uma questão oferece um exemplo possível da nossa necessidade de sentido em paralelo com a necessidade de sair dos limites do sistema, escapando do sentido único.

No texto *Conversa nos Degraus do Panteão*, Lacan relata que, estando fechada a faculdade de Direito da rua Saint-Jacques, foram trocadas algumas palavras, nos degraus do Panteão, com um número reduzido de participantes. Naquele encontro, Lacan, num momento de fala acerca dos afetos, de ciência e Psicanálise, é interpelado por uma estudante:

— O que o senhor diz está sempre descentrado em relação ao sentido, o senhor escapa do sentido. Lacan responde:

— Vai ver que é nisso justamente que meu discurso é um discurso analítico. A estrutura do discurso analítico é ser assim. [...] a saber, precisamente esse deslocamento que não cessa nunca, é a própria condição do discurso analítico [...] na medida em que o discurso da ciência não deixa para o homem lugar algum. (LACAN, 1969-70, p. 138).

A linguagem, na medida em que se instaura a ordem de um discurso, provoca a produção de uma hiância em que seguiremos senão seus contornos. Há um trecho de música que fala em “desenhar silêncios¹³ em volta de ti”, que pode fazer analogia com o que estamos falando da necessidade e da fragilidade da busca pelo sentido.

Para a circulação desses quatro discursos, nos capítulos que sucedem os *Eixos da Subversão Analítica*, Lacan ([1969-1970] 1992) propõe que o agente vai imprimir certa posição ao outro, para que exista a manutenção dessa ordem de dominação: agente-outro. São os quatro discursos apresentados por Lacan por meio de fórmulas, indicando seus lugares e agentes: *discurso da mestre, discurso universitário, discurso da histérica e discurso da*

¹³ Trecho da música sob o título *Transbordar* do grupo Mimo composto por Giana Cervi, Vê Domingos e Bruno Kohl.

analista. Nesses discursos, não há fixidez dos sujeitos, sendo que estes transitam pelos discursos conforme as posições do agente-outro. Essa discussão é amplamente desenvolvida por Lacan nO *Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise* ([1969-1970] 1992) e nO *Seminário, Livro 20, Mais, Ainda* ([1972-1973] 1992).

Para Lacan, a noção de discurso é tomada como modo de o sujeito operar no social. Assim, como *liame social*, as relações circulam por meio desses discursos sem palavras e vão funcionar como aparelhos de gozo pelo qual esses discursos circulam. Os lugares são:

| SUJEITO | OUTRO |
|--------------------------------|--------------------------------|
| $\frac{o\ agente}{a\ verdade}$ | $\frac{o\ outro}{a\ produção}$ |

Para Lacan ([1972-1973] 1992, p. 28), todo discurso cria um laço social e esse laço se dá em torno de um impossível ou de uma impotência. A barra que separa os lugares vai indicar um impedimento ao acesso do primeiro elemento, que está no campo superior da barra, para o elemento que está no campo inferior. De modo que o agente é barrado ao acesso da verdade e o outro é barrado do acesso a produção. A cada um desses elementos há uma incumbência e um movimento:

| | |
|----------------------------------|--------------------------------------|
| o agente, dominante no discurso; | o outro, a quem o discurso é tomado; |
| a verdade, semi-dizer | a produção, escoamento do gozo |

No lugar de cada elemento: o agente, a verdade, o outro e a produção, vão ser inseridos termos que irão produzir certa posição ao outro.

Os termos são:

S¹, o significante-mestre (tem qualidade de comando, primeira experiência de satisfação)

S², o saber (significante do saber)

\$, o sujeito barrado (sem representação, parcialmente definido pelos significantes simbólicos)

a, o mais-gozar (valoração do gozo sob forma de angústia/excesso)

Esses termos irão circular produzindo efeitos de discurso.

A referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar. Desse modo, Lacan apresenta quatro fórmulas para fazer referência aos discursos:

| DISCURSO DA UNIVERSIDADE | | DISCURSO DA MESTRE | | DISCURSO DA HISTÉRICA | | DISCURSO DA ANALISTA | |
|-----------------------------|----------------|-----------------------|-----------------|--------------------------|-------------------|-------------------------|------------------|
| $\frac{S^2}{S^1}$ | $\frac{a}{\$}$ | $\frac{S^1}{\$}$ | $\frac{S^2}{a}$ | $\frac{\$}{a}$ | $\frac{S^1}{S^2}$ | $\frac{a}{S^2}$ | $\frac{\$}{S^1}$ |

No *Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise* ([1969-1970] 1992), Lacan propõe que o discurso da Mestre é o avesso do discurso da Analista, remetendo também para o avesso da psicanálise, ou seja, o que a psicanálise deveria se ocupar é de um discurso que vai ocupar uma posição de deslocamento e não de produção de uma verdade dominante.

Essa relação professora/aluna, ou eu-pergunta/você-responde, ou saber/insabido, ou ainda um modo de produção do Discurso da Mestre, insistiu em algumas entrevistas. Embora o discurso não precise de palavras para se produzir.

Em alguns momentos, como podemos apresentar, as entrevistadas dão-nos mostras desses ditos que fazem referência a esse tipo de relação:

*mas é estabelecer algo dessa diferença, né, sabe, assim, onde eu-psicanalista também tô regida por uma Lei simbólica, né, é quase que, **tem dois lugares, o lugar do divã do analis' do paciente no divã e o lugar do analista na poltrona**, né, são dois lugares distintos, né, e que a partir desses dois lugares distintos se produz algo diferente e que os dois igual o-o-o paciente vai estar sujeito a uma Lei que é a associação livre e que ele vai tá no divã, o analista também tá sujeito a uma outra Lei que é a atenção flutuante e que ele vai tá na poltrona. Eu tô te colocando isso não sei se tu consegue me compreender tem um simbólico ético por trás disso, né, de reconhecimento de lugares significativos diferentes para que algo se produza, porque se estabelecer o igual... não acontece mais nada. Porque no igual eu já também não escuto, eu também falo, o paciente fala e também me escuta, também vai me dizer coisas, eu vou contar coisas da minha vida, não-não se estabelece mais a-a-a diferença como produtora de algo que precisa acontecer dentro de um processo de análise*

E: Senão fica uma conversa de comadres, de amigos

Uhum, exatamente, e não é uma conversa de amigos, não pode! porque se for uma conversa de amigos bom, não é análise, não é escuta analítica!

*E: Eu entendo o que você coloca, **profe'** [risos meus] **eu ia dizer professora!** já teve momentos em que aconteceu, talvez hoje não com tanta frequência, que esse lugar de*

analista não conseguiu se sustentar, no modo ideal que deveria se sustentar? Que te mostrou diferente e te surpreendeu?

O lugar do divã da analista? A aluna que busca o saber professoral? Esses tropeços que nos escaparam “sem querer, querendo” dão indícios da lógica da produção dos discursos e, que me parecem, se aproximam do chamado discurso da Mestre. De um lado, o acreditar-se possuidora de todo-saber; do outro lado, acreditar que se está subordinada ao saber da maestria. O discurso da Mestre é aquele que coloca, no lugar do dominante, o saber; e impõe no outro a posição de subordinada. A dominante-senhora depende da subordinada-escrava e por meio dela é que mantém o lugar de dominação. A senhora acredita possuir todo-saber. “O escravo sabe muitas coisas, mas o que sabe muito mais ainda é o que o senhor quer, mesmo que este não o saiba, o que é o caso mais comum, pois sem isso ele não seria um senhor. O escravo o sabe, e é isso sua função de escravo” (LACAN, 2012, p. 30).

Esse discurso provoca um assujeitamento do outro, há uma ilusão do senhor de todo-saber que exige de um outro que se submeta à sua lei e o que se produz é objeto mais-gozar, representando a impossibilidade do senhor de todo-saber.

DISCURSO DA MESTRE

| | |
|---------------------------------------|--|
| <i>o agente, S¹, saber</i> | <i>o outro, S², subordinado</i> |
| <i>a verdade, \$</i> | <i>a produção, a, mais-gozar</i> |

No discurso da Histórica, os termos mudam de lugar, a barra é colocada no lugar do agente, impondo à posição do outro um desejo pelo saber. Para Lacan ([1969-1970] 1992, p. 122), o discurso da Histórica impõe que o outro seja um mestre e que tudo saiba. “Ela quer um mestre. Ela quer que o outro seja um mestre, que saiba muitas coisas, mas mesmo assim, que não saiba demais, para que não acredite que ela é o prêmio máximo de todo o seu saber. Quer um mestre sobre o qual ela reine. Ela reina e ele não governa.” Assim, o que se produz é uma intensa insatisfação e uma queixa enquanto registro de impotência.

DISCURSO DA HISTÉRICA

| | |
|---------------------------------|--------------------------------------|
| <i>o agente, \$, impotência</i> | <i>o outro, s¹, saber</i> |
| <i>a verdade, a</i> | <i>a produção, S²</i> |

No discurso da Universidade, o saber está no lugar do dominante e impõe ao outro o lugar de objetificação, que, para Lacan (1992, p. 97), mostra onde o discurso da ciência se alicerça e para o qual cria um neologismo para estudante, colocando o *a* de objeto pequeno *a*, lendo assim: *astudada*, assim como toda trabalhadora, a *astudada* tem de produzir alguma coisa. Há um imperativo que convoca esse outro objetificado a não cessar de saber: “*Vai, continua. Não para. Continua a saber sempre mais*” (Idem, p. 98). Neste discurso, há uma crença tirânica de um saber científico que impõe ao outro um lugar de coisificação.

a gente pode pensar ela em dois níveis, né: tanto o nível que [risos] agora tá me fugindo [risos] é eu tô mais acostumado a conversar e analisar do que a dar entrevista [risos] olha que engraçado, né, eu me botei num lugar agora de ter que dar uma aula sobre o que é alteridade

Diretamente, eu não havia pedido por uma aula ou não buscava uma síntese de resposta, entretanto, estando inserida a pesquisa no campo acadêmico, imprimiu nos agentes um lugar de dever tudo-saber, colocando no outro lado um lugar de objetificação.

DISCURSO DA UNIVERSIDADE

| | |
|---------------------------------------|-----------------------|
| <i>o agente, S², saber</i> | <i>o outro, a,</i> |
| <i>a verdade, S¹</i> | <i>a produção, \$</i> |

O discurso da Analista, que Lacan propõe que também seja a posição da Psicanálise, posicionando o dominante como objeto *a*, objeto perdido, causa de desejo, vai impor ao outro que existe um furo no saber, existe uma falta, um não-saber mas este dominante o reconhece como sujeito barrado (\$) e o convida a falar sobre esse saber insabido, esse saber estando vinculado ao saber inconsciente.

*Porque na clínica, esse modelo primitivo que a gente coloca de uma criança que chora e **tem um outro sujeito que reconhece que tem ali uma diferença** e que tu vai querer interpretar o que ela tá te dizendo com o choro, na clínica tu também vai fazer esse movimento de escuta, né, onde alguém te procura e ao falar tu vai escutar mas tu vai escutar além! tu vai oferecer àquele sujeito algo que ela ainda não sabia que é da ordem do inconsciente então tu tá na clínica quando tu recebe um paciente é preciso que **tu instale também esse lugar de alteridade** pra que algo dentro da clínica se produza e o lugar de alteridade que tu vai tá oferecendo é justamente dizer assim: **tem uma assimetria, né, tem uma diferença entre eu-analista-que-vou-escutar e o paciente-***

que-vai-falar. Tem **uma assimetria** entre eu-que-estou-num-lugar que sei que tem um outro que me procura e que me põe num lugar de tudo-saber, num lugar de certo poder e sabendo disso eu preciso olhar praquele sujeito num lugar de que eu também não não goze com esse lugar dele de fragilidade, né é-é assim a clínica tá o tempo inteiro regida né por esse reconhecimento da alteridade onde vigora esse interdito. Isso que se fala muito dos psicanalistas, né, ah, mas os psicanalistas não neutros. Não. Não é que os psicanalistas são neutros, eles têm que lidar com um lugar de abstinência, né, abstinência é isso assim, é-é **poder ocupar um lugar onde um interdito se estabeleça**, né, não é tu não poder sorrir prum paciente, rir com o paciente, às vezes até te emocionar quando um paciente te diz, **mas é estabelecer algo dessa diferença**, né, sabe, assim, onde eu-psicanalista também tô regida por uma Lei simbólica, né, é quase que, tem dois lugares, o lugar do divã do analis' do paciente no divã e o lugar do analista na poltrona, né, são dois lugares distintos, né, e que **a partir desses dois lugares distintos se produz algo diferente** e que os dois igual o-o-o paciente vai estar sujeito a uma Lei que é a associação livre e que ele vai tá no divã, o analista também tá sujeito a uma outra Lei que é a atenção flutuante e que ele vai tá na poltrona. Eu tô te colocando isso não sei se tu consegue me compreender, tem um simbólico ético por trás disso, né, de **reconhecimento de lugares significativos diferentes para que algo se produza**, porque se estabelecer o igual... não acontece mais nada. Porque no igual eu já também não escuto, eu também falo, o paciente fala e também me escuta, também vai me dizer coisas, eu vou contar coisas da minha vida, não-não se estabelece mais a-a-a diferença como produtora de algo que precisa acontecer dentro de um processo de análise.

Oferecer e instalar uma assimetria, ocupar um lugar onde um interdito se estabeleça, onde Leis estejam operando (Lei da *livre associação*, Lei da atenção flutuante, a já citada Lei da Interdição), onde a psicanalista é abstinente perante o que tange o amor transferencial posto no processo analítico; reconhecer lugares não só em divã e poltrona, mas lugares simbólicos e diferentes para que algo se produza, tudo vai ao encontro do que Lacan propõe que seja a posição da Psicanálise, impondo ao outro que existe um furo no saber e que o reconhece como sujeito barrado ao saber (\$).

Esse discurso da Analista, estando vinculado ao saber inconsciente, produz não um saber originário do significante-mestre, mas faz circular a lógica dos significantes determinantes do sujeito (S²).

DISCURSO DA ANALISTA

$$\frac{o\ agente,\ a}{a\ verdade,\ S^2} \qquad \frac{o\ outro,\ \$}{a\ produção,\ S^1}$$

Na produção dos quatro discursos, um elemento vai governar, determinar e transformar os outros elementos. No discurso da Mestre, a dominante é a lei; no discurso da Histórica, a dominante é o sintoma; no discurso da Universidade, é o saber que vai dominar; e no discurso da Analista, é a angústia, o mais-gozar. Na produção dos quatro discursos, o único que vai considerar o outro como sujeito é o discurso da Analista, que mobiliza o sujeito que ele fale de si, que ele produza um saber sobre si.

O sujeito não é aquele que pensa. O sujeito é, propriamente, aquele que engajamos, não, como dizemos a ele para encantá-lo, a dizer tudo — não se pode dizer tudo — mas a dizer besteiras. É com essas besteiras que vamos fazer análise.[...] É justamente na medida em que ele não quer mesmo mais pensar, o homenzinho, que se saberá talvez um pouco mais dele, que se tirará algumas consequências dos ditos — ditos que não podemos nos desdizer, é a regra do jogo (LACAN, [1972-1973] 1992, p. 33).

Outra modalidade de Outro apresentada por Lacan ([1972-1973] 1992), p. 36) é o Outro gozo, *Heteros*. Assim como na fórmula “objeto *a* causa de desejo”, Lacan vai criar outra fórmula que explica a causa do gozo: “significante é a causa do gozo.” Portanto o *significante* se situa no nível da substância gozante. Este Outro gozo está em torno de uma modalidade de satisfação. A experiência do Outro gozo paradoxalmente é uma experiência em que o sujeito se defende, apesar de ser uma experiência impossível.

Nas fórmulas de sexuação desenvolvidas por Lacan, *Heteros* se encontra do lado feminino na partilha dos sexos. E se o Um do amor não existe, deparando-se com a dimensão do Real, isso marca a impossibilidade de representação. Outro gozo abre para uma relação com o outro que insiste em radicalmente mostrar-se diferente, que surpreende e é imprevisível. Ali, onde o sujeito goza, é onde está seu excesso, o inominável, o traumático, o objeto *a*, aquilo que o sujeito não quer renunciar, aquilo que é fonte da mais fervorosa angústia, e por isso está intimamente ligado a repetição, *thanatos*, pulsão de morte:

A gente o recalca, o tal gozo, porque não convém que ele seja dito, e isto justamente pela razão de que o dizer não pode ser senão isto — como gozo, ele não convém.

Já adiantei isto há pouco pelo viés de ele não ser aquele que é preciso, mas o que não é preciso. O recalque só se produz a atestar em todos os dizeres, no menor dos dizeres, o que implica esse dizer, que venho de enunciar, de que o gozo não convém — *non decet* — à relação sexual. Por causa de ele falar, o tal gozo, ela, a relação sexual, não há ([1972-1973] 1992, p. 83).

Heteros vai indicar uma ruptura na lógica fálica de complemento, que é radicalmente *suplementar*. Nas formulações da partilha dos sexos, é importante reiterar que Lacan se refere a diferença sexual como *significantes*, portanto feminino/masculino, mulher/homem são significantes que vão representar o desejo dentro da lógica fálica, que o sujeito vai buscar com muita potência e insistentemente unir o desejo ao objeto, ao Um. Portanto, *Heteros*, como Outro gozo, admite o caráter impossível de se escrever, pois a linguagem não o apreende (LACAN, [1972-1973] 1992).

A discussão de Lacan sobre alteridade por meio das modalidades do Outro, as quais apresentamos (pequeno outro, grande Outro, o objeto *a*, o Outro do laço social articulado aos quatro discursos e o Outro gozo, *Heteros*) perpassam a travessia do sujeito na relação com os outros e pelos outros.

Na relação dos complexos familiares, o sujeito passa pelas vivências de perdas significativas, vendo os outros como seus semelhantes e adversários, identificando-se com eles, assumindo características e tomando-as como suas. Ele reconhece no outro a falta, e isso faz emergir sua angústia. É tensionado a reconhecer também o Outro e seus significantes que vão organizá-lo enquanto ilusão de um sujeito constante, ao passo que essa travessia não deixa de mostrar-se fugidia, escapulindo-lhe e insistindo numa alteridade irreduzível.

7 ENCONTROS COM ALTERIDADES

A aposta desta pesquisa buscou ir ao encontro das alteridades, sobretudo por acreditar na proposta disruptiva que se inseriu ao dialogar com textos construídos pelo encontro com o outro. Tanto no encontro com outras, que se reconhecem psicanalistas, trabalham com a psicanálise, atendem demandas de sofrimento, angústia, trabalham com análise e se veem cotidianamente tendo que se haver com esse outro; quanto no encontro que tivemos (eu e as participantes) com esse outro que supúnhamos conhecido, mas que nos mobilizou, rompendo com o mesmo. Trabalhar de rosto colado com textos construídos ao longo do percurso de pesquisa mexeu demasiado com nosso centro, desestabilizou previsões, nos fez habitar diálogos da ordem do espontâneo, do imprevisível, um campo de entrega para abertura do devir. Esses textos só foram possíveis pela abertura a que as participantes da pesquisa se dispuseram e, cada uma ao seu modo, se implicaram, foram convocadas pela temática, ou no mínimo, lhe ocorreram as questões: a que essa proposta me convida?

As perguntas se multiplicaram: o que elas estão querendo ao aceitar participar da pesquisa sobre alteridade?, o que eu tenho a dizer sobre alteridade?. Aos seus modos, as participantes responderam abertamente ao encontro e ao falarem sobre esta temática. Por isso, sobretudo, nosso agradecimento afetuoso por contribuírem com a discussão e por aceitarem a implicação do encontro, da gravação, da participação na pesquisa, elementares para a construção deste trabalho.

Ao lado das pessoas que articularam a pesquisa, estive a tarefa de tradução desses textos e, seguindo a proposta derridiana, as tradutoras encontraram-se na condição de herdeiras da língua e dos textos. Dessa forma ficaram para sempre endividadas, pois uma tradução é realizada com a promessa de crescimento das línguas. Tradutoras são as pesquisadoras, tanto as pesquisadoras que constroem o saber na prática clínica, quanto as tradutoras que construíram o saber nas entrevistas. E como que obrigadas, as tradutoras têm o dever de agir na sobrevida dos textos que traduziram, mas não na de suas participantes; pois há a atemporalidade dos textos sobre o próprio limite que é a vida daquelas que foram entrevistadas. Assim, a obra sobrevive ao tempo, algo que as autoras não sustentam por sua natureza ser efêmera.

tem um encantamento também nesse propósito de se deixar levar e acompanhar valorizando essa viagem, né. Que é exatamente isso, assim, tirar o grande holofote do produto final e dizer: não, como é que é ISSO? Ter ouvido essa proposta, soou como? Já desde dali, então a coisa importa, de outras formas, não só o produto, né. E as pessoas têm ficado muito encantadas com o que elas tão fazendo. Dizendo assim: não, eu nunca pararia pra escrever isso. Se não fosse assim, ser pego de surpresa agora! Não é escreva e depois mande... é: NÃO, É AGORA! Um, dois, três e já! É uma coisa de se ver diante do papel e e sai alguma coisa! **Sem o compromisso de certo e errado e aí vai desmontando um pouco essa forma né, o certo e o errado, o bonito e o feio...** todas essas coisas que a gente traz meio que da escola. **E que isso talvez seja mesmo um processo de desconstrução. Poder desestabilizar um pouco essas certezas do bonito e do feio, do certo e do errado, e principalmente do que a gente costuma julgar assim do produto final. Então nessa hora dá pra pensar o endereçamento, dá pra pensar essa proximidade com a memória... donde surgiu essa ideia?**

Eu não sabia o que ia encontrar: nem nos textos, nem nas leituras, nem nas entrevistas; da mesma forma que o trecho acima propõe. Há um encantamento em desestabilizar as certezas e escrever um texto construído com o outro e por meio do outro. É um texto feito de vozes, meio-ditos, um olho que encontra o olhar do outro. Encontrar e implicar em desconforto, buscar uma afinação entre as línguas que são todas nossas, mas pedem sempre, a todo instante, um trabalho de tradução a fim de tocar o inatingível, faz poesia nesse encontro, que é belo por ser efêmero. “O sempre intacto, o inatingível, o intocável é o que fascina e orienta o trabalho do tradutor. Ele quer tocar o intocável, o que resta do texto quando dele se extraiu o sentido comunicável (ponto de contato, lembre-se, infinitamente pequeno) [...]” (DERRIDA, [1998] 2006, pp. 51-52), desmontando essas formas que já conhecemos.

Quando criança, em sua casa na Argélia, o pequeno Derrida observou o pedreiro colocar um ladrilho invertido e demorou-se em olhar esse mosaico desestabilizado esteticamente, como se este ladrilho não fosse o que deveria ser ou não estivesse colocado como deveria estar. Havia algo dessa imagem na metonímia que Derrida traz com a ideia de Rodar as Palavras, *turner les mots*. Essa cena está num documentário realizado por Safaa Fathy que fala sobre a vida e obra filosófica de Jacques Derrida, intitulado *D'ailleurs Derrida* (1999).

O pensamento desconstrutivo não visa inverter a ordem, mas indicar rupturas, fraturas ou incongruências ao que se apresenta sedimentado e harmônico, sobretudo perturbar algo que há muito se viu confortavelmente acomodado. Existe um modo predominante de se fazer

pesquisa que está muito bem acomodado? Existe espaço para pesquisar pensando em modos plurais de produção de conhecimento? O que Derrida quer abandonar insistentemente é a estrutura binária e que vai mais longe que a oposição significado e significante. O mundo, e junto dele a história do pensamento filosófico, está concebido dentro de um sistema de oposições que se proliferam sem fim.

uma jovem veio fazer supervisão e ela trouxe anotado, assim, a sessão, e ela tava super dedicada com aquela anotação toda, aquilo... toda bem completinha assim e aí e ela foi lendo e daí eu perguntei num momento: tá mas isso são as tuas palavras ou são as palavras dele? Ela ficou muito surpresa com a minha pergunta **ela ficou um pouco desconcertada** *assim como se nunca tivesse parado pra pensar que faz diferença!* *e eu me dei conta do susto que ela tomou não, porque... o que tá aí já é o teu relato, o relato de uma escuta, e poder perceber isso assim* **que não tem como capturar** *é difícil capturar porque já vira outra coisa! Quando escreve... quando conta... já é uma outra narrativa, né é uma maneira de pensar a questão da alteridade... isso apareceu eu lembrei dessa situação [...]* *quando a gente escuta os pacientes... o início assim, as pessoas vem... muito firme num* *Eu dando notícias da sua vida, meio que notícias biográficas* **daqui a pouco aparece algo, meio que não reconhece, se surpreende** **acho que tem uma coisa de uma aparição** *na linguagem mesmo, uma coisa que sai e poder estar ali naquele lugar de escuta é também a hora de mostrar e sublinhar: oh isso aí que surgiu, o que que é isso? É compartilhar também, testemunhar né testemunhar uma aparição, uma aparição, mesmo, o que que se faz com isso?*

Consideramos sempre a necessidade que temos de previsão, que nos preparar para receber; porém quando alguém, que pode ser uma psicanalista — *tourner les mots* —, questiona a hiância do que havíamos suposto, isso faz mobilizar essas aparições e fomentar outras reconstruções. O gesto da *différance* toca o _____, a hiância, onde o que pode ser pensado ali, nesse gesto, resiste à referência, ao Um, ou a origem, ou ao logos. Isso, para provocar o que Derrida fala do transbordamento do conceito que não escapa ao jogo das remessas significantes, é algo que escorre o que já foi pensado sobre. A extensão do conceito de linguagem apaga seus limites sob clausura, os desloca para a abertura de outras reconstruções. (DERRIDA, 1973).

Este trabalho é amplamente discutido em Gramatologia, que é uma das obras tidas como principais motores disruptivos no pensamento de Derrida (1973, p. 7): “[...] o problema da linguagem nunca foi apenas um problema entre outros [...] a linguagem mesma acha-se

ameaçada em sua vida, desamparada, sem amarras por não ter mais limites, devolvida à sua própria finitude no momento exato em que seus limites parecem apagar-se”, isso para romper com as estruturas e resiste fortemente às definições.

Peço licença poética para um texto em que essa experiência binária e de clausura fez movimento em mim:

MEMORAÇÃO

Uma co-memoração de aniversário laboral. Pessoas comendo e conversando numa cozinha apertada, onde cabiam conversas e louças sujas, que se veem logo edificarem na pia, junto às discussões divertidas sobre a idade da aniversariante e o ganho que se percebe: mais um! O tempo da idade se ganha com vitória. Papos dejavuístas: o que se ganha é velhice, sadeboria, digo, sabedoria ou... coragem por sustentar seus dias e noites e um após o outro, após o, após? Louça com meleca de glacê. Um dos homens, o mais gordo, mas não o que comeu mais: uma das damas pode lavar a louça para mim, não é?! Gritinhos apressados e hiênicos assentiram. Eu com meu centro já colado àquela pia, lambia com a esponja o prato com meleca de bolo comemorado. Me-dito junto às damas que servem O rei. Um polo é custeado à custa do segundo. Na cozinha enrustida daquele tabuleiro, as damas avançam mancadas, sustentando-se em meio às capturas verticais de mandos e discursos de poder. Não lavo a louça da majestade, nem isso é preciso, porque outra já antecipa: deixa aí que eu lavo, deixa. Deixa que sou dama, deixa que essa meleca me diz respeito. Comemoro aos anos, um dia após outro. Esses, após, esse bolo de meleca morna, sopa de Mafalda, crítica da rebelde quase-derridiana. A clausura até numa pia de comemoração. *Différer* para deslocar o aperto daquela cozinha.

*

Os binarismos movem-nos e um polo passa a ser custeado ao preço do segundo. O que comanda é a hierarquia binária.

| | | | |
|-----------------|----------------|----------|----------|
| diferença | mesmidade | mal | bem |
| velho | novo | rastro | marca |
| disrupção | manutenção | mentira | verdade |
| inconsciente | consciente | ausência | Presença |
| pulsão de morte | pulsão de vida | - | + |
| mulher | homem | noite | Dia |

| | | | |
|--------------|-----------------|-----------------|---------------|
| <i>eros</i> | <i>thanatos</i> | frio | quente |
| presença | falta | <i>logos</i> | <i>pathos</i> |
| viver | morrer | desconstruir | construir |
| margem | centro | <i>ser</i> | <i>ter</i> |
| escritura | escrita | alma | corpo |
| instável | estável | dentro | fora |
| destruir | construir | esquecimento | memória |
| espontâneo | previsível | sair | chegar |
| feminino | masculino | cultural | natural |
| selvagem | civilizado | entendimento | percepção |
| pensamento | ação | rastro | presença |
| disseminação | sentido | desordem | ordem |
| incerteza | certeza | indecisão | decisão |
| submissão | dominação | esconder | mostras |
| adormecer | despertar | cópia | original |
| desatenção | atenção | efêmero | duradouro |
| senso comum | ciência | simples | complexo |
| passageiro | eterno | inclassificável | classificável |
| patológico | normal | nada | tudo |
| preto | branco | mistura | unidade |

Acontece que, na clausura dos binarismos, a linguagem pode e pede que vacile, ela é uma estrutura instável. Para Derrida (1973), o signo é uma marca, um sinal, um traço que vai ocupar a posição de outra coisa; portanto o signo nunca vai coincidir com a coisa/ente ou com o seu referente/conceito, o que estamos reiterando sobre a *metafísica da presença*. Ela, a *metafísica da presença*, é a ilusão de olhar para esse traço/signo/marca como uma presença, de vê-lo como conceito ou coisa/ente presentificado. Ao mesmo tempo, é dessa ilusão que faz o movimento para o signo funcionar.

Para Derrida (1973), o signo traz consigo sempre o traço daquilo que ele substitui e daquilo que ele não é. Ao afirmarmos “somos brasileiras” essa afirmação traz o traço do outro, da diferença, já que se somos brasileiras não somos canadenses e isso mostra que a dita mesmidade vai portar sempre o traço a outridade, da diferença, portanto a presença da coisa é indefinidamente adiada e nunca se concretiza.

*isso que tu perguntou, de quando algo te toca, é que provavelmente tem uma questão pra ser trabalhada, tu perguntou quando isso pode me incomodar e tal. Curiosamente nunca me fisgou uma questão assim... u-uma-uma coisa que tem eu acho mas que tem com isso do desenvolvimento profissional é quando tu táis trabalhando muito tempo com uma pessoa uma questão, tu já falou de várias formas, tal, e... aí de repente ela vai em algum lugar, faz alguma coisa e volta e fala exatamente as mesmas coisas que sempre falou mas daí houve uma mudança, né, e aí com certeza o ego do analista fica, tipo: porra! Mas tu já tratou isso aqui, a gente já falou exatamente isso! ...não foi insight diferente, não foi... precisou vim de fora?! Mas isso é algo que é dito também, né, e é necessário esses movimentos e eu como analista vou ficar brabinho que isso tinha que ter vindo de mim? Não! E se aconteceu, o que esse um ano de trabalho possibilitou, depois lá e ouvir e isso fazer mudança então é aí que vale né. Então esse diferente e estranhar... **eu não sei se eu tenho muito problema com o diferente**, eu acho que eu sou mais de boa com isso e se eu tenho problema eu acho que eu tento de fato investigar, eu acho que essa é a ética, também, né, porra se isso me incomodou, que que deve ter aí, né? Mas eu acho que eu nunca vi algo gritante... **em mim?***

É improvável que o trabalho analítico mostre linearmente seus efeitos, pois não se sabe em quais pontos, ou quando, ou onde, uma nova leitura será produzida pela analisanda. Sobretudo o incômodo parece ser uma premissa basilar para o trabalho com a alteridade e para que os movimentos dos sujeitos aconteçam. Esse movimento contínuo resulta num jogo sem fim que abre o texto, desloca-o, põe-no também em movimento. O que Derrida traz com o quase-conceito de *indecidível*, o que remete, em certa medida, a *foraclusão* dos binarismos sim/não, *logos/pathos*, natural/cultural, que vai propor um adiamento de uma resposta que satisfaça em plenitude seu enunciado. Um ano de trabalho em análise faz surgir um *insight* num outro lócus por estar atrelado a outra figura, que não a da analista. Onde está o ponto de mudança?, Nem aqui, nem ali?, Está aqui e aqui e aqui. É sempre possível localizá-lo? O *indecidível* que não é a indeterminação, nem não é a ausência, fala da possibilidade de pensar que não existe verdade pura ou absoluta; também diz respeito a um jogo entre duas possibilidades ou opções determinadas.

Se tratando de pontos de encontro, as entrevistas se deram, em cinco dos seis encontros, nos consultórios das psicanalistas. O consultório de uma psicanalista pode estar marcado pelo local em que ela habita a escuta desse outro que acolhe. Acolher-me em seus consultórios também marcou um ponto importante da escuta, *turner*, quando quem vem para o consultório é alguém que traz uma demanda de escutar o que este tem a dizer. Eu

quero saber o que você tem a dizer sobre alteridade, lhe convido a falar. O que foi dito no convite às participantes é que seria uma entrevista com questões norteadoras dentro do tema alteridade, mas que seguiria a proposta da *livre associação*. Como disse anteriormente, isso já me mobilizou muito por pensar que só existiria entrevista se de fato as perguntas fossem feitas e de que se esperava que quem vai entrevistar pergunte. Esse movimento de estar em consultório, mas numa posição outra de escuta. Para a desconstrução existe uma contaminação do que é da ordem do estrangeiro que habita o conhecido e que compromete toda a hierarquia, provocando uma mistura do comum para seu derivado, privando o pensamento de estar seguro e sob clausura.

*a minha concepção de alteridade na verdade não é nenhuma. Eu joguei ali no Google hoje, né, hoje... hoje ou ontem: alteridade, e veio a questão do contraste, uma coisa que veio meio que com a filosofia pós-moderna etc e tal, né. Eu fiquei pensando, não sei se tu quer saber da relação com o outro? Ou com a relação do contraste, que ficou um pouco mais de percepção. Enfim, partindo dessas duas, né, ahmm, **a questão de alteridade a gente pode falar tanto da situação do contraste que seria mais uma coisa de... o Lacan fala da... lógica fálica... uma questão sobre presença e ausência e ele tira um pouco da questão pênis-vagina em Freud que é uma das nuances dessa questão de contraste e ele trabalha a questão da lógica fálica como o falo em vez do pênis, sendo essas questões positivas: de marca, de presença, então isso é um pouco mais filosófico da percepção. E também podemos pensar da relação com o outro que é tipo essa... esse eterno... essa eterna dualidade. A gente tá na clínica do que que é meu? Do que que é do outro? Será que eu que tenho que mudar por causa desse relacionamento? Do tipo: eu não tá mudando é uma parte do meu sintoma? Ou na real eu não quero tá nesse relacionamento? E esse relacionamento é o meu sintoma? Vamos supor. Um dos paradoxos que aparecem na clínica, assim. Normalmente quando se fala de relacionamento tem muito essas dúvidas, então essa constante dualidade do eu e do outro. Enfim, **tu vais pontuar alguma coisa ou tu só quer saber mesmo o que eu teria pra falar sobre isso?** [risos]***

E: Bom a entrevista já está acontecendo, eu tenho algumas questões sim, como falei antes pra você...

Tu vai me ouvir?

Um sujeito que, embora apresente isso de não ter algo pronto, *minha concepção de alteridade na verdade não é nenhuma* e que desliza para *eu fiquei pensando* e continua a discorrer sobre a temática, dá mostras de acolher o diferente, sem que precise se armar com

conteúdos muito prontos. Fugindo da mesmidade, em que *a priori* esperamos que o analista vai ouvir e analisanda vai falar, *tu vai me ouvir?* Desacomoda um tanto o centro.

quando tu diz alteridade eu-eu remeto muito a esse o in-, eu me remeto muito a O Inquietante, que lembra o estrangeiro, assim e, não sei, é a primeira coisa que me vem quando, né, tu falou da alteridade, é a primeira coisa que eu começaria a falar se eu precisasse explica-lo de alguma forma de falar disso, mas que é O Inquietante, né. Eu lembro de um texto do Freud, bem na teoria da sedução que ele diz um corpo estranho, né, pensando aí ainda uma forma muito biológica consciente, né, isso que habita aí as históricas e que nos habita, a gente sente que é nosso mas também diz de algo que a gente não reconhece em nós. Me vem muito isso com alteridade, assim, com este outro que nos chama a atenção e nos chama a atenção porque de alguma forma diz algo da gente, mas ao mesmo tempo diz de outro lugar, acho que aí que eu entendo alteridade, né, esse outro que não é autoridade, né, com a ideia de uma imposição. Mas esse outro que surge na relação pela via da transferência de que algo aí se transfere de mim ao outro e que eu dou um lugar pra ele, eu dou um lugar que desconheço, acho que isso que me lembra alteridade. Esse, esse inquietante que às vezes pode ser projetado, transferido ao outro mas isso que me habita e que me lembra um pouco de algo que eu não sei, mas que tem uma lógica, que opera nas minhas palavras, nos meus atos, acho que isso que me lembra alteridade, né que não é esse exterior, parece que não tem exterior nem interior.

Que não é esse outro da realidade mas que né, que é esse outro e sou eu também e mas que algo que desconheço e acho que também, nisso o que eu falava antes de Laplanche e da constituição de sujeito diz que o tempo inteiro eu tenho que dar conta de responder algo da relação com o outro, que algo que não só diz de mim, mas que diz do outro de nós assim, acho que aí tá o lugar da alteridade isso que me provoca e que me tira do centro. Do centro pensando de uma organização, de uma razão, vem me provocar um grau de desconhecido que é bem conhecido, né, como se quase sempre fosse esse lugar de... de provocar uma inquietação,

Lidar com as alteridades pede um posicionamento, também entendido por uma decisão diante da imprevisibilidade, do desconhecido e do escorregadio. Se apostamos que ali tem um sujeito que assim como um conceito não está fixado nem no tempo, nem em substância, assumimos eticamente uma responsabilidade diante das alteridades emergentes, estando a capacidade inventiva derivada do reconhecimento dessas alteridades.

quando Freud diz o homem não é senhor na sua própria terra, na sua própria casa, ahm, ele tá dizendo que há um substrato e que atua ali e quando ele vê ele fez aquela mesma

*coisa que ele não queria fazer: perdeu o emprego mais uma vez, duas vezes, três vezes, então e quando se vai ver isso que se repete tem algo que... mas como é possível alguém perder, querer perder o emprego? Quer dizer, o que ele faz que ele perde o emprego? Então, também não sabemos, não temos um saber a priori sobre isso, a clínica vai possibilitar essa investigação. O que... o que se passa aí? E se costuma dizer que uma psicanálise é uma análise do infantil. E que quem vai por outro caminho geralmente dá com os burros n'água... ou seja, ou que constituiu as principais vigas do nosso funcionamento psíquico foram os anos iniciais da nossa existência. Então a partir daí, você chegar aí, já não é fácil. Recentemente escutei alguém que dizia, eu me lembro a partir da minha entrada na escola, antes não lembro NADA! E outros que tem menos trabalho do recalque e já lembra a partir dos três anos, já se lembra da pré-escola, então... **nós não estamos lidando com coisas muito fáceis. Porque algo que foi recalcado tinha uma razão para isso. E esse trabalho de repressão se dá com muita veemência! Algo que o sujeito sustentou ao longo da sua vida e num momento da sua vida aquilo fica capenga, não funciona mais e aí ele tem que se haver, e é aí que ele geralmente busca um trabalho porque a angústia o invade. Um trabalho de querer saber, não sem resistência e o trabalho clínico é um trabalho que caminha lado a lado com a resistência. Então a resistência faz parte da estrutura, então a gente às vezes escuta pessoas que dizem: ah RESISTÊNCIA da pessoa, RESISTÊNCIA do sujeito, RESISTÊNCIA do paciente. E... por que não? Será que alguém esperava que algo que foi construído e TÃO BEM construído fosse vir à tona... só por um ato de vontade!***

Havendo a compreensão de que nenhuma subjetividade está fixada no tempo, lidar com as alteridades, pede-nos o tempo todo que façamos as pazes com essa coisa que emerge e que nos deixa quase sempre assustadas, pois é doloroso lidar com perdas. Sejam elas imaginárias, simbólicas ou reais. Quanto cuidado existe em cada pessoa que acolhemos em nossos consultórios! Também é acometida por sustos e assombros, aquela pessoa que nos endereça sua história. O que estamos lidando pode muito se aproximar das categorias trazidas em cena como a possibilidade de habitar o entre, não respondendo pela necessidade de sustentar uma presença. Pode ser assustador o indecível, ao exigir que nos arrisquemos a prosseguir, mantendo suspensas as lógicas da *metafísica da presença*, seus binarismos e hierarquias; e com força insistindo que mantenhamos nosso pensamento sedimentado. É um perigo necessário às aparições!

8 CONSIDERAÇÕES

Forasteiro traz consigo o rastro de uma presença que já se faz outra. Lacan ([1972-1973] 1992) versa no *Seminário, livro 20, Mais Ainda*, capítulo *A Função do Escrito*, acerca do aperfeiçoamento da linguagem quando se trata de jogar com a escrita. Pede aos que estão no seminário que leiam Joyce como exemplo. James Joyce escreveu uma importante obra literária, ao longo de dezessete anos, publicada em forma de romance em 1939, intitulada *Finnegans Wake*, e que é considerada um grande marco da literatura experimental por ser escrita em uma linguagem composta pela fusão de outras palavras, tanto em inglês como em outras línguas, como francês e alemão, buscando uma multiplicidade de significados. Isso faz com que sua tradução para qualquer língua seja muito complexa, se pensarmos na ideia de uma tradução que remetesse ao original, minimamente. É um exemplo de texto que não pede nossa compreensão, na busca de um sentido único e verdadeiro, mas que joguemos com ela, que vivenciemos o acaso, que permitamos deixar o acaso nos atravessar.

Ah, não é só pra explicar: ah, tá vendo? Tu é assim por causa de lá. Não! É tipo quando tu consegue lembrar o que te fez, entre aspas, assim, ali que é uma possibilidade de tu se libertar disso. Até essa interpretação não pra fixar um sentido, mas pra libertar de um sentido único, né, de recordar né, tu repete sem recordar, aí tu recorda, a partir dessas interpretações que a gente faz com as repetições, e a partir dali a gente consegue elaborar, né. Não é uma vez só também, de uma só vez, enfim, esse é um texto: Recordar, Repetir e Elaborar do Freud, né. Ba ba ba.... alteridade, já me perdi... Enfim, muitas coisas, né, porque o assunto é assim,

Investigar as concepções de alteridade de psicanalistas que atuam na prática clínica fez ressoar esses encontros que subvertem a racionalidade costumeira e abrem espaço para o espontâneo. Estando as entrevistas atravessadas pelo que se propõe na *livre associação*, buscou-se, assim como o que se espera numa relação analítica, produzir encontros que rompessem com o determinismo lógico, oferecendo espaço para a subjetividade e a implicação de cada sujeito. A psicanálise enquanto estratégia de investigação aposta numa implicação direta do sujeito e vai ao encontro da exclusão da mesmidade, o que caracteriza o cognoscente científico em sua busca pela imparcialidade e neutralidade. Não havia como estar neutra àqueles encontros, eram textos vivos.

As pessoas entrevistadas propuseram-se a elaborar respostas sobre suas concepções de alteridade, e suas respostas aparecem vinculadas a questões de contraste, de diferença, do estrangeiro, de um não-saber, de um não-todo, de um sujeito-cindido, da relação eu-outro.

Houve assim a necessidade de reconhecimento de um desconhecido que se apresentou na relação analítica; e foi preciso que se estabelecesse um limite nessa relação, que existisse o cuidado de esse agente, em posição de, supostamente, conduzir a análise, não se esparramasse demasiado no outro que o procurava. Também apareceram concepções atreladas ao reconhecimento do outro não como um agente externo, portanto não necessariamente outra pessoa, mas vinculadas a ideia de que o outro está na relação entre sujeitos, por isso a analista além de se deparar com a estrangeira, aquela que está numa fronteira delimitada, também se depara com a sua desconhecida.

A obra de Joyce, *Finnegans Wake*, faz tremer a leitura nisso que Lacan fala em *A função do Escrito*: “O significante vem recheiar o significado. É pelo fato de os significantes se embutirem, se comporem, se engavetarem, que se produz algo que, como significado, pode parecer enigmático, mas que é mesmo o que há de mais próximo daquilo que nós analistas, graças ao discurso analítico, temos de ler – o lapso.” (LACAN, [1972-1973] 1992, p. 51).

Pela possibilidade infinita de leituras que se diferenciam é porque ou se lê mal, ou se deixa de ler. A leitura de Lacan é a de que o que é enunciado como significante, os analistas fazem sempre uma leitura outra que não é o que ele significa. Ao tomar a obra de Joyce como um significante, todas as traduções já feitas, inclusive para o português, devem dar sempre uma leitura outra sobre que ele significa. É por isso que se pode dizer que se fazem péssimas leituras. Outrossim, conforme Lacan, a condição da escrita sustenta-se por um discurso que tudo escapa; dito de outro modo, ainda que sejam péssimas leituras, que sejam feitas leituras e as leituras sejam supostamente possíveis de acordo com o que se apreende.

O que acontece quando não se elege uma língua como centro? Autores como Joyce, Lacan e Derrida, por exemplo, propõem-se a um discurso analítico que deixa à margem o significado, indicando um descentramento:

não está aí,

não está aí,

não está aí. Vem-me agora à

lembrança muitos relatos de pacientes que falam na teoria do trauma, no qual existe essa fantasia de que no ponto central, sempre localizável no tempo, no espaço e na narrativa, estariam concentradas todas as peripécias dos sofrimentos posteriores a esse marco de trauma. A subversão, segundo Lacan, na produção do que ocorre no discurso analítico, que é tão difícil de sustentar, por provocar justamente seu descentramento, não é apenas mudar o ponto de rotação, mas “[...] ter-se substituído o *isso gira* por um *isso cai*.” (LACAN, [1972-1973] 1992, p. 59).

Isso cai

e foge na lógica do centramento.

As três feridas narcísicas, às quais Freud ([1917] 2010, p. 186) se referiu como dolorosos golpes a humanidade, são: a Terra não é o centro, Deus não é o poderoso criador da mulher e nem essa mulher é a senhora em sua própria casa. Esses golpes, segundo Lacan ([1972-1973] 1992), parecem não ter ferido tanto o rosto de mulher que logo buscou substituir, muitíssimo bem, o centro pelo Sol. E o que sabemos sobre o Sol? Sabemos que existem tantas outras milhões de galáxias e que é a isso que chamamos de espaço e damos o nome de ser infinito... Mas porque haveria a Via Láctea ser o centro?

O que resta no centro é essa boa rotina que faz com que o significado guarde, no fim das contas, sempre o mesmo sentido. Este sentido é dado pelo sentimento, que cada um tem, de fazer parte de seu mundo, quer dizer, de sua familiazinha e de tudo que gira ao redor (LACAN, [1972-1973] 1992, p. 59).

O esforço feito de posicionamento da entrevistada ao questionar os centros, e o que haveria de possibilidade de mudança daquilo que estava pré-definido, acompanhou o movimento de *isso cai*, e produziu uma ruptura ao que havia se convencido *centro*, inventando uma outra leitura possível.

Muitas das pesquisas em psicanálise (MEZAN, 2002) já se ocuparam em pesquisar fenômenos adstritos às temáticas das pacientes e das analisandas, dessa forma a figura e o trabalho das psicanalistas foram postos em reserva. Assim a leitura que fazemos é que esta pesquisa se propôs a um deslocamento, num movimento desconstrutivo; trabalhando com concepções de psicanalistas sobre alteridade, pensando o fenômeno de pesquisar a diferença unida ao processo analítico e trazendo a figura da psicanalista para falar. Afinal, convidou-se a falar quem está habituada a posição da escuta ou da reserva de si.

*às vezes eu mesma né, Fernanda, fico pensando né que [cidade] é uma cidade pequena, é uma cidade que... bom, a cultura da psicanálise ela foi... nem sei se chegou... mas foi progressivamente se instalando mais a partir de uma prática, né, e a gente tem notícias de que não só aqui mas em outras cidades no Brasil e no mundo e acho que sua pesquisa nesse ponto acho que ela pode identificar muitas coisas importantes que a psicanálise é... às vezes **existem tantas psicanálises quanto psicanalistas que se chamam psicanalistas**. Eu mesma quando fui colocar a placa aqui no meu consultório... ahm, eu falei: olha, escrevam psicanálise, não escrevam psicanalista. Sim, mas quem pratica psicanálise não é psicanalista?*

Busquei provocar a inversão/deslocamento, num movimento de gesto duplo, tal qual a proposta da desconstrução derridiana. Assim como Derrida ([1996] 2001) problematizou a pureza de uma língua e questionou A língua como unidade original (com um início pontual e localizado, como uma essência da língua), esta pesquisa pretendeu evidenciar que não há possibilidade de identificar qual concepção de alteridade representaria mais puramente uma unidade; seja ela idealmente construída pela lógica de que um amplo conhecimento teórico e prático revelariam essa pureza, seja ela entendida pela ideia da referência direta entre o fazer e o dito. Em outras palavras, não há possibilidade de suspender as fronteiras que delimitam o que é forasteiro e identitário para falar do deslocamento incessante provocado pelo movimento do rastro.

A própria elaboração de como recorrer ao conhecimento produzido na pesquisa se reportou aos procedimentos da desconstrução e da tradução derridiana, bem como, aos pressupostos da psicanálise envolvendo preferencialmente Lacan. Assim, trabalhei com o conhecimento produzido nas relações com o outro sob a forma de textos, ou seja, tanto os textos produzidos na relação construída nas entrevistas, quanto os textos produzidos na relação da pesquisadora com o corpo teórico lido e analisado. Procurei não recorrer à estratégia de construir uma tradução de cada entrevista, buscando um sentido para a fala de cada psicanalista, como se fosse possível estabelecer e definir leituras finais para cada texto. Procurei construir uma inserção, um entrelace de textos, pondo em comunicação minhas leituras de Derrida e de Lacan com a produção as falas postas nas entrevistas. Uma abertura de possibilidades para o encontro de alteridades das participantes da pesquisa e para o encontro de alteridades com a leitora.

No início do texto desta pesquisa, recorri ao uso do entrelaçamento dos textos das participantes com os textos da pesquisadora, fazendo-os emergir sem oferecer apressadamente uma explicação, inventando brechas do que poderíamos pensar ser um texto indene. Assim como, esteticamente *tourner les mots*, girei as palavras em dois parágrafos sem mencionar esses movimentos previamente, por acreditar que as alteridades nos encontrariam, pois somos tomadas por elas sem convite de acesso. Advertidas de que os conceitos marcam e comandam uma época, muitos sob a forma de clausura, ainda sim, sempre é possível abrir outras modalidades, habitando o desconhecido.

Penso que as ressonâncias de pesquisar, junto das leituras, dos novos autores, dos outros modos de pensar e de fazer pesquisa, de fazer pesquisa no enclave em que está a Psicanálise, das entrevistas, do processo mobilizador da escrita da dissertação, das orientações, das negociações conturbadas com outro trabalho que conciliei concomitante ao

da pesquisa, todas essas ressonâncias provocaram insistentemente e a todo momento em mim a necessidade de que eu inventasse um outro modo de expressão que se dava sempre na manutenção da diferença.

Cito alguns desses aspectos que envolveram as ressonâncias de pesquisar, como o fato de ampliar a rede de contatos antes pensada adstrita a cidade onde trabalho, depois para todo o Estado de Santa Catarina, porque a possibilidade de trabalhar com outros autores além dos que eu pensava serem os gurus da psicanálise foi reiterado fortemente na entrevista, no processo de seleção para o mestrado. Isso colocou à prova o trabalho com a desconstrução derridiana, que eu acreditei no início ser excêntrica e, havendo deslizado para um desejo de aproximação para com ela, comecei a pensar como seria isso da desconstrução. Eu quis trabalhar com ela e por meio dela e viver a experiência primeira desconstrutiva, perceber seus efeitos em modos de pensar e lidar com as vivências cotidianas; ampliar os questionamentos entorno das entrevistas com as psicanalistas. As perguntas são importantes, porém ainda existem entrevistas sem necessidade de pressa ou de se antecipar com questionamentos. Isso de lidar com um texto que desborda as significações e os sentidos, ainda que estejamos habitadas por eles, de sentir as ressonâncias no processo, ofereceu a minha prática clínica as indagações, os outros modos de compreender e vivenciar o processo analítico.

Considero que a prática clínica pode enveredar desconstruindo leituras que se baseiam no tamponamento das diferenças. Isso só é possível, se eu me arriscar num trabalho que me faça reinventar, reconhecendo as alteridades que dele advém. A capacidade inventiva está intimamente atrelada ao que chamamos de herança, e só se pode ser herdeira na condição de manutenção de traços tradicionais, acrescidos de outros que lhe são suplementares. Inventar um jeito de fazer clínica, reconhecendo as alteridades em cada pessoa, em cada sessão, única, irrepitível, singular, bela por ser efêmera, intransponível, que nos atravessa como um tijolo em alta velocidade, é para mim fazer arte enquanto expressão de algo que, embora se repitam, as cenas nunca se repetem.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. **Livro Sobre Nada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
- BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.
- BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. Tradução de Flavio Rangel. São Paulo: Abril Cultural, 1977.
- BRANCO, Felipe Castelo. Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise. **Ágora**: Rio de Janeiro, 2014, vol.17, n.1, pp. 85-98.
- CHAUI, M. Filosofia moderna. Em: **Primeira filosofia: Aspectos da história da filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 60 a 108.
- COSTA, Ana; POLI, Maria Cristina. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. **Pulsional. Revista de Psicanálise**. Ano XIX, n. 188, dezembro, 2006. Pp. 14-21. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188_02.pdf>. Acesso em 19 mai. 2018.
- DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DERRIDA, Jacques. **A voz e o fenômeno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Mirian Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1973.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana**. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, (1995) 2001.
- DERRIDA, Jacques. A diferença. Em: **Margens da Filosofia**. São Paulo: Papyrus, 1991, Pp. 33-64.
- DERRIDA, Jacques. **O Monolinguismo do Outro ou a Prótese de Origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.
- DERRIDA, Jacques. Posições: Entrevista a Jean-Louis Houdebine e Guy Scarpetta. Em: **Posições**. Belo Horizonte: Autentica, 2001. Pp. 45-114.
- DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, (1987-1998) 2006.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. Políticas da diferença. Em: DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã... diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, pp. 32-47.
- ENRIQUEZ, Eugène. Psicanálise e Ciências Sociais. **Ágora** (Rio de Janeiro) v. VIII n. 2 jul/dez 2005. Pp. 153-174. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/>>

agora/v8n2/a01v8n2.pdf>. Acesso em 19 mai. 2018.

FATHY, Saffa. **D'ailleurs Derrida** [filme]. La Sept Arte – Gloria Films Production, 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JMQDUrQ6ctM>>. Acesso em 12 dez. 2019.

FIGUEIREDO, L.C. O tempo na pesquisa dos processos de singularização. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 15-33, 2002. Disponível em: <<http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/psi-24632>>. Acesso em 03 abr. 2018.

FIGUEIREDO, Luís Claudio e MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **J. psicanal.** [online]. 2006, vol.39, n.70, pp. 257-278. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>>. Acesso em 05 abr. 2018.

FIGUEIREDO, L.C. Para além das matrizes: a psicanálise como enclave da modernidade. **Revista de Psicologia**. Fortaleza, v. 21 n.lf2, p.103-110, jan-dez, 2003.

FREUD, Sigmund. Hereditariedade e etiologia das neuroses [1896]. Em: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Jayme Salomão, trad. Volume III, Rio de Janeiro: Imago, pp. 143-155.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo [1934-1939]. Em: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Volume XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 15-150.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente [1915]. Em: **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos [1914-1916]**. Obras Completas, Vol 12. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, pp. 74-112.

FREUD, Sigmund. O Inquietante [1919]. Em: **História de uma neurose infantil, O homem dos Lobos e outros textos [1917-1920]**. Obras Completas, Vol 14. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, pp. 247-283.

FREUD, Sigmund. Uma Dificuldade da Psicanálise [1917]. Em: **História de uma neurose infantil, O homem dos Lobos e outros textos [1917-1920]**. Obras Completas, Vol. 14. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010, pp. 179-187.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Palavra e Verdade**: na filosofia antiga e na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do Eu. Em: LACAN, J. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1966) 1998. Pp. 96-103.

LACAN, Jacques. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada [1945]. Em: LACAN, J. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1901-1981) 1998. Pp. 197-213.

LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Em: LACAN, J. **Outros Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1973) 2003. Pp. 29-90.

LACAN, Jacques. O aturdido. Em: LACAN, J. **Outros Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (1973) 2003. Pp. 448-497.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8. A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, (1969-1970) 1992.

LACAN, Jacques. Na base da diferença dos sexos. Em: LACAN, J. **O Seminário livro 19 ...ou pior**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Pp. 173-184.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20, Mais, Ainda**. Rio de Janeiro, Zahar, (1972-1973) 1992.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Em: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pp. 248-264.

LACAN, J. **O seminário: os escritos técnicos de Freud, livro 1 [1953-1954]**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LAPLANCHE, J. A psicanálise extramuros. Em: **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, Pp. 11-12.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise** (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Os Melhores Contos**. Seleção Walnice Nogueira Galvão. 2ª edição. São Paulo: Global, 1988.

MARTINS, José Clerton de Oliveira *et al.* De Kairós a Kronos: metamorfoses do trabalho na linha do tempo. **Cad. psicol. Soc. trab.**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 219-228, dez. 2012. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v15n2/v15n2a05.pdf>>. Acesso em 19 maio 2018.

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. **J. Psicanal.** São Paulo, v. 39, n. 70, p. 227-241, jun, 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2018.

MEZAN, R. **Psicanálise e pós-graduação: Notas, exemplos, reflexões**. In: MEZAN, R. Interfaces da psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, p. 395-435, 2002.

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OLIVEIRA, ML., org. **Pesquisa, Psicanálise e Pós-graduação**. In: (Im)pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 193 p.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicol. Soc.** Florianópolis, v. 22, n. 1, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2018.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Universidade de Fortaleza. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n2/08.pdf>>. Acesso em 18 mai. 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PUIATI, Tarcísio Lara. **Cara a Tapa**, peça teatral. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/dramaturgia/usu_doc/cara_a_tapa.pdf>. Acesso em 01 out. 2018.

YERUSHALMI, Y.H. **O Moisés de Freud: judaísmo terminável e interminável**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Área de concentração 2 – Psicologia Social e Cultura
Linha 2 – Processos de subjetivação, gênero e diversidades

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa sobre a alteridade baseada na obra de Jacques Derrida e de Jacques Lacan, suas ressonâncias na prática clínica, bem como sobre as concepções que psicanalistas pressupõem sobre este tema da alteridade, a ser realizada pela pesquisadora Fernanda Albrecht, sob orientação da Profa. Dra. Mériti de Souza, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O estudo tem por objetivo primário investigar a concepção de alteridade de psicanalistas que atuam na prática clínica no município de Brusque, do estado de Santa Catarina, relacionando essa concepção com seu referencial teórico-metodológico. Como objetivos secundários, busca-se: a) analisar as concepções de alteridade nas obras de Jacques Lacan e Jacques Derrida, relacionando alteridade com a constituição do sujeito; b) analisar as concepções de alteridade de psicanalistas que atuam na prática clínica no município de Brusque, do estado de Santa Catarina.; c) analisar as possíveis relações entre as concepções de alteridade de psicanalistas e seu referencial teórico-metodológico que sustentam sua prática clínica.

A pesquisa será realizada por meio de entrevistas com psicanalistas que atuam na prática clínica no município de Brusque, estado de Santa Catarina. As entrevistas serão

agendadas em momento e local de preferência dos participantes. As entrevistas serão gravadas em áudio, sendo que nomes ou quaisquer dados que possam identificar as(os) participantes não serão usados. A pesquisa poderá suscitar algum desconforto ao entrevistado a partir da vivência subjetiva frente às questões propostas e, neste caso, o entrevistador irá procurar minimizá-lo, visto que sua formação em Psicologia inclui preparo para o manejo de tais situações.

Fui esclarecida(o) de que o uso das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicada(o), poderei contatar a pesquisadora pessoalmente ou por meio do telefone (47) 3308-3102. Também foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Fui esclarecida(o) de que não terei nenhuma despesa advinda de minha participação na pesquisa, bem como não terei qualquer compensação financeira. Fui esclarecida(o) de que caso eu tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, poderei solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada. Os dados fornecidos serão confidenciais, os nomes dos participantes não serão identificados em nenhum momento e o acesso aos dados coletados será realizado pela pesquisadora – Fernanda Albrecht – e/ou pela orientadora de pesquisa – Profa. Dra. Mériti de Souza.

As informações serão utilizadas para elaboração de dissertação de mestrado e na publicação em livros, periódicos ou divulgação em eventos científicos. Conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa a pesquisadora da pesquisa me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Eu, _____, RG _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar na pesquisa referente ao projeto intitulado “Faz Sina tua Diferença: Problematização da Alteridade em Lacan e Derrida e Ressonâncias na Prática Clínica”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para a realização da pesquisa.

Cidade, _____, (data) _____

Participante _____

Fernanda Albrecht

Dra. Mériti de Souza

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH-UFSC

Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401

Trindade – Florianópolis/SC – CEP 88.040-400

Contato: (48) 3721-6094 – cep.propesq@contato.ufsc.br